

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Ana Filipa Gama Barroso

**OS JESUÍTAS E A CIÊNCIA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS  
XIX-XX**

A HISTÓRIA DAS COLEÇÕES DO COLÉGIO DE SÃO FIEL NO  
MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Dissertação de Mestrado em Património Cultural e Museologia, orientada pelos  
Professores Doutores Pedro Casaleiro e Irene Vaquinhas, apresentada ao Departamento  
de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da  
Universidade de Coimbra

Setembro de 2019

# FACULDADE DE LETRAS

## OS JESUÍTAS E A CIÊNCIA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS

### XIX-XX

## A HISTÓRIA DAS COLEÇÕES DO COLÉGIO DE SÃO FIEL NO

## MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação</b>
<b>Título</b>	Os Jesuítas e a Ciência em Portugal nos Séculos XIX-XX
<b>Subtítulo</b>	A História das Coleções do Colégio de São Fiel no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra
<b>Autor/a</b>	Ana Filipa Gama Barroso
<b>Orientador/a(s)</b>	Prof. Doutor Pedro Casaleiro Professora Doutora Irene Vaquinhas
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Maria de Fátima Matias Sales Machado</b> <b>2. Doutor Pedro Júlio Enrech Casaleiro</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Património Cultural e Museologia</b>
<b>Área científica</b>	Museologia
<b>Especialidade/Ramo</b>	Museologia
<b>Data da Defesa</b>	<b>30 de outubro de 2019</b>
<b>Classificação</b>	<b>18 valores</b>



## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais – José e Maria Jesus – por me terem inculcado a importância da educação e por me terem apoiado incondicionalmente em todo o meu percurso escolar e académico. Obrigada pela paciência e compreensão nestes últimos meses. Aos meus irmãos – Luís e Nuno – por me incentivarem.

Seguidamente, agradecer aos meus orientadores: ao doutor Pedro Casaleiro, por me ter sugerido o estudo desta coleção e de me dar a oportunidade de conhecer e dar a conhecer a região de onde sou natural – a Beira Baixa – e à professora doutora Irene Vaquinhas, pelos conselhos e disponibilidade. A ambos, o meu maior agradecimento.

À conservadora de Zoologia do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, Cristina Rufino, pela disponibilidade e companhia nas reservas, bem como na participação da busca de exemplares.

Ao lepidopterólogo Martin Corley, por ter partilhado comigo os seus apontamentos e estudos sobre a coleção de Cândido Mendes de Azevedo S.J..

Aos professores da Escola Secundária Nuno Álvares – Adriano Cardoso, Fátima Pires e Célia Dias – um muito obrigada pela disponibilidade e pelo acolhimento no Museu de História Natural.

Ao Rui por o apoio e motivação do primeiro ao último dia.

Aos meus amigos de Lisboa quero agradecer a todos, sem exceção, as palavras de encorajamento ao longo destes dois anos. Ao meu amigo André, que partilha comigo o gosto por este tema, e me ajudou, prontamente, nas mais diversas ocasiões. Deixar, por fim, uma palavra especial à Rita, minha colega de mestrado e amiga, por me ter ajudado a adaptar à cidade e por me ter acompanhado durante toda a elaboração desta dissertação.

## RESUMO

### **Os Jesuítas e a Ciência em Portugal nos Séculos XIX-XX: as coleções do Colégio de São Fiel no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra**

Em 1863, os jesuítas adquiriram, a pedido do Papa Pio IX, o seminário de São Fiel, localizado na Beira Baixa, no sopé da Serra da Gardunha, transformando-o num dos mais importantes estabelecimentos de ensino privado em Portugal.

Estes sacerdotes destacaram-se, principalmente, pelo ensino prático das disciplinas científicas e não apenas teórico. O museu de História Natural, bem como os respetivos gabinetes, estava apetrechado com um bom número de espécimes e instrumentos, necessários ao ensino que pretendiam fornecer aos seus alunos. Para além disso, os sacerdotes daquela instituição dedicavam-se à atividade científica, principalmente à identificação taxonómica de espécies zoológicas e botânicas, divulgando-a na revista *Brotéria*, fundada em 1902, no Colégio de São Fiel.

Contudo, com a Implantação da República, o colégio foi encerrado, os jesuítas expulsos e as coleções foram depositadas em duas instituições: o Liceu de Castelo Branco e a Universidade de Coimbra. Esta dissertação pretende, assim, dar a conhecer esta importante coleção presente no atual Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), bem como os contextos em que foi criada e os principais colecionadores.

A coleção identificada neste museu é, especialmente, constituída por espécimes de zoologia, e que é fruto da atividade científica dos jesuítas do Colégio de São Fiel, e de exemplares enviados pelos seus colegas da Companhia ou leigos, de maneira a que aumentassem as suas coleções. O Herbário de São Fiel presente no Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra, apesar de não pertencer ao Museu da Ciência, será também abordada, uma vez que é incorporada na Universidade no mesmo contexto.

**Palavras-chave:** Coleções científicas, Companhia de Jesus, Museologia, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, Século XIX e XX.

## ABSTRACT

### **The Jesuits and Science in Portugal in the 19<sup>th</sup>-20<sup>th</sup> centuries: history of the collections of São Fiel College at the Science Museum of University of Coimbra**

In 1863, the jesuits acquired, at the Pope's Pius IX request, the Seminary of São Fiel, located in Beira Baixa, at the foothill of Serra da Gardunha, making it one of the most important private educational institution, in Portugal.

These priests stood out mainly for teaching the science disciplines using a practical method and not only theoretically. The Natural History museum and the cabinets were equipped with a good number of specimens and instruments, essential to the teaching they wanted to provide for their students. Furthermore, the priests of that institution were dedicated to scientific activity, primarily in taxonomic identification of zoological and botanic species, publishing them in *Brotéria*, a scientific journal founded in 1902, at São Fiel.

Nevertheless, with the 5 October 1910 revolution, the College was closed, and the Jesuits expelled, and their collections sent to two institutions: Liceu de Castelo Branco (secondary school) and University of Coimbra. This dissertation aims to make known this important collection in the Science Museum of University of Coimbra, as well as the contexts in which it was created and the main collectors.

The collection identified in this museum consists, mostly, of zoological specimens, which are the result of the São Fiel's priests scientific activity, and specimens sent by other priests of the Society of Jesus and layman, in order to increase their collections. The São Fiel's herbarium deposited at the Department of Ciências da Vida of University of Coimbra, even though it isn't part of the Science Museum, will also be addressed as it was incorporated at the same time and context.

**Keywords:** Science collections, Society of Jesus, Museology, Science Museum of University of Coimbra, 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries.

## Índice

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	ii
<b>RESUMO</b> .....	iii
<b>ABSTRACT</b> .....	iv
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I – METODOLOGIA E ESTADO DA ARTE</b> .....	5
2.1. Metodologia .....	5
2.2. Estado da Arte .....	6
<b>CAPÍTULO II – A COMPANHIA DE JESUS, O LIBERALISMO E AS REFORMAS NO ENSINO LICEAL: DISCIPLINAS CIENTÍFICAS E A CONSTITUIÇÃO DE COLEÇÕES...</b>	11
2.1. Breve contextualização histórica da Companhia de Jesus.....	11
2.1.1. A fundação da Companhia de Jesus e o seu contributo para a educação europeia.....	11
2.1.2. A Companhia de Jesus em Portugal – educação, missionação e família real.....	13
2.1.3. A expulsão e supressão da Companhia de Jesus .....	15
2.1.4. O regresso da Companhia de Jesus a Portugal: a fundação de Colégios no século XIX.....	16
2.2. O ensino científico público e privado em Portugal .....	19
2.2. 1. A criação de liceus .....	19
2.2.2. Características do Ensino Jesuíta – a <i>Ratio Studiorum</i> – em oposição ao ensino estatal ....	23
2.3. Os museus escolares de História Natural e os Gabinetes em Portugal (século XIX).....	30
2.3.1. Os estabelecimentos científicos nos liceus: legislação <i>versus</i> realidade .....	30
<b>CAPÍTULO III – OS JESUÍTAS E OS SEUS COLÉGIOS. A CONSTITUIÇÃO DA COLEÇÃO CIENTÍFICA DO COLÉGIO DE SÃO FIEL</b> .....	33
3.1. O Colégio de São Fiel: de seminário franciscano a colégio da Companhia de Jesus.....	33
3.1.1. Seminário de São Fiel (1852-1863).....	33
3.1.2. Colégio de São Fiel – um colégio jesuíta (1863-1910).....	34
3.2. A atividade científica no Colégio de São Fiel – professores colecionadores e o contacto com a comunidade científica nacional e internacional .....	38
3.2.1. Principais protagonistas da constituição de coleções .....	38
3.2.2. Museu de História Natural e Herbário.....	41
3.2.3. Observatório meteorológico .....	44
3.2.4. O Gabinete de Física e o Laboratório de Química .....	45

3.3. A I República e o Exílio dos Sacerdotes Jesuítas .....	46
3.3.1. A dispersão das coleções científicas do Colégio de São Fiel .....	46
3.3.2. A comunidade científica nacional e internacional – pressão exercida para a recuperação das coleções científicas dos jesuítas naturalistas: casos de sucesso .....	52
3.3.3. A constituição de novas coleções no exílio pelos fundadores da Brotéria .....	57
<b>CAPÍTULO IV – A COLEÇÃO NO MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO</b> .....	60
4.1. Dos museus científicos da Universidade de Coimbra ao projeto unificado do Museu da Ciência .....	60
4.1.1. O processo de incorporação da coleção na Universidade de Coimbra .....	60
4.1.2. Os museus da Universidade de Coimbra dos finais do século XVIII ao início do século XX .....	63
4.1.3. A inversão de uma tendência – o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra .....	67
4.2. As coleções do Colégio de São Fiel no Museu da Ciência .....	68
4.2.1. Coleção Zoológica .....	68
4.2.1.1. Coleção de Aves .....	69
4.2.1.2. Coleção de Mamíferos .....	70
4.2.1.3. Coleção de Peixes .....	70
4.2.1.4. Coleção de Répteis .....	71
4.2.1.5. Coleção Entomológica .....	71
4.3.2. Coleção de Botânica .....	79
4.3.2.1. Herbário .....	79
4.3.3. Outras coleções na Universidade de Coimbra .....	81
4.3. Perspetivas futuras .....	82
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	85
<b>BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS</b> .....	87
<b>ANEXOS</b> .....	101
A - Documentais .....	102
Anexo A1 – Responsabilidades da direção do colégio de São Fiel para com as famílias de seus alunos .....	102

Anexo A2 – Relatório da Comissão de inventariar os bens do Colégio de S. Fiel – 22 de fevereiro de 1911 .....	103
Anexo A3– Destino das coleções do Colégio de São Fiel – <i>A Capital</i> , 15 de janeiro de 1912... 104	
Anexo A4 – Descontentamento por parte da Comissão responsável por dar destino às Coleções de São Fiel.....	105
Anexo A5 – Descontentamento por parte do jornal <i>Notícias da Beira</i> acerca do destino dado às coleções de São Fiel – 3 de março de 1912.....	106
Anexo A6 – Destino dado às coleções do Colégio de São Fiel – 17 de março de 1912 .....	107
Anexo A7– Decreto – Coleções de São Fiel ficam à guarda provisória da Universidade de Coimbra e do Liceu de Castelo Branco.....	107
Anexo A8 – Acta da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.....	108
Anexo A9– Carta de Cândido de Azevedo Mendes S.J. ao Dr. Júlio Henriques, diretor do Herbário da Universidade de Coimbra, sobre as coleções do Colégio de São Fiel [manuscrita] – 18 de Outubro de 1912.....	109
<b>B – Imagens.....</b>	<b>111</b>
Anexo B1 – Colégio de São Fiel .....	111
Anexo B2 – Visita dos alunos do Colégio de Campolide ao Colégio de São Fiel .....	111
Anexo B3 – Museu de História Natural de São Fiel .....	112
Anexo B4 – Gabinete de Física do Colégio de São Fiel .....	112
Anexo B5 – Museu da Revolução na <i>Ilustração Portuguesa</i> – janeiro de 1911.....	113
Anexo B6– O Museu das Congregações, em 1921 .....	115
Anexo B7 – Cecídias de Joaquim da Silva Tavares (Brotéria 1905) .....	116
Anexo B8 – Catálogos de <i>Les Fils D’Emile Deyrolle</i> – Julho de 1900 e maio de 1910.....	117
Anexo B9 – Serra da Gardunha.....	118
Anexo B10 – Ave do Colégio de São Fiel nas reservas de Zoologia.....	119
Anexo B11 – Etiqueta original do Museu de S. Fiel.....	120
Anexo B12 – Etiqueta colocada posteriormente no Museu Zoológico, datada de abril de 1912	120
Anexo B13 – Etiqueta rebordada a azul .....	121
Anexo B14 – Peixe-cofre, originário da coleção de São Fiel, em exposição.....	121

Anexo B15 – Rectângulo a que se refere Cândido Mendes de Azevedo S.J que servia para se identificarem os exemplares .....	122
Anexo B16 – Armário originário de São Fiel que alberga parte da coleção de Cândido Mendes de Azevedo S.J.....	122
Anexo B17 – Gaveta da coleção de lepidópteros .....	123
Anexo B18 – Exemplo de identificação das Coleções Entomológicas de África .....	123
Anexo B19 – Coleção de Coleópteros – pormenor da etiqueta «Leg. L. Lopes» .....	124
Anexo B20 – Alguns coleópteros de São Fiel no Museu da Ciência .....	124
Anexo B21 – Lepidópteros africanos de São Fiel .....	125
Anexo B22 – Uma das coleções de São Fiel não identificadas (parte exterior) encontrada enquanto se realizava a contagem de exemplares .....	125
Anexo B23 – Pormenor de etiqueta: «Leg. Silvano» .....	126
Anexo B24 – Exemplares não identificados de São Fiel juntamente com outros espécimes de outras coleções: pormenor etiqueta «Leg. [?] Tavares».....	126
Anexo B25 – Exemplares conservados em frascos .....	127
C – Tabelas.....	128
Anexo C1 – Lista de exemplares inventariados no MCUC.....	128
Anexo C2 – Lepidópteros de Cândido Mendes presentes no MCUC identificadas por Corley (não inventariadas) .....	131
Anexo C3 – Nº de exemplares da Coleção Entomológica proveniente de São Fiel.....	138



## INTRODUÇÃO

O Colégio de São Fiel foi uma das mais importantes instituições de ensino secundário, de cariz privado, em Portugal, dos finais do século XIX, até à Implantação da República, no início do século XX. Localizado no interior do país, na localidade de Louriçal do Campo, aldeia que dá nome à freguesia do concelho e distrito de Castelo Branco foi, a par do Colégio de Campolide, a escolha predominante das famílias portuguesas, com algum poder económico e financeiro, de oitocentos e inícios de novecentos. Das inúmeras personalidades que formou, o nome mais sonante é, sem dúvida, o primeiro prémio Nobel português, Egas Moniz.

Apesar de este colégio ter sido primeiramente criado para ensinar órfãos e crianças desfavorecidas, por um sacerdote franciscano, foi com a tutela dos jesuítas que cresceu a sua relevância e influência na região e no país. Para além da vertente de ensino, este Colégio viria a ser um verdadeiro polo religioso, onde muitas pessoas, sobretudo das aldeias limítrofes, se dirigiam, na maioria das vezes a pé e percorrendo vários quilómetros, para participar nas mais diversas celebrações religiosas, patrocinadas pelos jesuítas de São Fiel.

Foi, sobretudo na primeira década do século XX, um dos principais centros de produção científica do país. Para além da forte aposta no ensino das ciências experimentais, que já vinha desde o século XIX, esta vertente do colégio jesuíta culminou com a fundação, em 1902, da revista *Brotéria*, na qual sacerdotes da Companhia – principalmente, nos primeiros anos de existência –, mas também leigos, podiam divulgar as suas investigações científicas originais, nas mais variadas áreas, contribuindo para a produção científica, a nível nacional e internacional, e a de dar a conhecer a fauna e a flora portuguesas, principalmente das cercanias dos colégios jesuítas, nomeadamente a região de São Fiel, Lisboa (Colégio de Campolide), Torres Vedras (Colégio do Barro) e Setúbal (Colégio de S. Francisco). Para auxílio dos seus estudos científicos foram criados espaços museológicos, que à época estavam intimamente ligados ao ensino e à prática científica.

Com a Implantação da República, em outubro de 1910, as ordens religiosas foram expulsas, com efeito imediato, do país, e os seus bens – tanto imóveis como móveis – foram confiscados e nacionalizados pela I República Portuguesa. Isto inclui, portanto, todas as coleções de carácter científico, que os sacerdotes tinham adquirido, ao longo dos anos, e que eram imprescindíveis aos seus estudos pessoais.

O mote para esta dissertação é a existência de várias coleções originárias deste colégio beirão, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, e que se encontram ainda por investigar, nas mais diversas áreas do saber, apesar do crescimento do número de estudos relacionados com a ação dos colégios jesuítas do século XIX, que se verifica na últimas duas décadas do século XXI. Para além disso, a motivação prende-se também pelo facto de, em agosto de 2017, o edifício do Colégio de São Fiel, encerrado desde 2004, ter sido consumido na sua totalidade por um grande incêndio que assolou a Serra da Gardunha, acontecimento com pouca cobertura mediática, mas que, sobretudo para a aldeia do Louriçal do Campo, onde a memória do colégio ainda perdura e faz parte da sua identidade, marcou fortemente a população, com um sentimento generalizado de perda.

Dar a conhecer esta coleção centenária, depositada no Museu da Ciência, bem como o fornecimento de diretrizes para a identificação de exemplares, dentro do imenso espólio que constitui este museu, é o principal objetivo desta dissertação, pois muitos encontram-se ainda por identificar e inventariar. A falta de estudos acerca desta coleção e a perda de informações (etiquetas, números de inventário, o facto de não estar organizada, etc.) contribui para a diminuição do seu valor científico<sup>1</sup>. A situação em que se encontra a coleção científica oriunda de São Fiel é, na verdade, e como afirma Luís Miguel Pires Ceríaco, um problema generalizado nas coleções de história natural nacionais. Para este facto, contribuiu, principalmente, «a falta de continuidade geracional da atividade naturalista em Portugal» e a existência de inúmeras «instituições museológicas dedicadas à História Natural, tendo em conta a dimensão do país, fisicamente e administrativamente separadas»<sup>2</sup>.

Nesta perspetiva, a abordagem dada será sobretudo histórica, com o estudo dos seus contextos de criação, a identificação dos principais sacerdotes colecionadores e impulsionadores do ensino das ciências no colégio, mas também para o conhecimento científico nacional e internacional. Como defende Alexandre Matos: «A documentação de coleções e, a par, a sua gestão, são o ponto de partida para qualquer museu que pretenda cumprir eficazmente a sua missão»<sup>3</sup>. De facto, e seguindo o pensamento do autor, apesar de nos últimos anos o foco

---

<sup>1</sup> Luís Miguel Pires Ceríaco, *A Evolução da Zoologia e dos Museus de História Natural em Portugal*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência (especialização em Museologia), apresentada à Universidade de Évora, Évora, 2014, pág. 41. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/20827>. [Consultado a 25 de março de 2019].

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, pág. 42.

<sup>3</sup> Alexandre Matos, «Primeiro passo: documentar as coleções», *Atas do Seminário Internacional «O futuro dos museus universitários em perspetiva»*, Coord. Alice Semedo, Elisa Noronha Nascimento e Rui Centeno, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014, pág. 29.

dos museus ser, sobretudo, centrado no público e nos visitantes dos museus, não se pode descuidar o estudo e o conhecimento das coleções. Aliás, quanto melhor um museu conhecer as suas coleções, melhor e mais adequadamente pode comunicar com o público que o visita.

Não foram identificados todos os exemplares da coleção, o que seria, por um lado, uma tarefa morosa e impossível, que transporia o período temporal definido para a elaboração de uma dissertação de mestrado, dada a grande quantidade de exemplares presentes. Justifica também esse condicionalismo a dispersão, dentro das coleções, de exemplares oriundos de São Fiel, bem como questões ligadas ao estado da conservação e conservação preventiva, como a fragilidade dos exemplares, sobretudo insetos, entre outros fatores. Por outro lado, tratando-se de uma coleção científica, não possuo os conhecimentos técnicos para identificar exemplares não etiquetados ou de os atualizar taxonomicamente. Essa tarefa caberá a um biólogo realizar.

Para a identificação destes exemplares, a revista *Brotéria* revelou-se fundamental, principalmente a sua série única, de 1902 a 1906, e as séries Botânica e Zoológica, de 1907 a 1931, sendo uma das principais – senão a principal – fonte utilizada.

Por conseguinte, a estrutura da presente dissertação, será dividida em quatro capítulos. No Capítulo I será dedicada à metodologia utilizada, bem como o Estado da Arte, onde o objeto de estudo é o Colégio de São Fiel, na sua qualidade de centro científico.

No Capítulo II e tratando-se de uma coleção proveniente de uma instituição de ensino, serão abordadas as características do ensino jesuíta, de ensino privado, cuja base está no século XVI, até aos inícios do século XX, em confronto com o ensino público português de oitocentos, isto é, do ensino liceal português. É traçado ainda a realidade dos gabinetes e museus científicos nestes dois tipos de estabelecimentos durante os séculos XIX e XX.

De seguida, no Capítulo III, será apresentado o caso concreto do Colégio de São Fiel. Uma breve história institucional será apresentada, passando depois pelo ensino e prática da ciência e a criação de espaço a eles dedicados – como o Museu de História Natural ou o Observatório Meteorológico. O capítulo termina com a dispersão das suas coleções, sobretudo para a atual Escola Secundária Nuno Álvares, então, Liceu de Castelo Branco, e para os museus da Universidade de Coimbra.

Finalmente, no Capítulo IV, será traçado a História dos museus da Universidade de Coimbra, de maneira a compreender o cenário em que a coleção jesuíta foi incorporada, até ao quadro atual, do projeto unificado das coleções da Universidade, do qual resultou o Museu da

Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC). Serão identificadas as coleções que se encontram identificadas no Museu apresentando um número geral de exemplares, bem como dados históricos que possam auxiliar na identificação futura de exemplares como pertencentes ao colégio, principalmente o local de coleta e datas. O capítulo termina uma perspectiva futura desta coleção, segundo as tendências da museologia atual dos museus científicos e, mais concretamente, de História Natural.

## CAPÍTULO I – METODOLOGIA E ESTADO DA ARTE

### 2.1. Metodologia

A Museologia é caracterizada pela sua interdisciplinaridade. Os métodos a utilizar, no que toca ao estudo das coleções, podem ser, portanto, muito diversos, dependendo sempre do objetivo daquele que a estuda e da abordagem que pretende dar.

No caso da presente dissertação, a primeira abordagem ao tema passou pela utilização do método histórico. O primeiro passo foi a heurística, isto é, a recolha de fontes, monografias e estudos relacionados com a História do Colégio de São Fiel, estudos acerca do Ensino Jesuíta/Estatal e estudos histórico-museológicos acerca dos gabinetes e museus científicos. Esta recolha foi realizada em bibliotecas e arquivos, nomeadamente a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a Biblioteca Municipal de Castelo Branco e o Arquivo da Universidade de Coimbra; conteúdos disponibilizados *online*, como é exemplo a Biblioteca Nacional de Portugal, Hemeroteca Digital de Lisboa, *Jesuit Online Library*, *Internet Archive*, *Biodiversity Heritage Library*, entre outros; artigos da imprensa periódica como da revista *Brotéria – Cristianismo e Cultura*, *Biblos* e *HVMANITAS*; e ainda, atas de colóquios e congressos. Nesta primeira fase, nem todo o conteúdo integra a bibliografia da presente dissertação. Alguns estudos foram úteis para a abordagem que aqui se pretende fazer, mas outros, apesar de não integrarem a listagem final, foram importantes para o entendimento de determinadas temáticas.

As leituras de obras e estudos realizados no período do século XIX e XX representam um verdadeiro desafio, pois a temática jesuítica movimentava, à época, opiniões muito fervorosas, tanto pró-jesuíta, como anti jesuíta. Os textos são acompanhados, muitas vezes, de opiniões exacerbadas em relação ao *outro*. Foi necessário, por isso, ter em atenção aquilo que se lia, tendo em conta o subtexto, bem como as acusações que nem sempre correspondem à realidade histórica e estão deturpadas com as crenças pessoais dos autores.

No que toca ao estudo das coleções, no museu, o método foi quantitativo e qualitativo pois procedeu-se à contagem de exemplares e à sua divisão em categorias por classe e ordem, que só foi possível através da informação fornecida pelas fontes e, ainda, pela do próprio museu e organização das coleções. A coleção do Museu da Ciência foi ainda confrontada com

a Coleção do Liceu de Castelo Branco para se traçarem semelhanças entre objetos presentes nas duas instituições.

## 2.2. Estado da Arte

A bibliografia predominante no que toca à Companhia de Jesus concentra-se principalmente entre os séculos XVI e XVIII, que datam o período que vai desde a sua fundação, crescimento, predominância e participação no desenvolvimento científico, até ao momento em que caiu em descrédito, resultando na sua expulsão, primeiro em Portugal, com o Marquês de Pombal e, depois, noutros países da Europa, culminado na sua supressão, pelo Papa.

Para o período subsequente à expulsão, nomeadamente o século XIX, os estudos – apesar de nos últimos anos terem aumentado significativamente – acerca do desenvolvimento da ciência no século XIX e XX, em comparação com o período supracitado, continua a ser diminuto.

No caso concreto de São Fiel, os estudos realizados acerca deste estabelecimento de ensino a que tivemos acesso surgem sobretudo a partir dos finais do século XX, mantendo-se até à atualidade esta tendência, sendo o autor predominante Francisco Malta Romeiras.

José Eduardo Franco, autor de enorme importância e relevância no que toca ao estudo dos jesuítas, apresentou em 1997 à Universidade de Lisboa, a sua tese de doutoramento em História da Educação, orientada por António Nóvoa, intitulada *Brotar Educação. Análise do Pensamento Pedagógico da Brotéria (1902-1996)*, na qual procede sobretudo, como o título indica, a uma abordagem científico-pedagógica do pensamento jesuíta na Revista, fundada no Colégio de São Fiel, com base nas suas publicações.

Em 2001 é publicado um estudo de Maria Adelaide Neto Salvado intitulado *O Colégio de S. Fiel. Centro difusor da Ciência no Interior da Beira*, obra dividida em duas partes: uma que trata a História Natural e o estudo da Meteorologia no colégio e a segunda parte aborda o ensino da astronomia e das expedições realizadas para a observação do Eclipse Total do Sol. Conta ainda com um importante inventário da década de 20, do século XX, de objetos que presumivelmente pertenceram ao Colégio de São Fiel e que tinham dado entrada no antigo

Liceu de Castelo Branco, apresentando os argumentos para a ligação dos objetos mencionados a São Fiel.

Em 2004, José Eduardo Franco e Hermínio Rico coordenam uma obra comemorativa do centenário da *Brotéria*. Nela, José Eduardo Franco reúne um conjunto de dados biográficos dos diretores da revista, incluindo os sacerdotes fundadores Joaquim da Silva Tavares S.J., Carlos Zimmermann S.J. e Cândido Mendes de Azevedo S.J.

Mas é na década de 10, do século XXI, que marca o início de importantes estudos relacionados com a atividade científica dos jesuítas portugueses e a relação com a comunidade científica nacional. Logo em 2010, João Paulo Cabral publica um artigo em castelhano intitulado *La Revista Broteria, los jesuítas naturalistas y Gonçalo Sampaio. Intercambio de plantas e ideas y el desarrollo de la botánica en Portugal*, onde, através da análise da correspondência entre Afonso Luisier S.J., e Joaquim da Silva Tavares S.J., ambos dedicados à botânica, percebe a existência de um forte intercâmbio de conhecimento científico e de plantas, que contribuiriam tanto para o progresso dos herbários dos Colégios Jesuítas como do Instituto Politécnico do Porto, onde Gonçalo Sampaio era professor. Ainda que indiretamente, permite conhecer um pouco a origem das coleções no Colégio de São Fiel, bem como a importância que os exemplares presentes – neste caso do Herbário – tinham, para o desenvolvimento das ciências naturais, em Portugal.

Em 2012, Henrique Leitão e Francisco Malta Romeiras começam a publicação de uma série de artigos na *Brotéria. Cristianismo e Cultura* relacionados com a atividade científica da Companhia de Jesus, em Portugal, no século XIX. O segundo artigo intitulado *Carlos Zimmermann S.J. e o Ensino da Microscopia Vegetal*, apresentam os contributos deste sacerdote para a educação científica no país, principalmente na promoção do ensino da microscopia vegetal em todo o ensino português, isto é, tanto nos colégios privados como nos liceus. No terceiro artigo – *As expedições científicas e a observação dos eclipses solares de 1900 e 1905* – os dois autores apresentam pormenores acerca das atividades astronómicas nos colégios jesuítas, sobretudo de Campolide e São Fiel, bem como a organização de expedições científicas, que não se limitavam aos professores, mas eram alargadas aos alunos que demonstravam aptidão para as ciências. *A Revista Brotéria – Ciencias Naturales e a sua receção nacional e internacional*, Leitão e Romeiras revelam a importância da revista à escala nacional, mas também internacional, alargando os conhecimentos destes sacerdotes professores da Beira à escala mundial, através das publicações nesta revista. Finalmente, o quinto e último artigo –

*Os Colégios de Campolide e de São Fiel e a Implantação da República* – os autores dão o remate final desta série de artigos, ao resumir o papel destes dois colégios jesuítas na prática e no ensino das ciências, durante os anos de 1858 – ano em que foi fundado o Colégio de Campolide – a 1910, e as consequências que a Implantação da República teve para as coleções pedagógicas científicas e para a produção científica em Portugal.

Em 2014, Francisco Malta Romeiras apresenta à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa a sua tese de doutoramento intitulada *Das Ciências Naturais à Genética: a divulgação científica na revista Brotéria (1902-2002) e o ensino científico da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal*, na qual analisa a atividade científica dos jesuítas no século XIX, marcada pela tentativa de contrariarem ao máximo as teses de obscurantismo que os perseguiram desde o século XVIII, apostando fortemente no ensino científico, de maneira a recuperarem a credibilidade que tinham adquirido em séculos anteriores. O papel de Campolide e São Fiel na recuperação dessa credibilidade é analisado, bem como a importância da criação da revista *Brotéria* e o impacto que esta teve em Portugal. Vai buscar, portanto, algumas das ideias que tinha partilhado com Henrique Leitão, na série de artigos por eles publicada. As coleções são mencionadas, bem como os espaços científicos como o Gabinete de Física, Museu de História Natural e Observatório Meteorológico, desenvolvendo ainda um tópico relacionado com o confisco das coleções da Companhia de Jesus. Desta tese de doutoramento resultou a publicação, em 2015, da obra *Ciência, Prestígio e Devoção: os Jesuítas e a Ciência em Portugal (séculos XIX e XX)*, baseada no resultado da investigação e conclusões retiradas na sua tese. O autor é, sem dúvida, um dos maiores contribuidores para o conhecimento da História da Ciência e da Educação dos jesuítas portugueses, durante a segunda metade do século XIX e inícios do século XX. Em 2014, tinha publicado um artigo denominado *A Ciência da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal*, onde liga a ação Pombalina contra os jesuítas à promoção das ciências naturais e exatas nos seus colégios, bem como da publicação de uma revista científica.

Com a mesma abordagem Romeiras e Leitão publicam no ano seguinte, na revista internacional *Journal of Jesuit Studies*, o artigo *The Role of Science in the History of Portuguese Anti-Jesuitism*, onde novamente referem a ligação dos acontecimentos do século XVIII, para a grande aposta nas ciências experimentais em meados do século seguinte. No final desse ano, Romeiras publica um importante estudo, com documentação inédita, acerca da coleção de diatomáceas que Carlos Zimmermann S.J. conseguiu reaver. Menciona aspetos relacionados com os espaços museológicos do Colégio de Campolide e São Fiel. Este último artigo tem como

título *A Constituição e o percurso das coleções científicas dos jesuítas exilados pela 1ª República: o caso de Carlos Zimmermann SJ (1871-1950)*, publicado no *Archivum Historicum Societatis Iesu*.

Através desta revisão de literatura, percebermos que existe já uma considerável bibliografia relacionada com o Colégio de São Fiel e com a sua prática científica, referindo-se muitas vezes a criação de espaços científicos como o Herbário, o Observatório Meteorológico, o Museu de História Natural e o Gabinete de Física. Porém, como o seu foco é sobretudo a prática e desenvolvimentos das ciências, em Portugal, bem como a pedagogia jesuítica, as coleções são trabalhadas segundo esse ponto de vista, e num segundo plano, não sendo estudadas *per se*, nem numa perspetiva museológica.

Martin F.V. Corley é, talvez, o único autor que se dedicou ao estudo de uma parte da Coleção de São Fiel. Em 2008 e 2015, publicou um estudo acerca das coleções de entomologistas portugueses já falecidos (*The lepidoptera collections of deceased portuguese entomologists*). Um dos nomes foi, e de forma incontornável, Cândido Mendes de Azevedo S.J. e a sua vasta coleção de lepidópteros, que está presente em três locais: *Muséum National d'Histoire Naturelle* (Paris), no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e no Instituto Nun'Álvares (Santo Tirso). Se no artigo de 2008 se dedicou, principalmente, ao estudo dos exemplares em França, uma vez que ainda não tinha visitado os outros dois locais, no artigo de 2015 apresenta os dados recolhidos em Portugal, no Museu da Ciência. O facto de partilhar a mesma área de estudo que o jesuíta permite, por exemplo, a identificação de exemplares sem qualquer tipo de legendagem, e de ter como ponto de referência a coleção francesa e de outros entomologistas portugueses, permite um grande conhecimento e diferenciação dos objetos. Realiza ainda uma listagem de espécies que encontrou<sup>4</sup> no Museu da Ciência, indicando as fontes bibliográficas onde as espécies são mencionadas e, quando necessário, realiza a sua atualização taxonómica.

Quanto ao Herbário de São Fiel, existe um pequeno estudo acerca das *myximycetes*, datado de 1989, escrito por Carlos Lado e Francisco Pando, e que é composta por uma caixa e meia, dentro das vinte que corresponde à coleção de fungos, proveniente do Lourçal do Campo. Indicam o estado de conservação destes exemplares, caracterizando-o qualitativamente como

---

<sup>4</sup> Cf. Tabela C2.

bom, regular ou mau. Indicam ainda a informação taxonómica original e no caso de estar desatualizada, tal como Corley, indicam a nova denominação do exemplar.

No caso dos estudos relacionados com os espaços museológicos de carácter científico são dois os trabalhos académicos que se revelam fundamentais para o período que se pretende estudar. Em primeiro lugar temos a tese de doutoramento de Luís Miguel Pires Ceríaco, apresentada à Universidade de Évora, intitulada *A evolução da Zoologia e dos Museus de História Natural em Portugal* cuja cronologia vai desde o iluminismo (século XVIII) até aos finais do século XIX e inícios do século XX. Destaca, principalmente, os museus ligados a instituições de Ensino Superior, onde se produzia a maioria do conhecimento e tendências científicas. A segunda tese, *Os Museus Escolares de História Natural – Análise histórica e perspectivas de futuro (1836-1975)*, escrita por Inês Duarte Aleixo Lourenço de Oliveira Gomes aborda os museus de ensino secundário estatais, isto é, os liceus, desde a sua fundação (1836) até à sua extinção (1975).

## CAPÍTULO II – A COMPANHIA DE JESUS, O LIBERALISMO E AS REFORMAS NO ENSINO LICEAL: DISCIPLINAS CIENTÍFICAS E A CONSTITUIÇÃO DE COLEÇÕES

### 2.1. Breve contextualização histórica da Companhia de Jesus

#### 2.1.1. A fundação da Companhia de Jesus e o seu contributo para a educação europeia

Quando, a 15 de agosto de 1534, na capela dos Mártires, em Montmartre (Paris), Inácio de Loyola (1491-1556) e seis companheiros – entre eles o português Simão Rodrigues (1510-1579) –, estudantes da Universidade de Paris, fundaram a Companhia de Jesus, pensavam somente na simples consagração a Deus e peregrinação à Terra Santa, que Loyola tinha empreendido anos antes, entre 1522-1523<sup>5</sup>. O ensino não fazia parte do plano destes homens, nem tampouco criar uma Ordem Religiosa, apenas eram movidos pelo desejo de estarem mais próximos de Deus.

Foi com esse desejo que, em 1539, – já todos ordenados sacerdotes, fixados em Roma e prestado vassalagem ao Papa (em 1538), devido à impossibilidade de peregrinarem até Jerusalém –, que tomaram a decisão de formar uma congregação religiosa. Esta decisão trouxe a estes homens as primeiras contestações – que irão marcar a História da Companhia –, com um grupo de pessoas, próximas à Cúria Romana, a considerar a criação de uma nova ordem religiosa, completamente desnecessária, pois as existentes já cobriam, na sua perspetiva, todas as necessidades da Santa Sé<sup>6</sup>. Porém, no ano seguinte, com a bula *Regimini militantes ecclesiae*, o Papa Paulo III (1534-1549), oficializa a nova ordem religiosa, com Inácio de Loyola na sua direção, como seu Superior Geral. Viria também, ao contrário do que defendiam essas vozes discordantes, a resolver muitos dos problemas que se viviam neste início de século, tanto do Pontífice Romano como dos reinos católicos.

O início do século XVI ficou marcado, a nível religioso, pelo surgimento do protestantismo, que vai resultar em novas Igrejas, onde o Papa não tem qualquer tipo de

---

<sup>5</sup> Miguel Corrêa Monteiro, *Os Jesuítas e o Ensino Médio*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2011, pág. 20.

<sup>6</sup> José Manuel Martins Lopes S.J., «O *Modus Parisiensis*: uma fonte incontornável na educação da Companhia de Jesus». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Associação Hisculteduca (org.), RVJ – Editores, Castelo Branco, 2016, pág. 18.

autoridade. Ora, uma das grandes novidades da Companhia de Jesus era o voto solene de obediência ao Papa, facto muito importante, numa época em que o seu poder estava debilitado por parte dos próprios membros da Igreja Católica. Depressa se destacou das outras ordens regulares monásticas ao suprimirem o coro, o hábito eclesiástico e a vida em clausura em mosteiros<sup>7</sup>. Esta abordagem para o mundo exterior e fora do mundo conventual não é, contudo, uma novidade jesuíta, tendo surgido no século XIV, na Europa do Norte, com Gerhard Groote (1340-1384), fundador dos Irmãos da Vida Comum, que iriam, aliás, juntar-se à causa protestante. Este movimento que ficou conhecido por *Devotio Moderna*, que influenciou fortemente o fundador da Companhia de Jesus, apelava a uma vida religiosa fora dos mosteiros e mais próxima das pessoas.

As novas igrejas protestantes, rapidamente colocadas na esfera da heresia, ganhavam cada vez mais preponderância na Europa e alcançavam cada vez mais fiéis e seguidores. Era urgente ao Papa inverter esta tendência, o que só foi possível com a tomada de consciência da necessidade de alterações dentro da própria Igreja Católica, e não da simples condenação dos movimentos protestantes. Este reconhecimento resultou na organização do Concílio de Trento (1545-1563), onde se decidiu alterar comportamentos (tanto dos sacerdotes como dos fiéis), atitudes, ideias e formas de organização, mas também sublinhar e reforçar alguns dogmas e outras questões relacionadas com o culto dos santos, da interpretação bíblica pelo povo ou dos livros canónicos. A Companhia de Jesus revelou-se ser, afinal, uma peça fundamental para a renovação e aplicação do catolicismo pós-tridentino<sup>8</sup>, por parte da Igreja.

A ação da Companhia de Jesus passou assim pela vertente missionária e pela vertente educativa. Se, por um lado, o Papa tinha perdido fiéis para as Igrejas Protestantes, tinha, por outro, através dos reinos de Portugal e Espanha, todo um «Novo Mundo» para converter. Era necessário, contudo, estancar o crescimento dos movimentos protestantes, que educavam os fiéis para esta nova forma de cristianismo, no continente Europeu. E é aqui que os colégios jesuítas ganham uma nova e importante missão, sendo o contra-ataque do Papa viabilizado através da educação dos fiéis, segundo os princípios propostos naquele Concílio ecuménico.

---

<sup>7</sup> Francisco Malta Romeiras, *Ciência, prestígio e devoção. Os Jesuítas e a ciência em Portugal (Séculos XIX e XX)*, 1ª edição, Cascais, Lucerna, 2015, pp. 11-12.

<sup>8</sup> Maria de Lurdes Correia Fernandes, «Da Reforma da Igreja à Reforma dos Cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade», *História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Volume 2, Humanismos e Reformas, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pág. 32. David Sampaio Dias Barbosa, «Concílhos Ecuménicos», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direção de Carlos Moreira Azevedo, A-C, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pág. 410.

Apesar de não se falar de projetos educativos nos anos iniciais desta ordem religiosa, a educação dos sacerdotes sempre foi uma questão prioritária para o Geral da Companhia de Jesus, pois essa educação, numa primeira fase, era adquirida pelos candidatos. Surgiu, no entanto, pouco tempo depois, a necessidade de uniformizar ao máximo a formação de todos os futuros sacerdotes, tendo em conta que o ensino em algumas universidades era considerado sofrível, ingressando para a Companhia pessoas com uma educação insuficiente e/ou díspar de outros futuros membros da ordem de Santo Inácio<sup>9</sup>, mas também de se ensinar segundo os preceitos da Igreja renovada. Criaram-se, assim, num primeiro momento, colégios para a educação dos futuros jesuítas e, posteriormente, devido ao enorme sucesso, foram alargados a alunos externos<sup>10</sup>. Tornando-se, como referido, uma arma essencial do catolicismo no combate aos ideais protestantes e na consolidação do cristianismo tridentino<sup>11</sup>, a educação passou a ser considerada pelos inicianos tão importante como a pregação<sup>12</sup>. O ensino dos jovens tinha, portanto, um fim apostólico-religioso<sup>13</sup> onde poderiam «transformar a sociedade à luz do ideário “reformista católico” e, ao mesmo tempo, assegurar a sua afirmação enquanto Ordem»<sup>14</sup> com a formação de novos sacerdotes.

### 2.1.2. A Companhia de Jesus em Portugal – educação, missionação e família real

Portugal foi o primeiro reino europeu a solicitar os serviços da Companhia de Jesus, logo em 1539, um ano antes da bula. Numa primeira fase, os jesuítas foram fundamentais na resolução da problemática relacionada com a falta de missionários disponíveis para viajarem até às possessões ultramarinas<sup>15</sup>. Seguidamente, foram essenciais para o processo de renovação da cultura portuguesa, que D. João III tanto almejava, através da reestruturação do sistema escolar, seguindo uma educação humanística, que já era praticada noutros países europeus<sup>16</sup>.

---

<sup>9</sup> Agustín Udías Vallina, A., «Las universidades jesuítas y la ciencia despues de la restauración de la Compañia de Jesús (1814-2014)», *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, vol. 192 (782), noviembre-diciembre 2016, pág. 2

<sup>10</sup> Margarida Miranda, «Humanismo jesuítico e identidade da Europa. Uma «comunidade pedagógica europeia»». *HVMANITAS*, vol. LIII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2001: 95.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, pág. 96.

<sup>12</sup> Vide idem, *ibidem*, pág. 96.

<sup>13</sup> Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*, pág. 38.

<sup>14</sup> Teresa da Fonseca Rosa, «O Ensino Religioso em Portugal e a Companhia de Jesus». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Castelo Branco, Associação Hisculdeduca (org.), 2016, pág. 48.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, pág. 47.

<sup>16</sup> Isabel Rosendo, apud idem, *ibidem*, pág. 48.

Graças à resolução destes dois problemas, que o rei português considerava fundamentais no seu reinado, o monarca beneficiou e ganhou grande estima pelos inacianos. Em 1542 foi oferecido à Companhia de Jesus o Mosteiro de Santo Antão-o-Velho, em Lisboa, sendo a primeira propriedade dos jesuítas na Europa. Nesse mesmo ano foi fundada a primeira casa de formação de novos sacerdotes jesuítas – o Colégio de Jesus, em Coimbra. Portugal tornou-se, desta forma, a primeira província administrativa dos jesuítas, logo no ano de 1546.

Ainda no reinado de D. João III, e no que toca as escolas públicas, a primeira foi o Colégio de Santo Antão, em 1553. Nesse mesmo ano, em Évora, o Colégio do Espírito Santo, criado em 1551, casa de formação de jesuítas e sacerdotes, torna-se aberto a quem o quiser frequentar. Em 1559, é elevado a Universidade, coexistindo, contudo, o colégio e a universidade<sup>17</sup>.

A Companhia de Jesus foi durante muitas décadas estimada pelos monarcas portugueses, tendo os sacerdotes jesuítas um lugar de destaque na corte, enquanto conselheiros espirituais de reis e rainhas, príncipes, infantas e infantes. Esta posição privilegiada junto da corte contribuía, porém, para novas acusações dirigidas aos inacianos, particularmente a de tentarem estender o seu poder no reino e obterem privilégios por parte da família real<sup>18</sup>. Antes da ação do Marquês de Pombal contra os jesuítas, de que falaremos adiante, a verdade é que a tendência, que se vinha desenhando desde D. João III, de predominância da Companhia de Jesus dentro da corte, se alterou, nomeadamente nos cargos de confesores régios. A Congregação do Oratório – que começou a ocupar de forma progressiva, a partir do reinado de D. Pedro II, os lugares pertencentes aos inacianos, junto da família real<sup>19</sup> – tornar-se-ia uma das principais críticas, dentro da própria Igreja Católica, da educação inaciana, ao considerar que esta estava completamente ultrapassada. Esta posição dos oratorianos foi causadora de uma enorme tensão entre estes dois grupos, que só teria fim com a expulsão das ordens religiosas de Portugal, no século XVIII, sobre a qual nos dedicaremos de seguida.

---

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, pág. 54.

<sup>18</sup> Lígia Andreia Rocha Camarão, *Os confesores de D. Pedro II (1668-1706): os directores de consciência régia*. Dissertação de mestrado em História (especialidade em História Moderna), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017, pág. 133. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/28736>. [Consultado a: 20 de agosto de 2019.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, pp. 139-140.

### 2.1.3. A expulsão e supressão da Companhia de Jesus

Aquando a primeira expulsão da Companhia de Jesus, no século XVIII, no reinado de D. José I (1750-1777), esta, apesar das críticas, principalmente nas últimas décadas, detinha uma importante rede de ensino, não só em Portugal como em toda a Europa. Em Portugal contavam com a referida Universidade de Évora e trinta e sete colégios espalhados pelo continente, ilhas e possessões ultramarinas<sup>20</sup>.

Como comumente se sabe, esta primeira expulsão foi fortemente patrocinada pelo Marquês de Pombal, ministro de D. José, ao realizar uma verdadeira campanha propagandística contra os inicianos. Este anti jesuitismo não é, como aludido, algo novo na sua história – acompanhando-os ainda antes da bula – e era transversal a leigos e à própria Igreja Católica, uma vez que, apesar de considerada «una», existiam muitos conflitos internos, nos mais diversos setores, devido à formação moral, religiosa e cultural diversificada entre os diferentes membros da Igreja, e também aos jogos de poder, interesse e influência. Estes conflitos podiam ser, de forma ampla, entre o clero regular e clero secular, prelados e cabidos, prelados e ordens religiosas/militares, dissensões internas entre estes grupos, e até mesmo conflitos entre bispos. Resultavam, assim, na fragilidade do poder espiritual, que não era ignorada pelo poder temporal, que se aproveitava destas divergências para se sobrepor à Igreja<sup>21</sup>, culminando nas políticas regalistas dos reinos católicos europeus. Apesar destas divergências internas, nenhuma ação contra os inicianos foi tão eficaz como aquela realizada por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), Marquês de Pombal.

Eram três os principais argumentos utilizados nas obras de propaganda do marquês. Um defendia que os jesuítas eram «um Estado dentro do Estado», que apenas respondiam ao Papa e não às leis dos países; outro que tinham conspirado no assassinato do rei D. José e, por fim, e aquela que mais interessa para o presente e trabalho, e que se vai manter durante séculos como verdade irrefutável para os opositores da Companhia, é a tese de que o ensino dos jesuítas era deficiente e atrasado, sobretudo a nível científico, sendo a causa para o atraso português<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Henrique Leitão, Francisco Malta Romeiras, «The Role of Science in the History of Portuguese Anti-Jesuitism». *Journal of Jesuit Studies*, 2, 2015, pág. 87. Disponível em: <https://www.academia.edu/11083236> [consultado a: 19 de novembro de 2018].

<sup>21</sup> José Pedro Paiva, «A Igreja e o Poder», *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Volume 2, Humanismos e Reformas, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 135-136.

<sup>22</sup> Henrique Leitão, Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, pp. 80-81.

Esta campanha contra os jesuítas, que se estendeu por toda a Europa Católica, foi o culminar das acusações que lhes tinham sido dirigidas, ao longo dos séculos, e que resultou na sua supressão em 1773, pelo Papa Clemente XIV, com valor irrevogável. A verdade é que, em 1814, com o Papa Pio VI, e apesar do carácter definitivo, esta seria restaurada e iniciava-se um novo capítulo na história dos jesuítas, que pretendiam contrariar todas as acusações de que foram alvo, principalmente as acusações de obscurantismo.

A supressão da Companhia de Jesus significou também o fim dos seus colégios e universidades, por todo o Velho Continente. Se os inicianos conseguiram readquirir alguns colégios, no século XIX, no caso das Universidades o cenário foi bem diferente, nunca conseguindo recuperá-las com exceção das de cariz eclesiástico. A Companhia de Jesus voltou-se, então, no século XIX para outros países fora da Europa, como refere Udías Vallina, nomeadamente para os Estados Unidos da América – devido à forte tradição de instituições universitárias de cariz privado – e Índia<sup>23</sup>.

#### **2.1.4. O regresso da Companhia de Jesus a Portugal: a fundação de Colégios no século XIX**

No início do século XIX a Companhia de Jesus regressou por um curto período a Portugal, em 1829 – com o miguelismo –, sendo novamente expulsa, em 1834 – com a extinção das ordens religiosas masculinas, consideradas inconstitucionais e incompatíveis com as novas instituições liberais<sup>24</sup>.

Iriam fixar-se novamente no país graças à figura de Carlos Rademaker S.J. (1828-1885). Carlos era filho de João Basílio Rademaker (1789-1856), ligado ao absolutismo miguelista. Nomeado ministro plenipotenciário por D. Miguel I, em 1829, a família viajou para Chieri, cidade italiana perto de Turim. Foi entre estas duas cidades que Carlos Rademaker realizou os seus estudos e começou a manifestar vontade em ingressar na Companhia de Jesus. Obrigado a abandonar o Noviciado de Chieri, e a voltar para Portugal, junto da família, devido a uma

---

<sup>23</sup> Agustín Udías Vallina, «Las universidades jesuítas y la ciencia despues de la restauración de la Compañía de Jesús (1814-2014)», *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, vol. 192 (782), noviembre-diciembre 2016, a361, pág. 2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2016.782n6006> [Consultado a 02 de abril de 2019].

<sup>24</sup> Luís R. Dias da Costa, «O Colégio de S. Fiel (1863-1910). Contexto social e político». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Associação Hisculteduca (org). Castelo Branco, RVJ – Editores, 2016, pág. 121.

revolução no Piemonte que decretou a expulsão dos jesuítas, terminou os seus estudos religiosos, em Lisboa<sup>25</sup>. Foi ordenado presbítero, em 1851, e uma vez mais manifestou vontade de ingressar a Companhia de Jesus. Com efeito, em 1855, integrou a Província Espanhola da Companhia de Jesus, fazendo comunicar a estratégia que considerava mais adequada para restaurar os inacianos em Portugal. Segundo Rademaker, esta passava pela entrada de novos jesuítas no Instituto da Caridade – que ele codirigia desde 1851 – e que se dedicava aos órfãos. Porém, só em 1857, viajando com a sua família até Espanha, a Loyola, para professar os seus primeiros votos enquanto jesuíta, procurou, na cidade de Madrid, o consentimento para o restabelecimento oficial em terras lusas<sup>26</sup>.

Um ano depois, em 1858, o Instituto de Caridade, situado na rua de Buenos Aires, foi transferido para Campolide, dando origem ao Colégio de Maria Santíssima Imaculada, que ficaria conhecido por Colégio de Campolide. Em 1860, foi a vez da fundação do Colégio de Nossa Senhora dos Anjos, no Barro, Torres Vedras, com o intuito de albergar os alunos órfãos do Colégio de Campolide, para se transformar, pouco tempo depois, num Colégio de noviços que pretendiam ingressar na Companhia de Jesus. Acerca desta transferência o conhecido anti jesuíta Borges Grainha tece o seguinte comentário:

«(...) determinou [Rademaker] passar para o Barro os meninos pobres de ensino gratuito, o que fez em 30 de junho de 1860, transferido para lá o antigo Instituto da Caridade, o que lhe servia também para encobrir o noviciado jesuítico que ali instalou igualmente em 15 de agosto desse mesmo ano<sup>27</sup>».

A partir de 1861, ficariam também encarregados do Colégio das Missões Ultramarinas, antigo seminário de Cernache do Bonjardim, para resolver a questão do Padrado do Oriente,

---

<sup>25</sup> Vide Francisco Malta Romeiras, «A Ciência da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal». *Brotéria*, 179, 2014, pág. 430; e Manuel Borges Grainha, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus. Escrita em latim pelos padres do mesmo colégio onde foi encontrado o manuscrito.*, Coimbra, Imprensa da Universidade Coimbra, 1913, pág. XII. Disponível em: <https://archive.org/details/histriadecol00borg>. [consultado a 1 de outubro de 2019].

<sup>26</sup> Francisco Malta Romeiras, «A Ciência da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal». *Brotéria*, 179, 2014, pág. 431.

<sup>27</sup> Manuel Borges Grainha, *op. cit.*, pág. XV.

após a concordata estabelecida entre Portugal e a Santa Sé, em 1857, sendo enviados para Macau os primeiros missionários, logo no ano seguinte<sup>28</sup>.

No Colégio do Barro eram ensinados também muitos estrangeiros que se dirigiam depois para as colónias portuguesas como missionários da Companhia de Jesus, sendo considerado, com o governo de Hintze-Ribeiro, um «estabelecimento de formação para missionários das dioceses portuguesas do ultramar»<sup>29</sup>.

O Convento de S. Francisco, em Setúbal, é adquirido pela Companhia de Jesus em 1875. Atingido pelo terramoto de 1755 e abandonado com a extinção das ordens religiosas, em 1834, e comprado por Joaquim O'Neil, foi demolida uma parte significativa, pelo seu filho João Torlades O'Neil. Francisco José Pereira que adquiria o imóvel recomeçara obras de reconstrução de edifício, em 1874, sendo estas terminadas pela Companhia de Jesus. Sobre a aquisição do convento e de uma residência na cidade setubalense os jesuítas, após a sua expulsão, salientam:

«É de notar que os jesuítas, rogados instantemente para se estabelecerem naquela cidade do Sado, a fim de beneficiarem essa importante povoação extremenha, não constituíram edifícios novos. Procuraram reconstruir e aproveitar o que já existia, desmantelado e quasi em ruínas. (...)

Com trabalho perseverante, os jesuítas tornaram habitavel o arruinado pardieiro, que converteram numa casa amplamente modesta, onde por alguns annos tiveram escolas de instrução primaria e secundaria para externos»<sup>30</sup>.

Apesar de aberto, durante alguns anos a alunos externos, este colégio dedicava-se principalmente ao ensino dos religiosos da Companhia de Jesus «destinados ao exercício dos sagrados ministérios no continente e nas missões ultramarinas», dedicando-se ao estudo da filosofia e das ciências naturais<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, pág. 433.

<sup>29</sup> Vide Luíz Gonzaga de Azevedo S.J., *Proscritos*. Primeira parte, Valladolid, Florencio de Lara, Editor, 1911. pág. 117. Disponível em: <http://purl.pt/12893>. [Consultado a: 27 de novembro de 2018].

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, pág. 72.

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, pág. 72.

Ao contrário do que acontecera no período compreendido entre o século XVI e XVIII em que os sacerdotes inacianos privilegiaram a fixação dos seus colégios em zonas urbanas e junto às universidades, no século XIX os jesuítas evitavam ao máximo essas zonas<sup>32</sup>, sendo o Colégio de Campolide a única exceção à regra, estando estrategicamente na capital, bem próximo do poder central e da aristocracia portuguesa. Por outro lado, as cidades de Coimbra e Évora, centro das polémicas ocorridas no século XVIII, associadas ao ensino universitário, foram evitadas pelos inacianos, de maneira a que não se reacendessem as velhas polémicas relacionadas com o ensino superior<sup>33</sup>.

Esta fixação dos jesuítas, em Portugal, ainda que oficiosa (a Província Portuguesa da Companhia de Jesus só se estabeleceu oficialmente em 1880<sup>34</sup>), só foi possível graças ao apoio do consulado britânico e da ótima relação que Rademaker conseguiu estabelecer com a alta nobreza portuguesa absolutista e liberal, apesar do forte ambiente anti congreganista que se vivia no país<sup>35</sup> e que, com o crescente número de sacerdotes e estabelecimentos jesuítas só se viria a agudizar.

## **2.2. O ensino científico público e privado em Portugal**

### **2.2. 1. A criação de liceus**

Ao longo da História, com as revoluções e alterações de paradigma a nível político, mental ou social, alteram-se também a maneira como a educação e a instrução são vistas. É através das camadas mais jovens da população que se começam a cimentar os novos valores, novas formas de sociabilidade e novos ideais. Com estas alterações vêm, por isso, as renovações no ensino, numa primeira fase nas estruturas curriculares, no corpo legislativo e nos manuais escolares e, numa segunda fase, na sua aplicação prática.

Aconteceu no Renascimento, com os movimentos da reforma e contrarreforma, com o iluminismo e, aconteceria também com o liberalismo. A educação – neste caso dos cidadãos –

---

<sup>32</sup> Teresa da Fonseca Rosa, «O Ensino Religioso em Portugal e a Companhia de Jesus». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Associação Hisculteduca (org.), Castelo Branco, RVJ – Editores, 2016, pp. 49-50.

<sup>33</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015, pág. 47.

<sup>34</sup> Manuel Borges Grainha, *op. cit.*, pág. X.

<sup>35</sup> Francisco Malta Romeiras, «A Ciência da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal». *Brotéria*, 179, 2014, pág. 432.

era essencial para implementar, nas gerações mais novas os ideais liberais e, no decurso do século XIX, a cultura científica era fundamental para os cidadãos das nações modernas<sup>36</sup>, mesmo para aqueles que não pretendiam prosseguir estudos superiores, em universidades. Acreditava-se, pois, que as ciências eram fundamentais ao espírito dos cidadãos e útil à sociedade, porque a aplicação desses conhecimentos gerava novos recursos económicos e consequentemente riqueza.

O desenvolvimento das ciências naturais conseguiu resolver, por exemplo, um dos principais problemas estruturais da economia europeia, relacionada com a escassez de alimentos, ao solucionar alguns obstáculos impostos pelas condições meteorológicas excepcionais – que resultavam em fracas colheitas – e de pestes nas produções, passando a poder sonhar com a tão desejada abundância de alimentos<sup>37</sup>, que os europeus não granjearam com os Descobrimientos. Porém, como afirma Carlos Fiolhais, para a ciência gerar riqueza, é necessário, em primeiro lugar, investir-se nela. Com a Revolução Industrial, a riqueza das potências deixou de ter origem na exploração dos territórios, para passar a provir da indústria, que está ligada, por sua vez, às descobertas científicas. Contudo, Portugal continuou a depender das suas colónias, principalmente do «comércio negreiro» e, mais tarde, do ouro do Brasil, sendo ultrapassado economicamente por outros países, após a abolição da escravatura e com a Independência do Brasil. Portugal nunca chegou a ter, inclusivamente, a sua própria revolução industrial, limitando-se a importar tecnologia estrangeira<sup>38</sup>. Sempre existiu, apesar disso, ciência em Portugal e pessoas que se dedicavam a ela, mas nenhum português alcançou uma notoriedade mundial que se prolongasse no tempo, como por exemplo Galileu ou Isaac Newton<sup>39</sup>.

Era este o cenário económico-financeiro e científico, herdado de séculos anteriores, que o liberalismo pretendia ultrapassar, no início do século XIX.

---

<sup>36</sup> Inês Duarte Aleixo Lourenço de Oliveira Gomes, *Os Museus Escolares de História Natural – Análise histórica e perspectivas de futuro (1836-1975)*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia das Ciências, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014, pág. 77. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/18222>.

<sup>37</sup> Ana Cristina Araújo, «O Governo da Natureza no Pensamento da Geração Universitária de Finais do Séculos XVIII: os estatutos literários e económicos da Sociedade dos Mancebos Patriotas de Coimbra», *A Universidade Pombalina. Ciência, Território e Coleções Científicas*, Coord. Ana Cristina Araújo e Fernando Taveira da Fonseca, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pág. 90. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6> [consultado a 30 de maio de 2019].

<sup>38</sup> Carlos Fiolhais, *História da Ciência em Portugal*, Coleção Âmbito Cultural do El Corte Inglés, Arranha-céus, Lisboa, 2013, pp. 25-27.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*, pág. 15.

Neste sentido, em 1836, Passos Manuel criava os museus portugueses, à semelhança do que acontecera em França, em 1802, com os *lycées*, pretendendo que se estabelecessem em todas as capitais de distrito de Portugal Continental, Insular e também no Ultramar. Luís Reis Torgal e Isabel Nobre Vargues consideram a reforma promovida por este estadista um «marco fundamental» para o ensino secundário em Portugal, porque pela primeira vez era discutido o ensino público para estudos intermédios e não apenas o elementar ou superior<sup>40</sup>.

Porém, os liceus não se instauraram imediatamente nesse ano, em parte devido à crise económica e à instabilidade política que se viviam<sup>41</sup>, mas foram largamente discutidos ao longo de todo o período da monarquia constitucional e continuamente alterados.

O ensino secundário português encontrava-se debilitado, mesmo após as ações do Marquês de Pombal que, apesar de ter promovido um conjunto de alterações educativas, sobretudo ao nível das ciências experimentais, não corresponderam às expectativas, tendo o número de alunos reduzido drasticamente<sup>42</sup>. Isto deveu-se, por um lado, ao encerramento de várias escolas de ensino médio ligadas às ordens ou congregações religiosas, nomeadamente a enorme rede de colégios jesuítas, impedindo o acesso à educação a uma parte substancial da população<sup>43</sup>, e por outro devido à falta de interesse generalizada da nobreza em frequentar aulas de cariz científico. Como consequência desta última, o recém-criado Colégio dos Nobres encerrou pouco tempo depois da sua criação, não obstante ter sido apetrechado com um conjunto variado de objetos para a prática do ensino científico. Esses objetos foram depois enviados para a Universidade de Coimbra, para aí se constituírem gabinetes.

No que respeita à estrutura curricular, das dez disciplinas criadas para serem lecionadas nos liceus, três eram de carácter científico e prático, nomeadamente: «Princípios de Física, de Química, e de Mecânica aplicados às Artes e Ofícios», “Princípios de História Natural dos três Reinos da Natureza aplicados às Artes e Ofícios” e, finalmente, “Aritmética e Álgebra, Geometria, Trigonometria e Desenho”. Ensinar estas disciplinas mais técnicas revelou-se bem mais complicado do que o previsto, não alcançando o sucesso pretendido, uma vez que, no ano-letivo 1840-1841, nenhuma destas três disciplinas tinha sido ainda lecionada por falta de

---

<sup>40</sup> Luís Reis Torgal; Isabel Nobre Vargues, «O liberalismo e a instrução pública em Portugal», *Encontros Ibéricos de História da Educação*, vol. 2, [s.l.], [s.n.], 1995, pág. 85.

<sup>41</sup> Luís Grosso Correia, «Problemáticas do Ensino Liceal Oficial nos Alvores do Liberalismo», *Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães. Do Absolutismo ao Liberalismo*, 26 a 28 de outubro de 2006, 6ª secção Instrução, Direito, Assistência, Guimarães, 2009, pág. 32.

<sup>42</sup> Henrique Leitão, Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015, pp. 87-88.

<sup>43</sup> Carlos Fiolhais, *op. cit.*, pág. 95.

professores suficientemente habilitados nestas matérias<sup>44</sup>, para além da falta de alunos e de edifícios adequados à prática destas cadeiras<sup>45</sup>.

O título destas unidades curriculares sugere, ainda, que «o ensino tinha uma finalidade prática de preparação para a vida ativa ao serviço do desenvolvimento do país<sup>46</sup>», pois quem frequentava os liceus ficava não só habilitado para prosseguir os estudos universitários, caso pretendesse, mas também preparava «os cidadãos que a eles não ascendessem<sup>47</sup>», que ficavam, no entanto, suficientemente habilitados para outros aspetos da vida cívica e laboral, nomeadamente em funções administrativas<sup>48</sup> e na formação de especialistas em atividades consideradas produtivas para a nação<sup>49</sup>.

Em 1844, contudo, e depois do fracasso que foi a Reforma de Passos Manuel, Costa Cabral realizou uma nova reforma do ensino, na qual as Línguas Modernas, a Química, a Física e a História Natural deixaram uma vez mais os currículos liceais. Estas disciplinas regressaram, em 1860, no âmbito de uma nova reforma, mas com uma carga horária muito mais reduzida que a prevista por Passos Manuel<sup>50</sup>.

A criação dos liceus não foi, como mencionado, algo imediato e unânime entre toda a classe política, mas foi gizada no quadro de diversas reformas educativas alternando «entre currículos clássicos/técnicos; método de ensino informativo/formativo; organização centralizada/descentralizada<sup>51</sup>».

Não cabe aqui explanar todas as alterações no ensino liceal, mas é importante perceber que a criação dos liceus não foi um processo linear e que o ensino científico-prático passou por diversas mudanças ao longo dos anos, o que em parte explica a predominância do ensino privado, bem mais consolidado e estruturado (como é exemplo o ensino dos colégios jesuítas), sobre o ensino público, até inícios do século XX.

---

<sup>44</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.* 2015, pág. 35.

<sup>45</sup> Jorge Ramos do Ó, *O Ensino Liceal (1836-1975)*, [s.l.], Ministério da Educação, 2009, pág. 20.

<sup>46</sup> Inês Gomes, «Os gabinetes de história natural dos antigos liceus – um estudo exploratório a partir dos textos legislativos», *Actas do Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 2011, pág. 1886.

<sup>47</sup> Luís Reis Torgal e Isabel Nobre Vargues, *op. cit.*, pág. 86.

<sup>48</sup> Jorge Ramos do Ó, *op. cit.*, pág. 5.

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*, pág. 16.

<sup>50</sup> Jorge Ramos do Ó, *op. cit.*, pág. 22.

<sup>51</sup> Raquel Maria Guilherme Guedes Pinheiro de Magalhães, *A Reforma de Jaime Moniz (1894/95). Notas Dissonantes. Um Estudo à Luz do Jornal Educação Nacional*. Dissertação de Mestrado em História da Educação, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011. pág. 3.

### 3.2.2. Características do Ensino Jesuíta – a *Ratio Studiorum* – em oposição ao ensino estatal

Já vimos nos pontos anteriores o processo de fixação dos jesuítas em Portugal e a criação de Colégios entre o século XVI e XVIII, e, mais tarde, em meados do século XIX. Detenhamo-nos, agora, nas características do ensino jesuíta, de maneira a poder contrapô-lo ao ensino estatal dos liceus portugueses. Para compreendemos o ensino jesuíta, neste período, é necessário recuar novamente até aos primeiros anos da Companhia, pois é aí que se desenvolve todo o método de ensino e estudo.

O ensino jesuíta entre os séculos XVI e XVIII era marcadamente humanista e fruto de diversas inspirações, nomeadamente, do ensino greco-romano, baseado no *trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e *quadrivium* (Música, Aritmética, Geometria e Astronomia), ao *modus parisiensis*, ou seja, da Universidade de Paris, e às *Constituições da Companhia de Jesus* de Inácio de Loyola. Desta síntese de influências resultou um texto com um conjunto de instruções práticas para os sacerdotes jesuítas, que lecionavam nas instituições de ensino da ordem, intitulada de *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, mais conhecido pela sua abreviatura de *Ratio Studiorum*. Este texto tinha como finalidade orientar de forma homogénea estas instituições, independentemente da sua localização no globo. As ideias ali compiladas não são originais e não diferem do pensamento de muitos pensadores coevos à fundação dos jesuítas – tanto do lado católico como protestante – como Erasmo (1566-1536), Luís Vives (1493-1540), Calvino (1509-1564) e Johannes Strum (1507-1589). Porém, a originalidade dos jesuítas estava, segundo Margarida Miranda, na sua aplicação universal e criação de um verdadeiro sistema global, de enorme eficácia e amplitude<sup>52</sup>, que resultou na primeira globalização da ciência, ao fazer chegar a Revolução Científica a países longínquos, do ponto de vista Europeu<sup>53</sup>. Instrumentos como o telescópio, por exemplo, chegaram à China e Japão, não muito tempo depois (pelo menos nos moldes da época) da primeira utilização por Galileu<sup>54</sup>.

Em 1599, o Geral da Companhia de Jesus, o italiano Cláudio Acquaviva (1543-1615), comunicava aos colégios que, a partir de então, deveriam seguir as orientações descritas naquele documento. O ensino jesuíta do século XVI era, como *filho da época* em que foi redigido, marcadamente humanista, dando enorme destaque às humanidades sem, contudo, renegar

<sup>52</sup> Margarida Miranda, *op. cit.* 2001, pág. 85.

<sup>53</sup> Carlos Fiolhais, *op. cit.*, pág. 60.

<sup>54</sup> Idem, *ibidem.*, pág. 16.

aquilo que, na época, pertencia ao ramo da filosofia natural, e que hoje podemos designar, de maneira geral, de ciências naturais, assim como as ciências matemáticas. O método utilizado era o escolástico, não com os moldes da escolástica medieval, mas renovada, denominada por alguns autores como «escolástica barroca». Aristóteles continua a ser o filósofo de referência, utilizado agora «com maior rigor e com maior exigência crítico-hermenêutica», introduz-se o paradigma platónico e as doutrinas de Tomás de Aquino «alcançam as exigências modernas»<sup>55</sup>. Margarida Miranda refere, aliás, que o Aristóteles da *Ratio* é o Aristóteles tomista, isto é, as ideias de Aristóteles adaptadas à teologia cristã, «a ideia de justiça e da liberdade humana», que «abria o caminho para a doutrina católica da cooperação do livre arbítrio com a graça divina»<sup>56</sup>.

No século XVII, por exemplo, os jesuítas caracterizavam-se por um excelente ensino de matemática. Exemplo disso, no caso português, é a existência dos “azulejos didáticos” presentes no Museu Nacional Machado de Castro e no Museu Nacional do Azulejo, que continham *Os Elementos* de Euclides, na versão de André Tacquet (1612-1660) e, ainda, a aula da Esfera, que se realizou entre os finais do século XVI e meados do século XVIII<sup>57</sup>, aberta a quem quisesse assistir. Convém fazer aqui uma ressalva: se compararmos o ensino da matemática em Portugal com o praticado em outros pontos da Europa, ele é um pouco débil. É também possível confirmar esse facto devido à quantidade de professores estrangeiros que lecionavam as disciplinas de matemática, por falta de sacerdotes portugueses especialistas na área<sup>58</sup>.

Importa referir, no seguimento, a produção dos *Conimbricenses* por parte dos professores do Colégio das Artes, em Coimbra, para a utilização no curso filosófico, publicado entre os finais do século XVI e inícios do XVII. *Comentarii Collegii Conimbricencis Societatis Iesu.*, conhecido como *Conimbricenses*, era um conjunto de oito livros dedicado a comentar a filosofia defendida por Aristóteles, que à época incluía temas como a matemática e a astronomia. De facto, os primeiros quatro volumes eram dedicados a áreas do domínio da Filosofia Natural. O primeiro volume era dedicado à Física (mas tinha «abundantes considerações de carácter metafísico» uma vez que a física e a metafísica não se reconheciam

---

<sup>55</sup> J. Pinharanda Gomes, «Escolástica», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia, et. al., C-I, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 158-160.

<sup>56</sup> Margarida Miranda, «*Sequendus Aristoteles*. Da Ciência e da Natureza na *Ratio Studiorum* (1599)», *HVMANITAS*, Vol. LXI, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pág. 181.

<sup>57</sup> Sobre a Aula da Esfera vide, Henrique Leitão, *A Ciência na «Aula da Esfera» no Colégio de Santo Antão (1590-1759)*, Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de São Francisco Xavier, Lisboa, 2007.

<sup>58</sup> Henrique Leitão, «Azulejos que testemunham uma tradição de ensino científico», *Azulejos que ensinam*, [s.l.], Europam, 2007, pág. 23.

como autónomas segundo o «pensamento antigo», mas estavam profundamente interligadas<sup>59</sup>), o segundo ao Universo e ao Céu e, o terceiro, – continuação do segundo – abordava a teoria dos meteoros e dos fenómenos celestes e terrestres e, finalmente, o quarto livro dedicava-se a comentar *Parva Naturalia* de Aristóteles, constituído por diversos temas ligados à natureza humana como a memória ou o sono<sup>60</sup>. O estudo destes temas tinha a finalidade última de melhor conhecer Deus<sup>61</sup>.

Havia, no entanto, quem discordasse dos métodos da pedagogia jesuíta, já antes do Marquês de Pombal. Mencionámos anteriormente que a Congregação do Oratório se tornou uma das grandes forças equilibradoras e opositoras da preponderância que a Companhia de Jesus tinha, em Portugal, desde o século XVI. Fundada em Roma, por Filipe de Néri (1515-1595), em 1565, foi introduzida em terras lusas, um século depois, no início do ano de 1668, por Bartolomeu do Quental, figura ligada a D. João IV (1604-1656) e foi ganhando espaço na corte com D. Pedro II (1648-1706). Só no reinado de D. João V (1689-1750), porém, é que esta congregação de religiosos ganhou uma maior notoriedade, ao estarem bem próximos da família real, enquanto confessores dos monarcas, lugar que permitia exercer grande influência política, e cujo cargo era antes predominantemente jesuíta. Esta comunidade secular, era bem diferente dos inacianos em diversos pontos: por um lado, não constituíam, de facto, uma Ordem Religiosa. Os seus membros integravam a congregação de livre vontade e podia abandoná-la quando quisessem, levando consigo os bens que para ali levaram ao integrar a comunidade, pois não subsistiam com esmolas do povo; não existia qualquer tipo de voto religioso, estando estes homens ligados apenas pelos mesmo estatutos; não criaram uma rede de colégios no nosso país, nem era esse o seu intuito, uma vez que cada casa era independente entre si e gozava de plena autonomia. Esta liberdade e autonomia era também levada para o ensino, com enorme flexibilidade de horários, sendo que cada um era responsável pela administração do seu tempo, ao contrário do que era defendido e aplicado pelos jesuítas, que praticavam um ensino fortemente estruturado e, segundo acreditavam, os oratorianos, estagnado<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> Margarida Miranda, *op.cit.*, 2009, pág. 181 e pág. 187.

<sup>60</sup> J. Pinharanda Gomes, «Conimbricenses», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia, et. al., C-I, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 5.6.

<sup>61</sup> Margarida Miranda, *op. cit.*, 2009, pág. 183.

<sup>62</sup> Eugénio Francisco dos Santos, «Oratorianos», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia, et. al., J-P, Rio de Mouro, Círculo de Leitores. 2001, pp. 328-334.

Em 1716, D. João V estendeu o privilégio, até então exclusivo aos jesuítas do Colégio das Artes, de os seus alunos terem entrada direta na Universidade, às instituições de ensino do oratório, o que só contribuiu para o crescimento da rivalidade entre estes religiosos. A Casa mais importante, dedicada unicamente para o estudo dos jovens, era a Casa das Necessidades, onde aderiram à filosofia moderna – herdeira de Descartes (1596-1650), Francis Bacon (1561-1626) e Pierre Gassendi (1592-1655) – em detrimento da peripatética, a predileta dos jesuítas<sup>63</sup>. Acreditavam os oratorianos que, para além do ensino dos filósofos antigos, deviam ser ensinadas ao mesmo tempo e com o mesmo aprofundamento as novas teorias. Nas Necessidades realizavam-se assim observações astronómicas, práticas experimentais em laboratório e de mecânica<sup>64</sup>. Apesar de o ensino oratoriano estar mais de acordo com aquilo que era pretendido por Pombal, acabaram também eles expulsos, anos depois dos jesuítas, pois muitos dos grandes sacerdotes oratorianos, opunham-se a Sebastião José de Carvalho e Melo, sendo perseguidos e forçados ao exílio<sup>65</sup>.

Apesar destas vozes discordantes do ensino da Companhia de Jesus, a *Ratio* de 1599 foi seguida pelos jesuítas até à supressão da Ordem. Anos após a restauração dos Inacianos (1814), foi realizada, em 1832, uma nova edição, que não divergia muito da anterior, mas que se adaptava aos novos tempos. Assim, e a título de exemplo, se anteriormente se dava primazia à língua latina e se evitava usar ao máximo as línguas vernáculas de cada local (pelo menos em contexto europeu, uma vez que nas Américas e no Oriente necessitava de uma abordagem diferente, ao serem um dos principais interessados na compreensão da língua dos nativos), com a nova *Ratio* deu-se um maior destaque às línguas modernas (os liceus portugueses tinham criado logo em 1836 uma cadeira dedicada ao francês e inglês intitulada “Línguas Francesa e Inglesa, e as suas Gramáticas”<sup>66</sup>). Depois, de maneira a contrariar o argumento anti jesuíta no que toca à educação e, sobretudo, ao ensino ultrapassado e limitado das ciências, os jesuítas deram um maior destaque ao estudo da matemática, física e química, história natural e, também, da geografia e história universal. Todavia, o carácter desta nova edição era diferente da anterior, uma vez que nunca foi sancionada por uma Congregação Geral, o que significa que, em vez de ter autoridade de lei, era apenas uma «simples orientação ou norma diretiva»<sup>67</sup>.

<sup>63</sup> Idem, *ibidem*, pp. 330-334.

<sup>64</sup> Carlos Fiolhais, *op.cit.*, pág. 73.

<sup>65</sup> Eugénio Francisco dos Santos, *op. cit.*, pág. 332; Carlos Fiolhais, *ibidem.*, pp. 73-74.

<sup>66</sup> Ramos do Ó, *op. cit.*, pág. 18.

<sup>67</sup> José Manuel Martins Lopes S.J., «*Ratio Studiorum*. Um modelo pedagógico». *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]. Regime Escolar e Curriculum de Estudos*. Lisboa, Esfera do Caos, 2009 pp. 37-51., pp. 40-41.

Acerca deste valor de lei da *Ratio* de 1599, Francisco Malta Romeiras ressalva que nem sempre os jesuítas seguiam completamente o que ali estava exposto e que, apesar da sua obrigatoriedade, historiadores têm vindo a comprovar que a realidade histórica nem sempre correspondia àquilo que estava explícito na documentação oficial. De tal forma que, provavelmente, em 1612, se realizaram as primeiras observações com o telescópio, na dita *Aula da Esfera*, para a observação dos astros e dos seus movimentos, que punha em causa o modelo geocêntrico de Aristóteles e Ptolomeu, em detrimento da hipótese de Copérnico<sup>68</sup>. É através dessa documentação que os opositores da companhia justificam, muitas vezes, a teoria obscurantista, devido à obrigação dos professores seguirem determinados autores, de Aristóteles (384-322 a.C.) a São Tomás de Aquino (1225-1274), em detrimento das novas ideias filosóficas e científicas que surgiram ao longo dos séculos, na Europa<sup>69</sup>. O facto de, por exemplo, o ensino de Isaac Newton (1643-1727) ter sido proibido no Colégio das Artes, em Coimbra, em edital de 1746<sup>70</sup>, pode significar que as suas teorias eram conhecidas no Colégio e que era necessário reforçar a sua proibição.

Com a nova fixação dos Jesuítas em Portugal e formação de colégios, no século XIX, a Companhia de Jesus pretendeu contrariar, desde logo, a ideia de atraso científico, que os acompanhava desde as acusações de Pombal. Foi, determinado por esse objetivo, que se orientou o plano de estudos, sobretudo nos colégios para leigos – em Campolide e em São Fel – onde até os filhos dos maiores opositores dos inicianos eram matriculados. Acerca disto, Sousa Refoios faz o seguinte comentário:

«a maior parte das famílias, que mandam os seus filhos para o collegio de S. Fiel, fazem-o esperando que lhes será facil apagar n'elles, á sua sahida do collegio, os vestígios da direcção jesuitica, aproveitando-lhes tão somente o ensino litterario e scientifico»<sup>71</sup>.

Contudo, a existência de um «manual de instruções» para o ensino dos Colégios Jesuítas era uma mais-valia para um ensino de qualidade, o que não acontecia com os liceus portugueses.

---

<sup>68</sup> Carlos Fiolhais, *op. cit.*, pág. 61.

<sup>69</sup> Francisco Malta Romeiras, *Ciência, prestígio e devoção. Os Jesuítas e a ciência em Portugal (Séculos XIX e XX)*, 1ª edição, Cascais, Lucerna, 2015, pág. 13.

<sup>70</sup> Carlos Fiolhais, *op. cit.*, pág. 61.

<sup>71</sup> Joaquim Augusto de Sousa Refoios, *O Collegio de S. Fiel no Louriçal do Camo e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã. Aparentamentos sobre o Jesuitismo no Districto de Castello-Branco*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1883, pág. IX.

Apesar de terem sido criadas novas disciplinas, o ensino oficial estava deixado à indefinição e ao improvisado, uma vez que não era explícita a duração do curso liceal, nem a distribuição, a ordem e a sequência das cadeiras, ou mesmo os programas curriculares das disciplinas a lecionar. Isto implicava também que cada liceu português ministrava as disciplinas da maneira que mais lhe convinha, tendo cada um os seus manuais, o que impossibilitava uma verdadeira rede de liceus<sup>72</sup>, algo que o ensino jesuíta, desde o século XVI ao XVIII, já tinha obtido, não só à escala nacional, mas europeia e mundial<sup>73</sup>.

Em 1860 um novo decreto pretendeu regularizar esta situação, criando uma idade mínima para o ingresso nas aulas, fixada nos 10 anos de idade, a duração do curso – em cinco anos –, e das aulas – 6h por dia e 2h de aula e ainda um currículo fixo e distribuído pelos cinco anos<sup>74</sup>.

Optar pelo ensino privado era então a tendência por parte das elites portuguesas, situação que só se alterou com a Reforma do Ensino de Jaime Moniz, em 1895.

E se esta era a realidade nos liceus nacionais, ainda com um longo caminho a percorrer, nos colégios jesuítas o cenário era bastante diferente da generalidade dos liceus, com o ensino experimental desenvolvido e a par das novidades europeias. Em 1902, Carlos Zimmermann S.J., então professor do Colégio São Fiel, escreve na recém-fundada revista *Brotéria*, o primeiro de uma série de artigos intitulado *Microscopia Vegetal*, que nos permite perceber a diferença entre o ensino dos liceus públicos e o ensino dos colégios jesuítas. Ao contrário do que acontecia nos colégios jesuítas, onde se introduziu a utilização do microscópio, para aprendizagem das ciências naturais, a abordagem que os liceus davam era sobretudo histórico-naturalista<sup>75</sup>. Na introdução do seu artigo, antes de passar a pormenores mais técnicos acerca do microscópio, este faz um conjunto de afirmações bastante interessante acerca do panorama do ensino científico em Portugal:

---

<sup>72</sup> Luís Grosso Correia, *op. cit.*, pág. 38.

<sup>73</sup> Vide o estudo de Margarida Miranda, Margarida Miranda, «Humanismo jesuítico e identidade da Europa. Uma «comunidade pedagógica europeia»». *HVMANITAS*, vol. LIII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2001.

<sup>74</sup> Luís Grosso Correia, *op. Cit.*, pág. 39.

<sup>75</sup> Inês Duarte Aleixo Lourenço de Oliveira Gomes, *Os Museus Escolares de História Natural – Análise histórica e perspectivas de futuro (1836-1975)*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia das Ciências, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014, pág. 153.

«Julgar-se-ha, porém, que a microscopia só pertence aos cursos superior ou só é necessária a quem, depois de frequentar os laboratorios micrographicos, se quer dar em especial a algum ramo da sciencia e conhecel-o a fundo. É um erro: e infelizmente muito se tem descurado em Portugal o uso do microscopio no ensino secundario. Se exceptuarmos alguns colégios de ensino particular, raríssimos são os lyceus do Estado em que os alumnos aprendam a trabalhar com o microscopio. Contentam-se com a mera descripção do instrumento, sem aproveitar as innumeradas vantagens e proveitos que do seu uso podem tirar-se»<sup>76</sup>.

Esta deficiência, que Zimmermann reconhece no ensino público português, é o motivo que o leva a escrever este artigo, com o objetivo não só de apontar essas falhas, mas também de as corrigir, ao afirmar que «facilitar estes trabalhos, indicar os melhores meios de conseguir as preparações, eis o intuito que me propuz numa série de artigos que vou publicar»<sup>77</sup>. Estas palavras significam que monopolizar o ensino das ciências nos colégios da Companhia de Jesus não era o objetivo dos inicianos, estando dispostos a passar os seus conhecimentos aos liceus estatais, e a contribuir para o desenvolvimento da ciência da nação, considerando os outros professores como «estimados colegas no ensino secundario». Termina a sua introdução dizendo:

«Se com isto conseguir que alguns dos meus illustres collegas se animem a estudos micrographicos, e assim contribuir para que aos seus alumnos seja ministrado um ensino practico, que no estudo da anatomia vegetal é o único profícuo, dar-me-hei por bem pago do trabalho que tomei»<sup>78</sup>.

Outro dos grandes benefícios em frequentar o ensino jesuíta era a existência de Academias Científicas e a realização de diversas expedições, em que os alunos selecionados, com aptidão para as ciências, acompanhavam os seus professores, dando oportunidade para que os alunos aprendessem tanto dentro como fora da sala de aula. O mesmo acontecia no Colégio de São Fiel, esses alunos poderiam integrar a Academia Científica de Maria Santíssima Imaculada<sup>79</sup>. Estes tinham acesso a aulas especiais e discutiam-se os mais variados assuntos

<sup>76</sup> Carlos Zimmermann, «Microscopia Vegetal», *Brotéria*. Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pág. 50.

<sup>77</sup> Idem, *ibidem*, pág. 50.

<sup>78</sup> Idem, *ibidem*, pág. 51.

<sup>79</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015, pp. 93-94.

relacionados com as últimas descobertas científicas de então. Realizavam depois, sessões solenes, onde os alunos membros, apresentavam ensaios – relacionados com as ciências ou letras – apresentados a toda a comunidade escolar e abertas também aos pais<sup>80</sup>. Nestas sessões, dava-se primazia a que os ensaios fossem apresentados seguindo uma componente prática, em vez de teórica, para se demonstrar a capacidade que os sacerdotes tinham de ensinar, matérias científicas.

## **2.3. Os museus escolares de História Natural e os Gabinetes em Portugal (século XIX)**

### **2.3.1. Os estabelecimentos científicos nos liceus: legislação *versus* realidade**

Ana Delicado divide o papel dos museus de História Natural em três características principais: o de alojar coleções que permitem os investigadores estudar materiais que constituem depois a base dos seus estudos; treinar novos ou futuros profissionais; e, finalmente, difundir o conhecimento científico a um público mais alargado<sup>81</sup>. Se, por um lado, atualmente, podemos afirmar que os Museus de História Natural correspondem a estes três objetivos, no século XIX os museus não eram visitados por públicos alargados, mas principalmente por investigadores ou elementos das elites curiosos, com tempo e dinheiro.

Os museus escolares tinham de estar apetrechados com espécimes que permitissem formar, de forma suficiente, os alunos nas áreas das ciências, ou até, (e no caso dos Colégios Jesuítas isso é bastante visível), permitir que os professores-investigadores pudessem produzir estudos científicos. Nos liceus os alunos deveriam aprender a classificar taxonomicamente animais, plantas, rochas e minerais, sendo um dos principais objetivos das aulas das cadeiras científicas<sup>82</sup>.

Quanto à Física e à Química pretendia-se que, para além da teoria, fosse demonstrado, através de experiências práticas, aquilo que o professor tencionava ensinar. Apesar da vontade

---

<sup>80</sup> Idem, *ibidem*, pág. 91.

<sup>81</sup> Ana Delicado, «For scientists, for students or for the public?», *Journal of History of Science and Technology*, Vol. 4, Outono 2010, pp. 9-10.

<sup>82</sup> Inês Duarte Aleixo Lourenço de Oliveira Gomes, *Os Museus Escolares de História Natural – Análise histórica e perspetivas de futuro (1836-1975)*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia das Ciências, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014, pág. 90.

de Passos Manuel em criar condições para o ensino das ciências, a sua aplicação foi muito complicada, pelas razões já mencionadas, e ainda devido ao elevado custo que implicava a construção de espaços e a aquisição de objetos para equipar os gabinetes<sup>83</sup>. Havia outra dificuldade, de carácter financeiro, que os liceus portugueses tinham de enfrentar ao contrário dos colégios jesuítas: o gasto que implicava a contratação de professores. Esta é uma das principais despesas de um estabelecimento de ensino, das quais os colégios da Companhia de Jesus estavam dispensados, uma vez que os seus sacerdotes lecionavam de forma gratuita e não podiam auferir quaisquer rendimentos, devido ao voto de pobreza que realizam, ao ingressar nesta ordem religiosa. Assim, a Companhia de Jesus, através das mensalidades, doações e esmolas conseguia ser autossustentável e, por vezes, dava até lucro. Como funcionava em rede, redistribuía esses valores por outros estabelecimentos de ensino, de maneira a reinvestir o dinheiro. Assim, podiam promover o ensino experimental com o constante melhoramento dos espaços científicos, com aparelhos e livros atualizados, que permitia fornecer aos seus alunos um ensino científico de excelência, a que os liceus portugueses não podiam concorrer<sup>84</sup>.

Na legislação, tal como acontecia com as disciplinas, também não se especificavam os objetos que deviam guarnecer os museus de História Natural, bem como os gabinetes de física e os laboratórios. Tão-só que deveriam «satisfazer as necessidades do ensino», tendo por base as coleções de zoologia, de botânica e de mineralogia. Uma explicação alternativa possível, para esta falta de clareza, sobre o que deveria ser o discurso expositivo de um museu ou de um gabinete, no século XIX e inícios do século XX, tem a ver com o facto de as pessoas já saberem, à partida, quais os elementos e as coleções que deveriam constituir estes estabelecimentos, bem como o modo como deveriam estar organizados<sup>85</sup>.

Outra das grandes dificuldades em criar museus, gabinetes ou laboratórios nos liceus era a distinção entre liceus centrais, ou de primeira, e os liceus de província, ou de segunda classe (pelo menos até 1886, ano em que essa distinção deixou de existir). Se esses estabelecimentos tinham um carácter obrigatório nos liceus centrais, os de província iriam sendo criados «à medida que se fo[sse] reconhecendo a sua necessidade e os fundos destinados à instrução secundária o permiti[ss]em»<sup>86</sup>. Neste sentido, o Liceu de Castelo Branco, em 1910,

---

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, pp. 85-86.

<sup>84</sup> Francisco Malta Romeiras, «Constituição e percurso das coleções científicas dos jesuítas exilados pela 1ª República: o caso de Carlos Zimmermann SJ (1871-1950)», *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXXXVI (168), 2015, pág. 290.

<sup>85</sup> Inês Duarte Aleixo Lourenço de Oliveira Gomes, *op. cit.*, pág. 121.

<sup>86</sup> Idem, *ibidem*, pág. 88.

não possuía, passado cerca de 60 anos após a sua criação, nenhum museu de História Natural. Apenas com a República conseguiu o seu primeiro Museu de História Natural com o espólio proveniente do extinto Colégio de São Fiel.

As coleções eram geralmente adquiridas por compra, a fornecedores estrangeiros<sup>87</sup>. Como a instituição de um ensino científico no país era um dos grandes objetivos do governo, estiveram previstas compras de coleções didáticas para os liceus portugueses<sup>88</sup>. Sabemos ainda, por um parecer enviado pelo governo ao Liceu de Ponta Delgada, acerca das disciplinas de ciências e dos gabinetes, que se aconselhou o liceu a adquirir, para o seu Museu de História Natural, «seis mamíferos, quatro répteis, 18 aves, seis peixes, 100 insetos, cinco crustáceos, três radiados, 100 moluscos, 15 madrepérolas, 12 infusórios, um herbário, uma coleção industrial de rochas e minerais, uma coleção de 100 rochas respetivas aos diferentes terrenos e uma coleção de 100 fósseis característicos desses terrenos»<sup>89</sup>. Recomendava-se ainda os fornecedores da encomenda, neste caso, a casa Hachette, em Paris<sup>90</sup>. A venda deste tipo de materiais didáticos constituía uma indústria, concentrada em França, na Alemanha e em Inglaterra, com um vastíssimo mercado. Apesar de os Museus de História Natural serem constituídos por coleções de zoologia, de botânica ou de geologia, a zoologia tinha preferência, tanto nos programas liceais como nos gabinetes<sup>91</sup>.

O parecer dado pelo governo foi seguido por outros liceus, tendo tido carácter obrigatório. Alguns docentes tentaram aumentar as coleções, pedindo autorização ao governo, porém, estes pedidos eram sempre negados com o argumento de que os objetos indicados no relatório eram suficientes para a aprendizagem dos alunos<sup>92</sup>.

Para além das encomendas ao estrangeiro, redes de contacto, mecenato e doações, alargavam as coleções, fazendo-se aquisições à Universidade de Coimbra<sup>93</sup> que, na época, possuía inúmeros exemplares duplicados, principalmente da fauna portuguesa<sup>94</sup>. Mais tarde, já depois da reforma de Jaime Moniz, a Escola Politécnica, em Lisboa, teve também um papel essencial na aquisição ou empréstimo de espécimes, aos liceus.

---

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*, pág. 126.

<sup>88</sup> Idem, *ibidem*, pág. 127.

<sup>89</sup> Idem, *ibidem*, pág. 128.

<sup>90</sup> Idem, *ibidem*, pág. 128.

<sup>91</sup> Idem, *ibidem*, pág. 145.

<sup>92</sup> Idem, *ibidem*, pág. 132.

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*, pág. 134.

<sup>94</sup> Luís Miguel Pires Ceríaco, *op. cit.*, pp. 447-448.

## CAPÍTULO III – OS JESUÍTAS E OS SEUS COLÉGIOS. A CONSTITUIÇÃO DA COLEÇÃO CIENTÍFICA DO COLÉGIO DE SÃO FIEL

### 3.1. O Colégio de São Fiel: de seminário franciscano a colégio da Companhia de Jesus<sup>95</sup>

#### 3.1.1. Seminário de São Fiel (1852-1863)

O Colégio de São Fiel, situado na aldeia do Louriçal do Campo, então pertencente ao concelho de São Vicente da Beira (extinto em 1895) e, posteriormente ao concelho de Castelo Branco, começou por ser um seminário de meninos órfãos, ligado à ordem franciscana, à qual pertencia o seu fundador.

O seminário foi fundado por Frei Agostinho da Anunciação (1808-1874), nascido na mesma localidade, com o nome de batismo de José Bento Ribeiro Gaspar<sup>96</sup>. Realizou os estudos em Cânones na Universidade de Coimbra até 1830, ano em que decidiu ingressar na ordem franciscana, professando os seus votos no convento do Varatojo. Em 1834, com a referida extinção das ordens religiosas masculinas, vai refugiar-se na sua terra natal, na casa de seus pais, até ao fim do setembrismo e à restauração da Carta Constitucional. Nesta fase de acalmia, vai para a capital, onde se dedica ao ensino das primeiras letras e da doutrina cristã<sup>97</sup>. Em Lisboa, é convidado para capelão e confessor da Infanta Maria Isabel, irmã de D. Pedro e D. Miguel, cuja relação entre ambos se torna fundamental para o arranque e sobrevivência do projeto do franciscano, no Louriçal do Campo, situado no sopé da Serra da Gardunha. Apesar de a infanta se encontrar afastada da vida pública e política portuguesas, devido ao seu papel no desenrolar da Guerra Civil, vai estar, em oposição, muito próxima da Igreja Católica, dedicando-se a práticas religiosas, à proteção do clero regular e mantém, inclusive, contacto com o Papa<sup>98</sup>.

Fundado, oficialmente, em 1852, no local conhecido como Casal da Pelota e adotando os estatutos do Colégio de São Caetano, em Braga<sup>99</sup>, já antes acolhia, na casa de família,

---

<sup>95</sup> Cf. Anexo B1

<sup>96</sup> Luís R. Dias da Costa, *op. cit.*, pág. 119.

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*, pp. 119-123.

<sup>98</sup> Idem, *ibidem*, pp. 124-125.

<sup>99</sup> António Mendes Lages, *O Sr. Marianno de Carvalho e o Collegio de S. Fiel. Collecção de artigos publicados nos n.ºs 144, 145 e 146 da Cruz do Operario*, Lisboa, Typographia da Cruz do Operario, 1883, pág. 10. Disponível em:

algumas crianças pobres e órfãs, com a finalidade de lhes fornecer uma educação elementar. Tinha, pois, uma função educacional, mas também de assistência numa região de poucas oportunidades<sup>100</sup>.

Foi ainda no período de seminário que recebeu a invocação a São Fiel, cujas relíquias foram adquiridas pelo franciscano, em Lisboa, através de um diplomata, e que mandara, em 1851, modelar e ornar em Braga<sup>101</sup>.

Em 1858, o projeto de Frei Agostinho da Anunciação sofre o seu primeiro revés, com um incêndio a deflagrar na madrugada de 24 para 25 de agosto, destruindo as instalações do orfanato e, também, muita da documentação sobre os primeiros anos da instituição. Os órfãos que ali viviam, 40 no total, foram reencaminhados para outras instituições de caridade eclesiásticas, nomeadamente o Instituto da Caridade de Rademaker, já em Campolide. São Fiel, que vivia de esmolas, só conseguiu reerguer-se novamente com o apoio da referida infanta, que mais uma vez se mostrava crucial, e intercedeu para que a administração da instituição passasse para as Irmãs da Caridade, em 1860<sup>102</sup>.

Dois anos depois, com a expulsão das Irmãs da Caridade de Portugal, o seminário encontrava-se novamente sem administração. E é neste contexto de impasse administrativo que os Jesuítas tomam, a pedido do Papa, Pio IX (1846-1878), a gestão de São Fiel.

### 3.1.2. Colégio de São Fiel – um colégio jesuíta (1863-1910)

Apesar de, como referido, o Colégio de São Fiel ser um colégio com origem franciscana, a verdade é que, já em 1853, se encontravam, nas suas instalações, jesuítas, nomeadamente os irmãos padres Grainha – Francisco de Oliveira (1827-1896) e João de Oliveira Grainha (1816-1892), da Covilhã, bastante conhecidos na região e que colaboraram esporadicamente com Frei Agostinho de Anunciação – bem como António José Justino S.J., responsável pela pregação e

---

[https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~fmromeiras/Broteria\\_/Downloads\\_files/Marianno%20Carvalho\\_Sa%CC%83o%20Fiel.pdf](https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~fmromeiras/Broteria_/Downloads_files/Marianno%20Carvalho_Sa%CC%83o%20Fiel.pdf) [consultado a: 4 de dezembro de 2018].

<sup>100</sup> Ernesto Candeias Martins, «Do Colégio de S. Fiel a Reformatório (séculos XIX-XX). Contributos à Re(educação) em Portugal». *Anais do VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*, 2006, pág. 827.

<sup>101</sup> Luís R. Dias da Costa, *op. cit.*, pág. 127.

<sup>102</sup> J. Pinharanda Gomes, Nas Origens da revista *Brotéria* (Lourçal do Campo, 1902-1910)», *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*, Coord. Hermínio Rico S.J., José Eduardo Franco, Lisboa, Gradiva, 2003, pág. 196

confissão no Colégio de São Fiel<sup>103</sup>. Por esta razão, mesmo antes de se tornar um Colégio jesuíta, o seminário já se encontrava na mira dos anti congreganistas.

Quando, em 1862, frei Agostinho se encontrava num impasse quanto à nova administração, a infanta saiu, pela terceira vez, em seu auxílio e dirigiu-se a Roma, para que o Papa pudesse resolver esta questão. Se Frei Agostinho da Anunciação preferia outra ordem religiosa, como defende Ramos Preto, acérrimo anti jesuíta, no seu relatório de 1911, ou se foi ele a preferir os jesuítas, como defende Gonzaga de Azevedo, em *Proscritos*, é aqui secundário. O facto é que o Papa Pio IX nomeou os jesuítas como novos administradores do seminário. Afirma o mesmo Gonzaga de Azevedo:

«(...) os jesuítas aceitaram o orfanato com repugnância e só em obediências às ordens do Sumo Pontífice Pio IX, não só porque lhes escasseava pessoal, mas também porque o sítio, como tão descampado, era impróprio ao exercício dos seus ministérios<sup>104</sup>».

Para além disso, Pinharanda Gomes justifica ainda esta pouca vontade de os jesuítas ali se fixarem com a má experiência que tinham tido nas terras da Beira Baixa, mais propriamente Alpedrinha, no século XVII, tendo sido convidados a formar um Colégio, para depois serem expulsos, devido a alguns «poderes instituídos [que] moveram influências e conseguiram afastar os jesuítas» no verão de 1665<sup>105</sup>.

A verdade é que, em 1863, os jesuítas fixam-se no Colégio de São Fiel, adotando o regulamento do Colégio de Campolide. Nestes primeiros anos de fixação no Colégio de São Fiel, os jesuítas apenas lecionaram disciplinas da área das Humanidades, como Latim, Retórica e Gramática. Só, quase dez anos depois, instituíram uma cadeira de Matemática, no ano letivo 1872-1873, e depois, em 1876-1877, as disciplinas de Física, Química e História Natural<sup>106</sup>. Como vimos, esta aposta nas ciências experimentais era fundamental para a Companhia de Jesus que, ao fornecer um ensino de excelência no que toca às matérias científicas, pretendia contrariar e combater os argumentos dos seus opositores, ao educar com a maior das diligências os jovens portugueses. As disciplinas nas áreas das humanidades, ao contrário do que aconteceu

<sup>103</sup> Luís R. Dias da Costa, *op. cit.*, pág. 128.

<sup>104</sup> Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *Proscritos*, Segunda Parte, Bruxelas, E. DAEM, 1914, pág. 11.

<sup>105</sup> J. Pinharanda Gomes, *op. cit.*, pág. 196.

<sup>106</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015 pág. 84.

nos primeiros séculos da Companhia de Jesus, em Portugal, estavam a um nível abaixo das aulas de carácter científico. Sobre isso testemunham os antigos alunos Luís Cabral Moncada (1888-1974) e Egas Moniz (1874-1955). Sobre o ensino das humanidades afirma então o primeiro:

«Sem dúvida, os seus métodos pedagógicos, se comparados com os de épocas posteriores, sofriam de graves defeitos. Mas esses defeitos não lhes eram peculiares; eram defeitos gerais, comuns a todos os colégios e liceus daquele tempo, em toda a parte. No ensino das humanidades, quanto me recordo, abusava-se muito da memória e da fixação de ideias abstratas enfiadas umas nas outras e depois desenroladas segundo uma lógica muito formal e aristotélica<sup>107</sup>».

O futuro prémio nobel possuía uma opinião semelhante. Para além das atividades religiosas em que tinham de participar e que, segundo o mesmo, «levava tempo e roubava actividade», também atribuía algumas fragilidades do ensino de São Fiel, nomeadamente humanístico, «por estar sujeita a programas liceais, alguns deles pouco recomendáveis»<sup>108</sup>. Esta fragilidade das humanidades era, portanto, generalizada ao ensino público e privado.

Quando os jesuítas se fixaram no Colégio de São Fiel, o ambiente que se vivia em Portugal era de grande tensão, e de maneira a evitar a perda dos colégios, acontecida no século XVIII, realizaram, à semelhança do que aconteceu com a sua congénere, em Lisboa, simular a venda da propriedade, a 6 de novembro de 1873, numa altura em que Frei Agostinho da Anunciação já de encontrava em processo de despojamento dos seus bens. Três ingleses, jesuítas – mas não identificados como pertencentes à Companhia de Jesus – de nome Georges Lambert, Ignácio Cory Soles e Henri Foley, compraram o colégio por 2 contos de réis, ficando este edifício sob a proteção diplomática de Inglaterra, para além de não ser associada oficialmente aos inicianos, cuja presença em Portugal não era permitida segundo a lei<sup>109</sup>.

<sup>107</sup> Luís Cabral de Moncada apud Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015, pág. 83.

<sup>108</sup> Idem, *ibidem*, pág. 83.

<sup>109</sup> Henrique Leitão, Francisco Malta Romeiras, «Jesuítas e Ciência em Portugal. II – Carlos Zimmemann S.J. e o ensino da Microscopia Vegetal», *Brotéria*, 174, 2012, pág. 116.

Quando esta venda foi posta em causa por opositores da Companhia de Jesus, pela primeira vez, em 1880<sup>110</sup>, os jesuítas prontamente se defenderam, argumentando:

«Mal se tinha concluído e começado a habitar o edifício [de São Fiel], quando em 1858 foi de todo consumido por um incêndio. Reconstruíu-o á sua custa Fr. Agostinho (...). No collegio deve haver documentos legaes em que se declara que o estabelecimento principiado pelo dicto Fr. Agostinho com auctorisação do Governo ficou destruído completamente, que o edificio levantado em vez do antigo era de Fr. Agostinho e só d'elle, e que o Governo nada tinha com tal estabelecimento nem com a sua manutenção.

D'aqui se conclue que o fundador o podia vender a quem quisesse ou dar-lhe o destino que bem lhe aprouvesse (...))»<sup>111</sup>.

Além disso, quando o imóvel foi adquirido pelos jesuítas, não tinha metade do espaço que tinha em 1880, tendo capacidade para acomodar 150 alunos, cinco vezes mais do que no tempo de Fr. Agostinho<sup>112</sup>.

Para além da questão da venda do imóvel, uma das principais críticas por parte dos opositores dos jesuítas é a de estes nunca preservaram colégios para a educação dos pobres, transformando-os em colégios para elites e famílias suficientemente abastadas para poderem pagar as pensões. Porém, no Colégio de São Fiel, apesar de em número muito mais reduzido, continuaram a aceitar alunos pobres da região ou com meios reduzidos, e que mostrassem aptidão para as letras<sup>113</sup>.

«Além dos órfãos que sempre tem continuado a educar, admittiu alumnos de duas classes: uns pagavam uma pensão muito modica, e eram tratados como os órfãos; outros, de famílias mais abastadas, que pagando um pouco mais, tinham também um tratamento melhor»<sup>114</sup>.

---

<sup>110</sup> António Mendes Lages, *op. cit.*, pág. 9.

<sup>111</sup> Idem, *ibidem*, pp. 10-11.

<sup>112</sup> Idem, *ibidem*, pág. 11.

<sup>113</sup> Luís R. Dias da Costa, *op. cit.*, pp. 137-138.

<sup>114</sup> António Mendes Lages, *op. cit.*, pp. 12-13.

Esse tratamento diferenciado entre pensionistas e órfãos, nomeadamente na alimentação dada aos alunos, vai ser progressivamente atenuado com o aumento das pensões.

A utilização de vestes talares – associada à Companhia de Jesus – por parte de alunos, sacerdotes e professores, bem como a habilitação (ou, neste caso, da falta de habilitação oficial) destes últimos, era fortemente censurada pelos anti jesuítas, pois consideravam que os professores do colégio não possuíam as autorizações necessárias para poderem lecionar os estudantes inscritos nas suas instituições de ensino. Contudo, esse documento de habilitação não era obrigatório. Assim sendo, os jesuítas consideravam que as *habilitações*, isto é, os conhecimentos que os sacerdotes jesuítas detinham *de facto*, permitia que estes lecionassem as mais variadas disciplinas, de forma exemplar, o que, segundo eles, valia mais que um professor habilitado, com a documentação oficial, mas que, na prática, não dominava o conteúdo das matérias<sup>115</sup>.

Apesar destas oposições ao colégio situado na Beira Baixa, em 1910, ano da nova expulsão dos jesuítas do território nacional, este era uma das mais conceituadas instituições de ensino na região, mas, sobretudo, um dos melhores colégios particulares do país<sup>116</sup>.

### **3.2. A atividade científica no Colégio de São Fiel – professores colecionadores e o contacto com a comunidade científica nacional e internacional**

#### **3.2.1. Principais protagonistas da constituição de coleções**

A constituição das coleções científicas, no Colégio de São Fiel, deve-se, sobretudo, a três sacerdotes jesuítas, mais especificamente, Joaquim da Silva Tavares S.J., Cândido de Azevedo Mendes S.J. e Carlos Zimmermann S.J, fundadores da revista *Brotéria*, em 1902.

Joaquim da Silva Tavares S.J. (1866-1931) foi reitor do Colégio de São Fiel nos últimos anos da instituição. Nasceu em Cardigos (pertencente à época ao concelho de Vila de Rei, mas que, em 1877, passou para o concelho de Mação), estudou Humanidades e Filosofia no Colégio

---

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*, pág. 23.

<sup>116</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «Dernières nouveautés cécidologiques du Portugal», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, volume XI, Braga, Typ. A Vapor de Augusto de Augusto Costa & Matos, 1913, pág. 200. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177261> [Consultado a 15 de julho de 2019].

de São Francisco, em Setúbal, durante os anos de 1882-1888, e terminou a sua formação teológica em Viena, em 1899<sup>117</sup>. Lecionou várias disciplinas, como latim, grego, física, química, ciências naturais e história natural, em diversos colégios da Companhia, em Portugal, nomeadamente Setúbal, Campolide e S. Fiel. A sua especialização era a botânica e a entomologia, isto é, o estudo dos insetos, mais concretamente as zoocecídias de Portugal Continental e da Madeira<sup>118</sup>. As cecídias são deformações vegetais, «produzida[s] pela reacção da planta contra a invasão d'um parasita» que pode ser vegetal ou animal, sendo que à reacção da planta produzida por um animal dá-se o nome de zoocecídia<sup>119</sup>. Foi graças aos seus estudos sobre cecídias, até então uma matéria pouco explorada, que, em 1903, foi nomeado sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi o último reitor do Colégio de São Fiel, tendo permanecido no cargo durante os anos de 1908 e 1910<sup>120</sup>.

Carlos Zimmermann S.J. (1871-1950) nasceu na Alemanha, ingressando na Companhia de Jesus, em França, na cidade de Lyon, em 1890. Ensinou no colégio de São Fiel latim, música, alemão, física, química, história, geografia e desenho. Como já vimos especializou-se em microscopia, com o estudo das diatomáceas, publicando em 1906 um catálogo de espécies portuguesas<sup>121</sup>.

Por sua vez, Cândido de Azevedo Mendes S.J. (1874-1943) nasceu em Soutos, Torres Novas. Realizou os seus estudos superiores em Roma, durante os anos de 1902 a 1907. Em São Fiel ensinou física, química e ciências naturais. A sua especialidade foram os lepidópteros, recolhendo vários exemplares da zona do Louriçal do Campo, publicando as suas descobertas em diversos catálogos<sup>122</sup>. Foi um dos maiores contribuidores para o conhecimento dos lepidópteros portugueses, especialmente na região de São Fiel, registando mais de 800<sup>123</sup>,

---

<sup>117</sup> João Paulo Cabral, «A fundação da Botânica moderna em Portugal – Júlio Henriques, A. X. Pereira Coutinho e Gonçalo Sampaio, *Memórias da Sociedade Broteriana*, Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra, vol. XXXIII, Maia, SerSilio, 2007, pág. 77. Disponível em: <https://www.academia.edu/25322620>. [Consultado a: 15 de agosto de 2019].

<sup>118</sup> Idem, «La Revista *Brotéria*, los jesuítas naturalistas y Gonçalo Sampaio. Intercambio de plantas e ideas y el desarrollo de la botánica en Portugal», *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, vol. LXII, nº1, 2010, pág. 70.

<sup>119</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «Revista Annual de Cecidologia», *Broteria. Revista de Ciencias Naturales do Collegio de S. Fiel*, volume 2º, Lisboa, La Bécarre, 1903, pág. 81. Disponível em: <https://bit.ly/30HAiVk>. [Consultado a 2 de fevereiro de 2019].

<sup>120</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015, pp. 154-155.

<sup>121</sup> João Paulo Cabral, *op. cit.*, 2010, pág. 70.

<sup>122</sup> Idem, *ibidem*, pág. 70.

<sup>123</sup> Martin F.V. Corley, The Lepidoptera collections of deceased portuguese entomologists, *Entomologist's Gazette*, volume 59, 2008, pág. 149.

número que o jesuíta, considera baixo, ao comparar com os catálogos regionais de outros países. Atribui este facto à aridez da região e aos poucos bosques e florestas com floras variáveis<sup>124</sup>.

Foram ainda professores, no Colégio de São Fiel, muitos outros contribuidores para as ciências, mormente, Manuel Tavares Rebimbas S.J. que se dedicava ao estudo da química e física e que realizou várias experiências relacionadas com a radioatividade<sup>125</sup>; Manuel Narciso Martins S.J. que se dedicou-se ao estudo dos coleópteros; Camilo Torrend S.J. tinha como área de estudo a micologia (ou micetologia, isto é, o estudo dos fungos)<sup>126</sup>; Vieilledent S.J. dedicava-se, à semelhança de Cândido Mendes de Azevedo S.J., ao estudo dos lepidópteros; e, finalmente, Luís Lopes S.J., missionário até às vésperas de revolução<sup>127</sup>, encontrava-se no Colégio de São Fiel, em outubro de 1910, e contribuiu para o aumento da coleção do Museu de S. Fiel, com remessas de exemplares, principalmente zoológicos, da região da Zambézia, Moçambique<sup>128</sup>.

Como notamos por esta breve biografia dos professores sacerdotes jesuítas do Colégio de São Fiel, para além de se dedicarem ao ensino dos jovens, ocupavam-se também, paralelamente, à atividade científica, contribuindo para a divulgação do conhecimento junto da comunidade científica internacional, da flora e faunas portuguesas. Mantinham contacto com grandes nomes das ciências em Portugal, estando, por vezes, conscientes das próprias limitações no que podiam dar e partilhar com a comunidade científica nacional.

Apesar de não serem cientistas profissionais, impossibilitados de se dedicarem a tempo inteiro à produção científica, o seu trabalho de campo e os seus estudos eram reconhecidos e estimados pela comunidade científica, independentemente da sua convicção política, pois

---

<sup>124</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Olhar retrospectivo sobre a fauna lepidoptérica da região de S. Fiel em relação com a sua flora e natureza geológica», *Série Zoológica*, volume XI, Braga, Typ. A Vapor de Augusto de Augusto Costa & Matos, 1913, pág. 32. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177261> [Consultado a. 15 de julho de 2019].

<sup>125</sup> João Paulo Cabral, *op. cit.*, 2010, pág. 71.

<sup>126</sup> «Nomes e direcção dos naturalistas portugueses», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. 192-195.

<sup>127</sup> Luís Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, II parte, pág. 16 e 185.

<sup>128</sup> Foram publicados vários estudos resultantes das remessas de Luís Lopes S.J., nomeadamente de cecídias: Joaquim da Silva Tavares S.J., «Contributio prima ad cognitionem cecidologiae Regionis Zambezie», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, *Série Zoológica*, volume VII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1908, pp. 133-171; de mamíferos: Brotéria, «Vertebrados enviados da Zambezia (Africa Oriental) pelo missionario Rev. Luiz Lopes. Mammiferos classificados por A. F. de Seabra, Naturalista do Museu de Lisboa», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, *Série Zoológica*, Volume VIII, S. Fiel, 1909, pp. 91-101; neurópteros: Longinos Navás, «Neurópteros do Zumbo (Africa Oriental Mozambique). Coleccionados por el P. Lopes», *idem*, pág. 106.; lepidópteros: Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Lepidoptera Africana. I – Ex Zambezia Lusitana», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, *Série Zoológica*, Volume X, Braga, Typ a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1912, pp. 183-191.

contribuíam para o colmatar de lacunas no conhecimento de determinadas áreas ou regiões tradicionalmente pouco estudadas, como era o caso da região da Beira Baixa e da Serra da Estrela.

Joaquim da Silva Tavares S.J., por exemplo, mantinha contacto regular com o conhecido botânico Gonçalo Sampaio, realizando um verdadeiro «intercâmbio científico»<sup>129</sup>. A correspondência entre estes dois naturalistas, estudada por João Paulo Cabral, remete sobretudo para o pedido do sacerdote jesuíta de novos exemplares, principalmente de cecídias, a sua área de estudo preferencial.

Zimmermann, por sua vez, também detinha contactos com o Botânico Júlio Henriques, de Coimbra, com Maurice Peragalo, seu antigo professor em Paris e diatomista e, ainda com Joannes Albert Tèmperè (coleccionador de algas<sup>130</sup>), Francisco Oom e Silva e Castro.

Já Cândido Mendes de Azevedo S.J. mantinha contacto com o entomologista francês, presidente da *Société entomologique de France* no ano de 1908, o padre Joseph de Joannis, enviando-lhe vários exemplares de microlepidópteros cuja identificação, na época, era uma tarefa árdua. Joannis ficava com material duplicado, enviado por Mendes. Devido a isto, muitos destes exemplares encontram-se hoje no *Muséum National d'Histoire Naturelle*, de Paris, geralmente com as etiquetas «Soalheira» ou «Lardosa», localidades muito próximas do Colégio de São Fiel, e que detinham estações de comboio. Partilhava ainda com Joannis, o gosto pelo estudo dos minadores, espécies de larvas de insetos que se encontram no interior das folhas das árvores e plantas, sendo que muitas das novas espécies descritas pelo francês têm como base as coleções enviadas por Cândido Mendes<sup>131</sup>.

### 3.2.2. Museu de História Natural e Herbário

O Museu de História Natural<sup>132</sup> de São Fiel tinha como diretor Joaquim da Silva Tavares. Não há uma data concreta para a criação do museu, mas Francisco Malta Romeiras

---

<sup>129</sup> Idem, *ibidem*, pág. 73.

<sup>130</sup> Francisco Malta Romeiras, «Constituição e percurso das coleções científicas dos jesuítas exilados pela 1ª República: o caso de Carlos Zimmermann SJ (1871-1950)», *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXXXVI (168), 2015, pág. 305.

<sup>131</sup> Martin F.V. Corley, *op. cit.*, 2008, pág. 149.

<sup>132</sup> Cf. Anexo B3

aponta para que tenha sido criado entre 1876 e 1878, uma vez que começaram a lecionar disciplinas de História Natural, Física e Química nesse período<sup>133</sup>.

Os exemplares deste museu foram adquiridos das mais diversas formas. A mais fácil, mas também dispendiosa, era a encomenda a casas especializadas no fornecimento de materiais de cariz científico e educativo, que iam desde os instrumentos, às vitrinas, até aos animais conservados, já nomeados taxonomicamente. Porém, os sacerdotes jesuítas dedicaram muito do seu tempo pessoal ao aumento das suas. Eram realizadas, sempre que conseguiam, expedições científicas a diversos locais do país, como à Serra do Gerês e à Serra da Estrela, fazendo-se acompanhar, muitas vezes, de um caçador, para capturar exemplares dos locais visitados. Os alunos do colégio também contribuíam para o aumento das coleções, não só do Museu de S. Fiel, mas também das coleções privadas, como a dos lepidópteros de Cândido Mendes. Os professores de outros colégios<sup>134</sup>, familiares<sup>135</sup> ou naturalistas leigos<sup>136</sup> com quem faziam trocas ou enviavam exemplares duplicados<sup>137</sup>, eram outros dos contribuidores.

Estas capturas não tinham como única finalidade a de aumentar, em número, o acervo do Colégio, mas também a de produzir conhecimento científico, principalmente na classificação de novas espécies e conseqüente taxonomia, por parte dos sacerdotes. Para a identificação de novas espécies podiam recorrer, muitas vezes, a naturalistas especializados em determinada área, para que os auxiliassem na identificação, que era sobretudo complicada em exemplares mais pequenos.

Sabemos que a coleção de mamíferos e aves tinham espécies raras, bem como a coleção de insetos era bastante rica e com muita variedade de espécies. Na *Revista de Chimica Pura e Applicada* de 1911 diz-se:

---

<sup>133</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, Lucerna, 2015 pág. 76.

<sup>134</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Lepidopteros de Portugal I. Lepidopteros da região de S. Fiel (Beira Baixa)», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pág. 157.

<sup>135</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Lepidópteros de Portugal. I – Lepidópteros dos arredores de Torres Vedras». *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Zoológica, Volume IX, fasc. II, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1910, pág. 110. Disponível em: <https://bit.ly/2ZiVV1r> [consultado a: 4 de fevereiro de 2019].

<sup>136</sup> João Paulo Cabral, *op. cit.*, 2010, pág. 76; Carlos Zimmermann S.J., «Catalogo das Diatomaceas portuguesas», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Botânica, Volume VIII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1909, pág. 89. Disponível em: <https://bit.ly/2ZiOpmj> [consultado a 3 de fevereiro de 2019].

<sup>137</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «O Herbário do Collégio de São Fiel», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Botânica, Volume XXI, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1924, pág. 83. Disponível em: <https://bit.ly/30FSL4x> [consultado a 4 de fevereiro de 2019].

«**Para o publico estava exposta** uma parte só dos orthopteros, nevrópteros e lepidópteros da Europa, do Brazil e das colonias portuguezas, assim como parte da collecção de zooecídias das mesmas regiões (esta ultima collecção era a única da Peninsula Iberica).<sup>138</sup>»

Este excerto, para além de dar mais informações sobre a constituição das coleções e da sua origem, permite ainda deduzir que a visita a este Museu de História Natural não estava limitada aos docentes, discentes e naturalistas convidados, mas estava também aberta a um público (não sabemos se alargado ou específico) que a poderia fazer e ver alguns espécimes. E ainda:

«As outras collecções, de hymenopteros, hemípteros, dípteros e coleópteros, encerravam elementos de grande valor; mas, assim estas como aquelas, iam-se preparando e estudando, segundo o tempo e as circunstancias o permitiam».

A criação de um herbário no Colégio de São Fiel tinha sido iniciativa de Carlos Zimmermann S.J., que iniciou o projeto no ano-letivo de 1897-1898, dedicando-se a ela até ao ano de 1903-1904, altura em que passou a sua responsabilidade para Joaquim da Silva Tavares, até ao seu regresso em 1907-1908<sup>139</sup>.

Também Carlos Zimmermann S.J. trocava impressões com Gonçalo Sampaio. Sampaio enviava líquenes ao jesuíta. Por troca, o sacerdote remetia-lhe exemplares de *Menthas*<sup>140</sup>.

O conjunto de exemplares não era de somenos importância científica. Em 1904, Silva Tavares convidava Sampaio a São Fiel, para que ele estudasse os *Rubus* presentes no herbário do Colégio.

Efetivamente, no volume VI da *Brotéria. Vulgarização científica*, ao falar da sua redação e das instalações da mesma afirma-se:

---

<sup>138</sup> A. J. Ferreira da Silva, «Os redactores da ‘Brotéria’ exilados: as suas collecções científicas confiscadas e perdidas», Série I, Anno 7, Número 8, 1911, pág. 230.

<sup>139</sup> Joaquim da Silva Tavares, *op. cit.*, 1924, pág. 82.

<sup>140</sup> Idem, *ibidem*, pág. 77.

«Possue [...] um herbário, rico de cryptogamicas inferiores – muscineas, algas, fungos e lichens; collecções incompletas de vertebrados portuguezes, collecções importantes de lepidópteros da Europa e Africa, orthopteros da Peninsula Iberica, Zoocecídias do globo, e varias outras em começo – nevrópteros, coleópteros, dípteros, hymenopteros, etc.<sup>141</sup>»

Os alunos poderiam encontrar aqui todos os materiais necessários para realizar observações no microscópio, bem como estudar as suas coleções zoológicas, botânicas e mineralógicas<sup>142</sup>.

### 3.2.3. Observatório meteorológico

O observatório meteorológico do Colégio de São Fiel foi criado nos finais do ano de 1901 e, a cargo de Carlos Zimmermann S.J., iniciou atividade em janeiro de 1902.

Neste caso, Zimmermann trocou várias missivas com Frederico Oom, então astrónomo no Observatório Astronómico de Lisboa, e futuro diretor da mesma instituição, quanto aos aparelhos a adquirir, para além de pedir aconselhamentos sobre a instalação dos instrumentos que possuíam na altura<sup>143</sup>.

Esses primeiros aparelhos foram o barómetro de Fortin, o barógrafo Richard, o psicómetro de Augusto, o psicógrafo Richard, o termómetro de máxima absoluta do sistema Negretii e Zambra, o termómetro de mínima de sistema Rutherford, o termógrafo, anemómetro Robinson, o udómetro sistema Babinet, o evaporímetro de Piche e o ozonómetro de James<sup>144</sup>.

Este observatório tinha como objetivo pertencer à rede nacional de observatórios. De facto, começaram a ser enviadas as observações meteorológicas, inicialmente, uma vez por

---

<sup>141</sup> «Instalações da Brotéria», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série de Vulgarização Científica, Volume VI, S. Fiel, 1907, pág. 11.

<sup>142</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015, pág. 78.

<sup>143</sup> Henrique Leitão, Francisco Malta Romeiras «Jesuítas e Ciência em Portugal. III – As expedições científicas e a observação dos eclipses solares de 1900-1905», *Brotéria. Cristianismo e Cultura*, 174, 3, 2012, pág. 222.

<sup>144</sup> Carlos Zimmermann S.J., «Observatorio meteorologico do Collegio de S. Fiel», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. 186-187.

mês, através de carta<sup>145</sup>, passando a duas vezes por dia, quando foi adquirido um telégrafo<sup>146</sup>, para o Observatório do Infante D. Luís e que eram incluídas no relatório anual desta instituição<sup>147</sup>. O colégio valorizava assim a região onde se inseria através do levantamento de dados sobre as condições climáticas e meteorológicas do interior da Beira<sup>148</sup>.

Carlos Zimmermann S.J. afirma ainda, em 1902, que pretendiam também «dar principio a um observatório magnético»<sup>149</sup>, porém, o projeto não foi iniciado.

### 3.2.4. O Gabinete de Física e o Laboratório de Química

Francisco Malta Romeiras aponta a criação do Gabinete de Física e Laboratório de Química entre os anos 1876-1878, uma vez que, nesses anos, como referimos, se iniciou o ensino da Física, da Química e da História Natural. Encontrava-se equipado com objetos que permitiam realizar experiências «de mecânica e gravidade, de hidrostática, de gases, de calor, de ótica e de eletricidade»<sup>150</sup>.

Sobre este gabinete e laboratório não foi encontrada muita informação, apenas que estavam «suficientemente apetrechados», segundo o seu antigo aluno Egas Moniz e ainda um registo fotográfico onde se pode ver alguns instrumentos do gabinete de física<sup>151</sup>.

Para além disso, «as vicissitudes e as mutações ideológicas que o rodar do tempo fizeram abater sobre o antigo edifício de São Fiel não nos permitem reconstituir nem a arquitetura dos laboratórios, nem aprender os ritmos de vida que neles se viveram»<sup>152</sup>.

Através dos equipamentos e de testemunhos sabemos também que os instrumentos que ali se encontravam não estavam desatualizados em relação àquilo que se fazia na Europa.

---

<sup>145</sup> Idem, *ibidem*, pág. 187.

<sup>146</sup> Idem, «Catalogo das Diatomaceas portuguesas», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Botânica, Volume XII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1914, pág. 115.

<sup>147</sup> Henrique Leitão, Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2012, pág. 223.

<sup>148</sup> Maria Adelaide Neto Salvado, «O Colégio de S. Fiel: centro difusor da Ciência no interior da Beira», *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*, Coord. Hermínio Rico S.J., José Eduardo Franco, Lisboa, Gradiva, 2003, pág. 213.

<sup>149</sup> Carlos Zimmermann S.J., *op. cit.*, 1902, 1902, pág. 188.

<sup>150</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2015 pág. 77

<sup>151</sup> Cf. Anexo B4.

<sup>152</sup> Maria Adelaide Neto Salvado, *op. cit.*, pág. 217.

Exemplo disso é a existência de um aparelho de Raio-X – cuja descoberta aconteceu no ano de 1895, pelo alemão Wilhelm Konrad Roentgen – e de três radiografias a alunos de São Fiel<sup>153</sup>.

### 3.3. A I República e o Exílio dos Sacerdotes Jesuítas

#### 3.3.1. A dispersão das coleções científicas do Colégio de São Fiel

A Implantação da República, a 5 de outubro de 1910, foi sentida pelos jesuítas do Colégio de Campolide aquando do seu bombardeamento e saque, por populares e militares, ainda no dia 4 à tarde. Segundo os relatos, quebraram-se vitrinas do Museu de História Natural e danificaram-se um grande número de objetos científicos, bem como roubados livros raros da Biblioteca do Colégio<sup>154</sup>.

Também em Lisboa, no Colégio de Campolide, se encontrava Carlos Zimmermann S.J. que fugiu no dia 4 de outubro do colégio, com destino à estação de comboios de Campolide, onde sofreu perseguições por homens armados a revólver pelas ruas de Lisboa, por onde deambulou até chegar ao Grande Hotel Central. No dia 6 decidiu abandonar Lisboa, devido às notícias dos seus irmãos da Companhia de Jesus terem sido presos, dirigindo-se para a Estação do Rossio, tendo apanhado o comboio para o Porto<sup>155</sup>.

Em São Fiel os eventos de dia 4 foram recebidos no mesmo dia, pelas nove horas da noite<sup>156</sup>, porém, se as notícias tinham viajado de forma rápida, nos dias seguintes, os jesuítas do Lourçal do Campo aguardaram com expectativa o que se passava na capital portuguesa, recebendo rumores da implantação bem-sucedida, mas também de que era demasiado cedo para confirmar tal facto. Só no dia 7 de outubro os jesuítas começaram a abandonar São Fiel, para evitar a prisão, com a confirmação de que Portugal era agora uma República e que nela não havia lugar para a Companhia de Jesus<sup>157</sup>.

---

<sup>153</sup> Idem, *ibidem*, pág. 217.

<sup>154</sup> Francisco Malta Romeiras, «Constituição e percurso das coleções científicas dos jesuítas exilados (...), 2015, pág. 295. Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *Proscritos*. Primeira parte, Valladolid, Florencio de Lara, Editor, 1911, pág. 116.

<sup>155</sup> Para o relato completo de Carlos Zimmermann S.J vide Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, pp. 203-211.

<sup>156</sup> Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1914, pág. 13.

<sup>157</sup> Idem, *ibidem*, pág. 15.

No período da Monarquia Constitucional, as ordens Religiosas eram expressamente proibidas, aplicando a partir de 1834 a lei de extinção das ordens religiosas masculinas, herdando os ideais pombalinos, e defendendo que competia ao Governo as funções de assistência e ensino<sup>158</sup>, mas estas foram-se fixando a partir dos finais dos anos 50 do século XIX. Porém, em 1901, com o acentuar dos conflitos entre ordens religiosas e anti congreganistas e, após um decreto que pretendia que os governadores civis investigassem acerca da existência de ordens religiosas nas suas jurisdições, principalmente dedicadas à vida Monástica, Hintze Ribeiro veio a legalizar as Congregações Religiosas que existiam ilegalmente, em Portugal, submetendo-as ao poder político. Assim, através da apresentação dos estatutos de cada associação ao governo, num prazo de seis meses, e com a sua aprovação, estes podiam atuar em Portugal, legalmente, desde que se dedicassem ao ensino, à caridade e às missões nas colónias; por seu lado, a clausura, a prática do noviciado e as profissões ou votos religiosos continuavam expressamente proibidos<sup>159</sup>.

Os jesuítas tinham conseguido até então contornar de forma legal esse impedimento, de forma a não perderem os seus bens, em caso de expulsão, e viram os seus estatutos aprovados pelo governo. Todavia, aquando outubro de 1910 a República ignorou todos os documentos que comprovavam a legalidade e o caráter privado das suas propriedades, de maneira a que estas não fossem nacionalizadas, nem passadas para a mão do Governo. Foi neste sentido que se simularam a venda a cidadãos estrangeiros do Colégio de São Fiel.

Ficaram no Colégio de São Fiel, para tratar de assuntos pendentes Cândido de Azevedo Mendes S.J., Miguel Barcellos S.J. e Carlos Moreira S.J., constituindo uma comissão administrativa<sup>160</sup>, pois o ano-letivo começava em outubro e pretendiam prestar esclarecimentos aos pais dos alunos, bem como tratar dos enxovais, para serem depois expedidos ou entregues a quem os fosse buscar. Foi esta a prioridade dos jesuítas de São Fiel. Mesmo após o exílio pretenderam esclarecer os pais dos alunos quanto às suas propriedades presentes no colégio<sup>161</sup>. Ainda conseguiram salvar alguns livros, porém grande parte das coleções ficaram para trás devido à pressão das circunstâncias.

---

<sup>158</sup> Vítor Neto, «Igreja Católica e anticlericalismo, 1858-1910», *Progresso e religião. A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*, Coord. Amadeu Carvalho Homem, Armando Malheiro da Silva, Artur César Isaias, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, pág. 167. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38992> [consultado a 2 de julho de 2019].

<sup>159</sup> Idem, *ibidem*, pág. 185.

<sup>160</sup> Luiz Gonzaga de Azevedo S.J. *op. cit.*, 1914, pág. 16.

<sup>161</sup> Cf. Anexo A1.

Os outros sacerdotes – ao contrário dos seus colegas do Colégio do Barro e do Colégio de Campolide – vão conseguir escapar à prisão, refugiando-se, numa primeira fase, nas casas de aldeias vizinhas, que os acolheram, e dirigindo-se por caminhos diferentes, numa segunda fase, para a fronteira com Espanha, que era relativamente próxima do Colégio<sup>162</sup>.

No dia 8 de outubro chegou a Cavalaria de Castelo Branco para defender «vidas e propriedades» de possíveis ataques «dos operários da Covilhã e de Castello Branco», mas, no dia 12, o governador de Castelo Branco, Augusto Barreto, ex-aluno do Colégio, proíbe a saída de quaisquer objetos, a não ser as bagagens dos alunos, e a entrada de pessoas no Colégio sem autorização. Os padres jesuítas que ali tinham permanecido também foram impedidos de se movimentar no Colégio ficando cada um «encarcerado» num aposento à sua escolha, com sentinelas de vigia<sup>163</sup>. No dia seguinte foram enviados para Castelo Branco, para serem interrogados e, depois, obrigados a exilar-se.

O Colégio ficou, então, nas mãos da República, bem com todos os bens pessoais dos sacerdotes jesuítas e o trabalho científico a que se dedicaram, durante anos.

Este relato mais descritivo, segundo as informações de Gonzaga de Azevedo, permite compreender as circunstâncias da fuga dos jesuítas e por que lhes foi impossível salvar os seus bens pessoais, incluindo as suas coleções científicas, que devido às suas características acarretavam uma maior dificuldade de acomodação e transporte.

Sobre a questão do abandono das coleções no Colégio, explica Joaquim da Silva Tavares S.J:

«Impossible de sauver ces collections à la hâte. Les transporter hors du collège, sans les précautions voulues, c'était les détruire; d'ailleurs, où les mettre, sans éveiller l'attention du public et des espions qui nous entouraient?»<sup>164</sup>

Mas houve quem, apesar de toda a azáfama dos dias posteriores, e de terem decidido deixar para trás, as suas coleções, quem conseguisse salvar alguns bens:

---

<sup>162</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., *op. cit.*, 1913, pág. 200.

<sup>163</sup> Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1914, pág. 24.

<sup>164</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., *op. cit.*, 1913, pág. 201.

«Dans le remue-ménage de ces derniers jours, il fut donc décidé qu'on n'y toucherait pas et qu'elles resteraient en place, au collège. Toutefois, mon collègue C. Mendes fut assez habile pour faire passer chez una mi quelques boîtes de lépidoptères, deux microscopes, trois appareils photographiques et quelques livres, - combien peu! – Le tout fut plus tard envoyé en Espagne où se trouvait le destinataire»<sup>165</sup>.

A República depressa compreendeu o valor que tinha todo o espólio dos colégios dos inacianos. No caso de Castelo Branco, nomeou uma comissão regional, com o objetivo de dar um destino ao recheio do Colégio de São Fiel, orientada pelo Dr. José Ramos Preto, advogado, natural do Louriçal do Campo e antigo aluno de São Fiel, mas republicano e anti congreganista. Era de sua vontade que ficasse conservada no concelho de Castelo Branco a herança forçosamente deixada pelo Colégio de São Fiel, e que muito fazia falta. Como já foi referido no final do capítulo anterior, o Liceu de Castelo Branco, então situado no antigo Paço Episcopal (hoje casa do Museu Francisco Tavares Proença Júnior), não tinha qualquer estabelecimento para o ensino das ciências. Segundo este primeiro relatório datado de 22 de fevereiro de 1911, o Gabinete de Física e o Museu de História Natural seriam enviados para o Liceu de Castelo Branco, bem como os materiais de desenhos e os livros de ensino. Os restantes livros, de literatura, de ciências e de teologia, foram remetidos para a Biblioteca Municipal e para o Seminário de Cernache do Bonjardim, respetivamente. Os aparelhos de radiografia iriam ser enviados para o Hospital da Misericórdia de Castelo Branco e os aparelhos do Observatório de São Fiel doados à Câmara Municipal, para que montasse um posto de observação. O recheio das salas de aula como mesas, cadeiras e quadros de ardósia, seriam distribuídos por escolas do concelho criadas ou por criar<sup>166</sup>.

Apesar deste parecer da Comissão Regional, o governo tinha, desde início outra solução. Em janeiro é noticiado no Jornal *A Capital* que a Comissão Jurisdicional dos Bens das Extintas Ordens Religiosas, que se iria confiar à guarda, ainda que com carácter temporário, da Universidade de Coimbra, de todo o museu de História Natural e respetivos aparelhos<sup>167</sup>.

---

<sup>165</sup> Idem, ibidem, pág. 201.

<sup>166</sup> Maria Adelaide Neto Salvado, *op. cit.*, pp. 218-219.

<sup>167</sup> Cf. Anexo A3.

A primeira notícia de que os bens de São Fiel iriam para a Universidade de Coimbra, data do dia 15 de janeiro de 1912, no jornal *A Capital*, que dá notícia do encerramento dos Colégios de São Fiel e Jesus Maria José, em Castelo Branco. Segundo eles, o governo iria confiar à «guarda temporaria da Universidade de Coimbra as collecções de historia natural e os aparelhos que lhes pertencem, que se acham archivados em S. Fiel e que carecem de tratamento e de vigillancia especiaes». Esta primeira notícia deu origem a várias reações. A primeira reação foi de Ramos Preto, o encarregado de inventariar o mobiliário e coleções de S. Fiel e de lhes dar destino.

O Dr. Ramos Preto, insatisfeito com esta decisão do Governo, vai argumentar a favor do Liceu de Castelo Branco, numa carta endereçada à Comissão Jurisdicional. Afirma, por um lado, que o transporte dos aparelhos de física para Coimbra iria ser dispendioso, sem benefício para a Universidade já que esta já possuía uma das “melhores e notáveis” coleções de zoologia e aparelhos de física, ao contrário do Liceu albacastrense que estava desprovido de qualquer coleção<sup>168</sup>.

Desde junho de 1911 que tinham sido feitas remessas para Lisboa, de livros, manuscritos, estátuas, retábulos, quadros e móveis<sup>169</sup>, dos vários estabelecimentos das Congregações, o Colégio de São Fiel incluído. Nesta altura tinha sido acordado a criação de um Museu da Revolução<sup>170</sup>, inaugurado a 29 de dezembro de 1910, instalado nas Trinas, numa dependência do antigo Convento do Quelhas<sup>171</sup>, que já contava com alguns elementos dos Jesuítas na sua exposição<sup>172</sup>. Por sua vez, o espólio das Congregações ficou no antigo Mosteiro do Quelhas, sendo decretado, em 28 de setembro de 1917, a criação do Arquivo das Congregações, que tinha sido proposto por Júlio Dantas, então inspetor da Bibliotecas e Arquivos, devido aos «aglomerados no edifício da extinta casa congreganista do Quelhas muitas coleções de documentos de vária espécie», provenientes de várias instituições de Congregações Religiosas, e que convinha «sem demora, organizar, classificar, catalogar e instalar convenientemente estas coleções, para instrução geral do povo e estudo de eruditos e

---

<sup>168</sup> Biblioteca Municipal de Castelo Branco, «O Colegio de S. Fiel e a ‘caveira de burro’», *Notícias da Beira. Semanario Republicano*, anno 8º, nº 375, Castelo Branco, 21 de janeiro de 1912, pág. 1. Cf. Anexo A4.

<sup>169</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, «Arquivo das Congregações», 13 de fevereiro de 2017. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1217649> [consultado a 8 de abril de 2019].

<sup>170</sup> Cf. Anexo B5.

<sup>171</sup> Fundação Mário Soares, «Cronologia. É inaugurado o Museu da Revolução», Disponível em: <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=00772>; Arquivo Nacional Torre do Tombo, «Arquivo das Congregações», 13 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1217649>.

<sup>172</sup> Cf. Anexo B6.

futuros historiadores, evitando-se assim a perda e dispersão de milhares de documentos importantes<sup>173</sup>».

Este Arquivo iria dividir-se em três secções: o museu, a biblioteca e o arquivo. O museu deveria ser constituído por indumentária congreganista (dos hábitos às sandálias), liturgia (paramentos e livros de culto), mobiliário (como oratórios e relicários), bandeiras e estandartes de congregações e, finalmente, material pedagógico. O arquivo seria constituído por todo o tipo de documentos relacionados com as congregações desde os administrativos aos pedagógicos, didáticos, epistolares, missões, entre outros. Por sua vez a biblioteca teria obras teológicas, históricas, biográficas, entre outras ligadas às Congregações.

O Museu e a Biblioteca seriam abertos ao público «à medida que as suas instalações são vão completando» e a venda de catálogos e bilhetes, nos dias pagos, ou seja, haveria dias em que a entrada não era cobrada, seria aplicado para o melhoramento do Arquivo das Congregações Religiosas. Mas logo em 1918, o Arquivo foi anexado à Torre do Tombo e, em 1930, todos os documentos foram recolhidos, onde atualmente se encontram, integrando o chamado “Arquivo das Congregações”<sup>174</sup>.

Nesta perspetiva, o questionamento do Dr. Ramos Preto surtiu efeito e, a 9 de abril de 1912, decreta-se «que sejam confiados, a título precário e mera guarda, a Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra as coleções científicas, zoológicas e botânicas [...] como o arsenal de física e química» e nos mesmos termos «ao Liceu de Castelo Branco tudo o mais que pelas suas condições seja utilizável ao ensino liceal secundário». Afirma-se, ainda, que as entregas seriam feitas através de um inventário pormenorizado e que qualquer despesa, desde o acondicionamento ao transporte, ficava a cargo tanto do Liceu de Castelo Branco como da Universidade de Coimbra<sup>175</sup>.

O espólio existente no Liceu de Castelo Branco foi estudado por Adelaide Neto Salvado, que realizou um levantamento dos objetos enviados para a atual Escola Secundária Nuno Álvares, através de inventários posteriores. Estes deram entrada no liceu logo em maio de 1912. O Observatório Meteorológico, que inicialmente se estipulou ser oferecido à Câmara Municipal

---

<sup>173</sup> Decreto nº3410 de 28 de setembro de 1917, *Diário do Governo* nº168/1917, Série I, Ministério de Instrução Pública, pp. 944-945.

<sup>174</sup> Arquivo Nacional Torre do Tombo, «Arquivo das Congregações», 13 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1217649>.

<sup>175</sup> Decreto de 9 de abril de 1912, *Diário do Governo*, nº83/1912, Série I, Ministério da Justiça – Direção Geral dos Negócios de Justiça, Comissão Jurisdicional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas, pp. 1290-1291.

de Castelo Branco, acaba por ter também como destino o Liceu de Castelo Branco, sendo instalado no terceiro aniversário da República, a 5 de outubro de 1913<sup>176</sup>.

### 3.3.2. A comunidade científica nacional e internacional – pressão exercida para a recuperação das coleções científicas dos jesuítas naturalistas: casos de sucesso

Apesar de os bens dos colégios jesuítas terem sido nacionalizados, independentemente de constituírem propriedade privada, os sacerdotes jesuítas tentaram recuperar as suas coleções. Uma das estratégias, usada sobretudo pelos redatores da *Brotéria*, consistiu no recurso à imprensa científica como meio de protesto contra a atitude da novel República.

O recurso à imprensa – sobretudo internacional – foi utilizado, primeiramente, pelos republicanos portugueses, logo com a Implantação da República, a 5 de outubro, sendo um dos principais alvos da propaganda, os colégios jesuítas, com destaque para o Colégio de Campolide, que se localizava bem no centro do poder<sup>177</sup>.

Assim sendo, os inicianos, considerando as notícias difundidas pelos republicanos aos periódicos estrangeiros como calúnias que punham em causa a Igreja Católica e o bom nome da Companhia de Jesus, contra-atacaram em defesa da sua ordem religiosa, de maneira a evitar que esta nova propaganda anti jesuíta tomasse proporções semelhantes às de campanha de Pombal<sup>178</sup>.

Numa primeira fase tentaram defender-se a nível nacional. Em 1910, logo após a expulsão, já o periódico português *Revista de Chimica Pura e Aplicada*, através de António Joaquim Ferreira, químico e professor da Academia Politécnica do Porto, apelava à tolerância dos vencedores para com os vencidos, bem como ao respeito pelas crenças religiosas de cada cidadão, e manifestava-se preocupação pelas «riquíssimas colleções e muzeus que eles organizaram com tanto esforço e canceiras». Expressava, ainda, o pesar de perder «os homens que com tanta distincção para a sciencia nacional dirigiam a *Brotéria*, essa magnífica revista que era um orgulho para nós» e ainda a esperança de que «Silva Tavares (...), Candido Mendes

<sup>176</sup>Maria Adelaide Neto Salvado, *op. cit.*, pp. 224-226.

<sup>177</sup>Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1914, pág. 270.

<sup>178</sup>Idem, *ibidem*, pág. 273.

e outros, nossos irmãos primeiro que tudo, continuem a ilustrar, como até agora, a sciencia e a história natural do paiz!»<sup>179</sup>.

Novamente, António Joaquim Ferreira da Silva, num novo artigo em 1911, considerava a apreensão dos materiais uma ofensa para a comunidade científica, bem como lamentava a expulsão destes «naturalistas ilustres», que se tinham refugiado na Espanha, Holanda, Bélgica e Brasil, e que tinham deixado para trás os trabalhos de uma vida. Esta revista publicou o protesto que os jesuítas fizeram circular, em 1911<sup>180</sup>. Assinado pelos sacerdotes Cândido de Azevedo Mendes, Carlos Zimmermann e Joaquim da Silva Tavares, mas também por Afonso Luisier e António Oliveira, do Colégio de Campolide, entre outros redatores da *Brotéria*, apelava-se a que fossem devolvidas as suas coleções, sem as quais não se poderiam descodificar, uma vez que só eles conheciam o *habitat* e região dos exemplares. Esta mensagem está ainda presente quando afirmam:

«Estão, pois, todos esses materiaes inteiramente perdidos para nós, que os reunimos com tantos suores e gastos de tempo e dinheiro, perdidos para a sciencia e bem comum, que não terão mais quem os apresente a publico devidamente. Ficam assim baldados todos os nossos esforços e sacrificios, e esperanças de não poucos annos»<sup>181</sup>.

Outra das grandes preocupações dos sacerdotes era o estado de conservação dos exemplares, que poderiam ser danificadas tanto pelo abandono e falta de cuidados como pelas viagens que teriam de realizar. A 26 de janeiro de 1912, sabendo pela imprensa portuguesa no destino dado às coleções de São Fiel, para a Universidade de Coimbra, Cândido de Azevedo Mendes escreve, no seu exílio em Salamanca, a Júlio Henriques. O sacerdote jesuíta revela esperança em reaver a sua coleção e as de outros sacerdotes, mas também algumas preocupações acerca do estado de conservação da sua coleção de lepidópteros, que pelas suas características podem ficar danificadas com o transporte até Coimbra<sup>182</sup>.

---

<sup>179</sup> A.J. Ferreira da Silva, «Director e redactores da *Brotéria*. Um apelo aos homens de boa vontade», *Revista de Chimica Pura e Applicada*, série I, VI anno, nº11, 1910, pág. 363.

<sup>180</sup> Idem, «Os redactores da *Brotéria* exilados: as suas colleções scientificas confiscadas e perdidas», *Revista de Chimica Pura e Applicada*, Série I, anno 7, nº8, pág. 229.

<sup>181</sup> Idem, *ibidem*, pp. 230-231.

<sup>182</sup> Cândido Mendes de Azevedo, [Carta], 1912 Jan. 26, Salamanca, [a] Dr. Júlio A. Henriques, [Coimbra].

Numa segunda fase, os jesuítas voltaram-se para a imprensa internacional, uma vez que o governo republicano tentou suprimir as queixas dos inacianos, ordenando que o serviço de correio apreendesse as cartas jesuítas que dessem entrada em Portugal, indicando inclusivamente «os sinais e a cor do papel» utilizados pelos inacianos, bem como pena de prisão a quem transportasse livros escritos por jesuítas portugueses<sup>183</sup>. Já em 1910, após ter saído de Caxias por intercessão do ministro de França, Camilo Torrend S.J. escrevia aos jornais portugueses de maior divulgação, como o *Século* ou o *Diário de Notícias* o seu descontentamento relativo às notícias caluniosas e ofensivas contra a Companhia de Jesus, que noticiavam a descoberta de bombas e explosivos nos colégios e residências jesuítas e de padres que empunhavam armas contra populares e soldados. Pretendia que fosse realizado um desmentido e que este fosse publicado nos periódicos, e esperava «ser atendido em homenagem á probidade jornalista internacional, para a qual [se] veria forçado a apelar em caso de recusa, a fim de obter que a imprensa europeia o punisse com merecido desprezo»<sup>184</sup>.

No dia 24 de novembro de 1911, a revista *Science* informa que circula um documento de doze naturalistas jesuítas – os mesmos que assinaram o protesto enviado e publicado parcialmente na *Revista de Chimica Pura e Aplicada* – que afirma terem sido expulsos de Portugal sobre o pretexto de serem jesuítas. A versão do protesto que chegou até à revista estava escrita em francês e não em inglês.

A revista *Science* critica o facto de «on S. Fiel, where the principal collections were, did not include a single naturalista; instead, it consisted of a veterinarian, a physician, a professor and two lawyers, presided over by a particular enemy of the college [Ramos Preto]». Mencionam ainda o episódio em que o Ministro da Justiça e dos Cultos, Afonso Costa, teria afirmado para um jesuíta preso que as coleções estavam perdidas para eles [jesuítas naturalistas], mas não para a ciência. A Revista *Science* discorda, sendo da mesma opinião que a mencionada revista portuguesa:

«Unfortunately, however, the collections were accumulated for special ends, and it will not be possible for others to make the best use of them. In many cases the specimens are not

---

<sup>183</sup> Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1914, pág. 274.

<sup>184</sup> Idem, *ibidem*, pp. 274-275.

labeled, and in others they are marked with numbers, abbreviations, etc., intelligible only to their original owners»<sup>185</sup>.

Afirma-se, ainda, que deve haver outro lado da história, porém, considera-se injusta a apreensão das coleções, independentemente da versão republicana. Apesar de o governo republicano justificar a apreensão das coleções por pertencerem aos colégios e não aos sacerdotes, a revista não concorda com esta argumentação afirmando que os naturalistas tinham direitos sobre elas, principalmente todo o trabalho científico que os sacerdotes produziram e que resultaram da observação das coleções científicas confiscadas. Apesar desta pressão nacional e internacional os bens foram nacionalizados, ainda que com caráter provisório. Cândido Mendes de Azevedo S.J. nunca recuperou a sua coleção de lepidópteros, apesar das tentativas, mesmo junto de Júlio A. Henriques, bem como outros seus irmãos sacerdotes<sup>186</sup>.

Mas se, na maioria dos casos, os naturalistas jesuítas não foram bem-sucedidos em reaver as suas coleções, outros conseguiram-no, pelo menos, em parte. Foram, no entanto, em escasso número de casos, e as situações de sucesso reportam-se a sacerdotes de nacionalidade estrangeira ou à ação diplomática dos seus países de origem, junto do governo português. Desta forma, só três jesuítas que lecionavam nas suas instituições de ensino conseguiram reaver as suas coleções, pouco tempo depois de 1910: o suíço Afonso Luisier S.J., o francês Camilo Torrend S.J. e o alemão Carlos Zimmermann S.J..

Interessa-nos saber como Carlos Zimmermann S.J., professor no Colégio de São Fiel, conseguiu reaver parte da sua coleção de diatomáceas. O caso de Zimmermann foi estudado por Francisco Malta Romeiras. Até ao seu estudo desconhecia-se como o sacerdote tinha conseguido reaver a sua coleção. Sabia-se apenas que tinha sido ajudado por um amigo que era afeto à República, mas desconhecia-se a sua identidade. Romeiras descobriu, contudo, um núcleo de correspondência com José da Silva e Castro, que revela o amigo que o ajudou. José da Silva e Castro era um naturalista que se dedicava ao estudo das diatomáceas, tal como o jesuíta, e que, por isso, trocavam regularmente correspondência.

---

<sup>185</sup> T.D.A. Cockerell, «The Exiled Naturalists of Portugal», *Science*, vol. XXXIV, no. 882, november 1911, pág. 714. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/34/882/714> [consultado a: 8 de abril de 2019].

<sup>186</sup> Biblioteca Digital de Botânica da Universidade de Coimbra, Cândido Mendes de Azevedo, [Carta], 1912 Jan. 26, Salamanca, [a] Dr. Júlio A. Henriques, [Coimbra], fl. 1-2.

Aquando a expulsão dos jesuítas, Silva e Castro correspondeu-se com Zimmermann, revelando preocupação em relação à devolução das coleções. O sacerdote enviou uma procuração que dava autorização a Silva e Castro de retirar a sua coleção do Colégio de Campolide. Tentou ainda pedir apoio diplomático à Alemanha, mas não tinha os documentos necessários para comprovar a sua nacionalidade e nada podiam fazer.

No dia 27 de novembro de 1911, Zimmermann escreve a Silva e Castro que conseguiu recuperar os seus bens, à exceção dos livros. Romeiras defende então que o amigo do regime era António Machado, filho de Bernardino Machado – então Ministro dos Negócios Estrangeiros – que inventariou as coleções científicas de Campolide, e registou as coleções de deste jesuíta alemão. Acredita que teve um papel interventivo na sua recuperação. Uma vez que era membro da Comissão nomeada pelo Governo, tinha acesso privilegiado às coleções, estando bem posicionado para essa negociação<sup>187</sup>.

Houve ainda um outro sacerdote jesuíta que conseguiu recuperar parte da sua coleção, apesar de muito mais tardiamente. Falamos das coleções de Joaquim da Silva Tavares S.J.

Imediatamente a seguir à Implantação da República, «amigos dedicados» conseguiram salvar apenas dois microscópios e as suas máquinas fotográficas<sup>188</sup>, com as quais ilustrou inúmeros números da revista *Brotéria*.

Contudo, tinha perdido a sua importante coleção de cecídias e muitos «typos dos (...) géneros novos», isto é, os exemplares utilizados para a identificação taxonómica e ainda um micrótopo *Guiltay*, comprado à Kipp et Zonen, casa construtora de Delft, Países Baixos, com o qual realizava os seus estudos de citologia<sup>189</sup>. Tanto a coleção de cecídias<sup>190</sup> como o micrótopo tinham sido enviados para a Universidade de Coimbra. No caso do micrótopo, nos anos em que esteve na Universidade nunca foi utilizado, pois não acompanhavam as navalhas correspondentes que efetuam os pequenos cortes – micron ou milésima de milímetro – no material biológico<sup>191</sup>. Quando a Universidade tentou comprar essas navalhas, a casa construtora

---

<sup>187</sup> Francisco Malta Romeiras, *Constituição e percurso das coleções científicas dos jesuítas exilados (...)*, 2015, pp. 304-308.

<sup>188</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «Os Cynípides da Península Ibérica», *Brotéria*, Série Zoológica. Volume XXIII, Vila Nova de Famalicão, Tipografia «Minerva», 1926, pp. 18-19.

<sup>189</sup> Francisco Malta Romeiras, *Das ciências naturais à genética: a divulgação científica na revista Brotéria (1902-2002) e o ensino científico da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal*. Tese de doutoramento em História e Filosofia das Ciências, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014, pág. 169. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/10954> [consultado a 1 de outubro de 2018].

<sup>190</sup> Cf. Anexo B7.

<sup>191</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., *op. cit.*, 1926, pp. 18-19.

ficou reticente, uma vez que nunca tinham vendido nenhum micrótopo para Coimbra. Sobre este episódio conta Tavares:

«Escrevendo o Sr. Dr. Bernardo Ayres, Director do Museu, a encomendar as navalhas à Casa Constructora (...) responderam-lhe que não era verdade que na Universidade de Coimbra houvesse algum micrótopo Guiltay, pois só haviam construído dois para Portugal, um para o Instituto Câmara Pestana (Lisboa) e outro para o Colégio de S. Fiel!<sup>192</sup>»

Para além disso, ficou desprovido da sua biblioteca e outros instrumentos de trabalho<sup>193</sup>, não especificando, para além do micrótopo, quais os outros aparelhos de que ficou privado.

Na década de 1920, os jesuítas começavam a fixar-se novamente e progressivamente em Portugal, tendo sido o seu regresso oficializado, com a instituição da Ditadura Militar. Foi neste contexto político que, o novo regime restabeleceu a coleção de cecídias e o micrótopo, que até ao ano de 1926 se encontrava na Universidade de Coimbra, sem nunca ter sido utilizado, até essa data<sup>194</sup>.

De facto, a tendência anti jesuíta que se vivera no país parecia, aos poucos, estar a ser ultrapassada, com Tavares a ser nomeado, por unanimidade, sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, o que demonstrava reconhecimento pelo contributo do jesuíta no desenvolvimento das ciências, em Portugal<sup>195</sup>.

### 3.3.3. A constituição de novas coleções no exílio pelos fundadores da Brotéria

No exílio, apesar de desprovidos das suas coleções, os sacerdotes jesuítas ainda publicaram artigos para concluir os seus estudos relacionados com espécies portuguesas, apesar de um sentimento agridoce que isso lhes trazia como acaba por confidenciar Carlos

---

<sup>192</sup> Idem, *ibidem*, pp. 18-19.

<sup>193</sup> Idem, *ibidem*, pág. 18.

<sup>194</sup> Francisco Malta Romeiras, *op. cit.*, 2014, pág. 169. Acerca do micrótopo e da coleção de cecídias vide, Joaquim da Silva Tavares, *op. cit.*, 1926, pp. 17-19.

<sup>195</sup> Francisco Malta Romeiras, *Ciência, Prestígio e Devoção [...]*, pág. 157.

Zimmermann S.J., numa publicação na *Brotéria*. Apesar de lhe ter sido devolvida a sua coleção de diatomáceas e ainda alguns manuscritos sobre a mesma, afirma que:

«Comprender-se-há facilmente, que d’ora em diante me sinta pouco animado a continuar o estudo da minha collecção de Portugal, que de certo esconde ainda muitas riquezas sciêntificas, e me dedique antes ao estudo das diatomáceas de um paiz [Brasil] que com generosidade me abriu a mim e aos meus companheiros as portas hospitaleiras, e onde as palavras liberdade de associação e liberdade individual não são expressões de um sarcasmo revoltante<sup>196</sup>».

Estes desabafos repetem-se por vários anos na *Brotéria* – principalmente na série Botânica e Zoológica, uma vez que eram estas que tinham distribuição internacional – e por diversos sacerdotes jesuítas que, no decurso dos anos, não perdem a oportunidade de lembrar que as suas coleções ainda não lhes tinham sido restabelecidas. Apesar de não terem consigo as suas coleções, a atividade científica destes sacerdotes não findou com o exílio e procederam à criação de novas coleções, nas suas áreas de estudo.

Logo após a expulsão Joaquim da Silva Tavares S.J. realizou uma viagem à Argentina, onde se demorou durante dois meses, e depois foi viver para o Brasil durante três anos e meio «para preparar novas collecções de todos os grupos de insectos em substituição dos que perdera em S. Fiel» e, também, «para salvar a revista *Brotéria*» que se encontrava, depois de dois anos de interregno, quase sem assinantes portugueses<sup>197</sup>. Depois desta temporada no Brasil, viajou até à Galiza para restituir a sua coleção de zoocecídias, «que as mãos inimigas [lhe] roubaram»<sup>198</sup>.

---

<sup>196</sup> Carlos Zimmermann S.J., *op. cit.*, pp. 115-116.

<sup>197</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «Cecidologia Brasileira. Cecídias que se criam em plantas das famílias das Leguminosae, Sapotaceae, Lauraceae, Myrtaceae, Punicaceae, Aurantiaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae, Umbellifereae, Loranthaceae, Apocynaceae, Urticaceae, Salicaceae e Gramineae», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, volume XVIII, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos, 1920, pág. 88.

<sup>198</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «Espécies novas de Cynípedes cecidomyas da Península Ibérica e descrição de algumas já conhecidas», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume XVI, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos, 1918, pág. 130.

Já Cândido Mendes de Azevedo S.J., iniciou uma coleção de lepidópteros da Galiza e do Minho (apenas a margem direita espanhola)<sup>199</sup> e Salamanca<sup>200</sup>.

---

<sup>199</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Contribuição para a fauna lepidoptérica da Galliza e Minho. Lepidopteros de La Guardia», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume XII, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos 1914, pp. 61-75.

<sup>200</sup> Cândido Mendes de Azevedo, «Lepidopteros de Salamanca», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume XIII, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos, 1915, pp. 55-56.

## **CAPÍTULO IV – A COLEÇÃO NO MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO**

### **4.1. Dos museus científicos da Universidade de Coimbra ao projeto unificado do Museu da Ciência**

#### **4.1.1. O processo de incorporação da coleção na Universidade de Coimbra**

No capítulo anterior tratamos do destino dado às coleções e objetos do Colégio de São Fiel e que o governo republicano acabou por destiná-las à Universidade de Coimbra, apesar de não ter sido esse o desígnio dado pela comissão regional liderada por Ramos Preto. O caso da coleção de São Fiel não foi, na realidade, unânime desde o início.

Numa carta enviada a Gonçalo Sampaio, datada de 27 de dezembro de 1910, Júlio A. Henriques, o botânico de Coimbra confidencia:

«Contava receber alguma coisa das collecções de S. Fiel, mas o Ministro da Justiça disse ao Reitor, que para cá nada dava, porque tudo era pouco para Lisboa. Tinham-me dito que essas collecções seriam repartidas por Coimbra e Porto. Agora é tudo para Lisboa.<sup>201</sup>»

Com esta carta subentende-se que, desde o seu início, não era vontade do governo republicano, conservar as coleções no distrito de Castelo Branco, como era a intenção da comissão nomeada, mas distribuí-la pelos grandes centros. Porém, esta falta de consenso entre o governo e a comissão só vem a público pela primeira vez, em janeiro de 1912, com o artigo no jornal *A Capital*, a dar notícia de que as coleções seriam enviadas para a Universidade de Coimbra, e não para Lisboa ou Porto. Esse artigo deu origem a várias reações: se, por um lado, o Dr. Ramos Preto ficou insatisfeito com esta decisão, enviando uma carta de contestação, argumentando a favor da sua deposição no distrito de Castelo Branco, os jesuítas e grande parte da comunidade científica consideraram esta posição do governo positiva pois, apesar de a melhor resolução ser a restituição das coleções aos seus legítimos donos, era preferível a

---

<sup>201</sup> Júlio A. Henriques, apud João Paulo Cabral, *op. cit.*, 2007, pág. 86.

«guarda provisória» dos seus bens numa instituição universitária do que acabarem em estabelecimentos de ensino secundário<sup>202</sup>.

Não existe um inventário detalhado de todos os bens pertencentes ao Colégio de São Fiel depositados na Universidade de Coimbra, em abril de 1912. Se existiu um inventário ou documento com estas características, não chegou até nós ou encontra-se desaparecido. Aquilo que se sabe acerca das coleções é através de periódicos e revistas científicas.

No Livro de *Actas da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, no dia 20 de abril de 1912, ata que trata da incorporação dos materiais provenientes do colégio de Louriçal do Campo para Coimbra<sup>203</sup>, não nos permite ter conceção nem da quantidade de objetos depositados na Universidade, nem a sua tipologia. Estes são apenas mencionados como uma importante coleção proveniente daquele colégio jesuíta<sup>204</sup>. Sabemos ainda que o responsável pela coleção ter vindo para Coimbra foi o botânico Júlio A. Henriques<sup>205</sup>. Num seu artigo publicado no *Boletim da Sociedade Broteriana*, sobre o Herbário de São Fiel, este conhecido botânico dá-nos mais detalhes, ao escrever que deram entrada «vários instrumentos de física», «alguns animais empalhados», «uma bela colecção de insectos, com especialidade de borboletas», «a coleção preciosa de zooecídias», «alguns livros» e, claro, o herbário<sup>206</sup>.

Mas que acontecimentos fizeram com que o Governo contrariasse aquilo que tinha sido a decisão da comissão organizadora? A resposta é dada pelos jesuítas em publicações na *Brotéria*. A Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais pressionou fortemente o Governo quanto ao destino destas coleções.

Sobre esse facto escreve Cândido Mendes de Azevedo na *Brotéria – Série Zoológica*, de 1912.

«Do ministério actual faz parte um dos membros da comissão, que pouco depois da revolução foi nomeada pela Sociedade Portuguêsa de Sciencias Naturais, para pedir ao Ministro da Justiça que as colleções de Zoologia e Botanica dos colégios de Campolide e S. Fiel fossem

<sup>202</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., *op. cit.*, 1924, pp. 84-85.

<sup>203</sup> Cf. Anexo A8.

<sup>204</sup> Arquivo da Universidade de Coimbra, *Actas da Faculdade de Ciências (1911-1927)*, I, «Congregação de 20 de abril de 1912, fl. 8-8v

<sup>205</sup> Arquivo da Universidade de Coimbra, *Actas da Faculdade de Ciências (1911-1927)*, I, «Congregação de 20 de abril de 1912, fl. 8-8v. Vide Joaquim da Silva Tavares, S.J., *op. cit.*, pág. 87.

<sup>206</sup> Júlio A. Henriques, «As colecções botânicas do Colégio de S. Fiel», *Boletim da Sociedade Broteriana*, Vol. I, Fasc. 1º, Coimbra, Imprensa da Universidade, abril de 1922, pág. 137.

restituídas a suas proprietárias, *por só eles poderem tirar dellas o maior proveito em favor da Sciencia.* (...)

Sei que estas colleções estão confiandas em deposito á Faculdade de Sciencias da Universidade de Coimbra; acertada resolução sem duvida, já que não no-las queriam restituir logo. Mas desacertada e toda a demora na restituição pelo prejuízo que está causando ao estudo e aproveitamento scientifico dessas colleções»<sup>207</sup>.

Cândido Mendes de Azevedo S. J. considera ainda que aquilo que o governo provisório da República fez à «propriedade scientifica alheia» pode ser qualificado como um «crime de lesa-ciencia»<sup>208</sup>.

O facto de a coleção se manter à «guarda provisória» ou em «depósito» da Universidade de Coimbra era um dado objetivo muito valorizado pelos sacerdotes da Companhia de Jesus. A palavra depósito neste contexto tinha um significado bastante concreto: o facto de se guardar objetos de outrem, sublinhando-se o seu carácter temporário e a ideia de restituição aos seus proprietários. É neste sentido que Júlio A. Henriques utiliza a palavra, no seu artigo do *Boletim da Sociedade Broteriana*, e que é sublinhado por Joaquim da Silva Tavares S.J., no artigo de 1924 da *Brotéria – Série Botânica*, ao escrever: «o notabilíssimo Botânico [Júlio A. Henriques] declara que as coleções do Herbário de S. Fiel estão em *depósito* no Herbário de Instituto Botânico da Universidade de Coimbra»<sup>209</sup>.

Júlio A. Henriques que, aliás, trocou correspondência com muitos jesuítas naturalistas, dizia pretender, apesar do seu papel na incorporação das coleções em Coimbra, ver restituída, «como era de justiça», as coleções de São Fiel. No que toca ao Herbário, o botânico garantia que este se encontrava conservado «com cuidado e que se em qualquer tempo tiverem de ser restituídas aos seus organizadores (...) eles as receberão completas»<sup>210</sup>. Não é possível saber se as mesmas diligências foram realizadas no Museu Zoológico ou no Gabinete de Física.

<sup>207</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Lepidópteros de S. Fiel (Beira Baixa – Portugal)», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Vol. X, Braga, Typ. A Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1912, pág. 162.

<sup>208</sup> Idem, *ibidem*, pág. 162.

<sup>209</sup> Joaquim da Silva Tavares S. J. *op. cit.*, 1924, pág. 86.

<sup>210</sup> Júlio A. Henriques, *op. cit.*, pág. 137

#### 4.1.2. Os museus da Universidade de Coimbra dos finais do século XVIII ao início do século XX

Detenhamo-nos agora na organização dos museus da Universidade de Coimbra aquando a incorporação da coleção científica do colégio da Beira Baixa.

O Museu da Ciência enquanto projeto único com uma coleção única – a da Universidade – é um projeto muito recente. Quando as coleções de São Fiel foram enviadas à guarda da universidade, esta integrava vários museus e gabinetes.

Estes espaços museológicos na Universidade foram criados em 1772, aquando da Reforma pombalina. Com esta reforma, o Marquês de Pombal pretendia que se desenvolvessem as ciências experimentais e exatas na Universidade de Coimbra, dando início a «um processo de institucionalização da ciência moderna em Portugal»<sup>211</sup> e acabar com o domínio jesuíta nas áreas da educação, cujo ensino era considerado, como já tivemos oportunidade de salientar, excessivamente humanístico e escolástico, impedindo desta forma o desenvolvimento científico, em Portugal. A Universidade de Coimbra era criticada por ser influenciada pelo Colégio das Artes da Companhia de Jesus<sup>212</sup>, instituição que preparava os alunos para os estudos superiores, e que impedia que o ensino e a prática científicos fossem mais avançados.

Assim, em 1772, foram criadas duas faculdades – Faculdade de Filosofia e Faculdade de Matemática – e a Universidade de Medicina foi renovada. No seio destas duas novas faculdades foram criados espaços onde se pretendia praticar ciência e não ficar o ensino limitado à teoria. Assim, a Faculdade de Medicina iria ter um Teatro Anatómico, um Dispensário Farmacêutico e ainda um novo Hospital; para a Faculdade de Matemática iria ser construído um Observatório Astronómico e, finalmente, a Faculdade de Filosofia, cujo curso era complementar ao das outras duas faculdades, os seus estudantes frequentariam o Museu de História Natural, o Jardim Botânico, o Gabinete de Física e o Laboratório Químico, que iriam ser construídos para auxiliar o ensino as cadeiras desta faculdade<sup>213</sup>.

---

<sup>211</sup> Fernando B. Figueiredo, António Leal-Duarte, «A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra e a institucionalização das ciências matemáticas e astronómicas em Portugal», *A Universidade Pombalina. Ciência, Território e Coleções Científicas*, Coord. Ana Cristina Araújo e Fernando Taveira da Fonseca, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pág. 192.

<sup>212</sup> Idem, *ibidem*, pág. 192.

<sup>213</sup> Catarina Pereira Pires, Gilberto Gonçalves Pereira, «Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: valorização de um património científico secular», *Coleções científicas luso-brasileiras: património a ser*

O antigo edifício do Colégio de Jesus, forçosamente abandonado pelos jesuítas depois do cerco, aquando a sua expulsão em 1759, foi o local escolhido para albergar a maioria destas novas estruturas, com exceção do Jardim Botânico, que iria ficar junto ao antigo Colégio de São Bento, e o Observatório Astronómico, na zona do antigo castelo. Portanto, no início do século XIX, encontrava-se neste o edifício o Museu de História Natural, o Gabinete de Física, o Hospital Universitário, o Dispensário Farmacêutico e, ainda, o Teatro Anatómico, este último inaugurado, mas nunca concluído, sendo transferido para outro espaço mais adequado e com maior ventilação, ao contrário do que acontecia no Colégio de Jesus, onde o mau cheiro se propagava por todo o edifício<sup>214</sup>. No antigo refeitório, que servia os dois antigos colégios jesuítas – o Colégio de Jesus e o Colégio das Artes – instalou-se o Laboratório Químico<sup>215</sup>.

O Museu de História Natural teve como primeira coleção a do italiano Domingos Vandelli, organizada segundo os «Gabinetes de Curiosidades», tipologia que surgiu com o Renascimento e que continuava muito em voga. Esta organização foi posteriormente abandonada, tendo-se convertido num lugar de investigação dos vários espécimes onde estes eram classificados, inventariados e organizados, segundo princípios taxonómicos<sup>216</sup>. A coleção foi aumentando graças às «Viagens Filosóficas» – que pretendiam conhecer os três reinos da Natureza tanto na metrópole, como nas Colónias<sup>217</sup> –, sobretudo pelas remessas enviadas do Brasil, por Alexandre Rodrigues Ferreira<sup>218</sup>.

Na primeira metade do século XIX, as coleções que integravam o museu destinavam-se sobretudo ao apoio no ensino das cadeiras do curso filosófico, e não tanto à investigação<sup>219</sup>.

O Gabinete de Física Experimental possuía um notável conjunto de instrumentos, transferido do fracassado Colégio dos Nobres, estando o programa de estudos da cadeira de

---

*descoberto*, org. Marcus Granato e Marta C. Lourenço, Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, 2010, pág. 187.

<sup>214</sup> Idem, *ibidem*, pág. 192.

<sup>215</sup> Carlota Simões, Pedro Casaleiro, «Coleções Científicas do Iluminismo na Universidade de Coimbra», *A Universidade Pombalina. Ciência, Território e Coleções Científicas*, Coord. Ana Cristina Araújo e Fernando Taveira da Fonseca, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pág. 315.

<sup>216</sup> Adelaide Manuela da Costa Duarte, *O Museu Nacional da Ciência e da Técnica (1971-1976)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, pág. 48.

<sup>217</sup> Ermelinda Moutinho Pataca, «Coletar, preparar, remeter, transportar – praticas de História Natural nas Viagens Filosóficas portuguesas (1777-1808)», *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, vol. 4, n<sup>o</sup>2, dezembro, 2011, pág. 128.

<sup>218</sup> Carlota Simões, Pedro Casaleiro, *op. cit.*, pp. 323-324.

<sup>219</sup> Luís Miguel Pires Ceríaco, *op. cit.*, pág. 376.

física da Universidade de Coimbra, segundo Carlos Fiolhais, «a par do que então era ensinado nas melhores escolas europeias»<sup>220</sup>.

As coleções destes espaços foram progressivamente ampliadas, por um lado, pela compra e atualização dos instrumentos científicos e, por outro lado, por doações de particulares, trocas institucionais e, principalmente, por recolha de espécimes em trabalho de campo, por parte de alunos e professores<sup>221</sup>, uma das finalidades do Museu de História Natural da Faculdade de Filosofia<sup>222</sup>.

A transferência do Hospital Universitário durante a década de 1850 e 1860 para o Colégio das Artes e Colégio de São Jerónimo permitiu que as coleções de paleontologia, mineralogia e geologia se expandissem e se criasse uma ala para a coleção de Zoologia. Mais tarde, com a transferência das coleções etnográficas – que ocupavam no Colégio de Jesus duas galerias – e da coleção de Botânica, para o Colégio de São Bento, o Museu de História Natural podia, uma vez mais, crescer.

Em 1884, o Museu de História Natural já se encontrava repartido pelo Gabinete de Zoologia e pelo Gabinete de Mineralogia e Geologia, mas foi novamente fragmentado resultando em quatro novas secções, independentes entre si, tanto na sua organização, como nos diretores e funcionários dos museus. O Museu de História Natural ficava, assim, repartido em Botânica, Antropologia, Zoologia e Mineralogia. Neste último edifício é possível ainda hoje observar, tanto no exterior como no interior, vestígios desta divisão que chegou até ao início do século XXI.

A coleção da secção de Zoologia, para além do auxílio nas aulas, ganha na década de 80 e 90 uma nova dimensão: a investigação científica. Esta apostou fortemente no estudo da fauna portuguesa, em detrimento da fauna ultramarina, cujas expedições eram bastante dispendiosas. Para além disso, o Museu de Lisboa, dirigido por Bocage, tinha vindo a assumir-se, ao longo dos anos, como o museu que estudava a fauna das possessões portuguesas ultramarinas, detendo uma certa exclusividade no seu estudo. Este facto, que parecia limitar o museu tornou-se, no entanto, positivo, pois o conhecimento da fauna portuguesa era ainda um campo pouco explorado o que permitia a produção de conhecimento científico originais. Se o museu dirigido por Bocage ficou conhecido pelo estudo da Zoologia ultramarina, o de Coimbra

<sup>220</sup> Carlos Fiolhais, *op. cit.*, pp. 78-79.

<sup>221</sup> Vide nota de rodapé, Catarina Pereira Pires, Gilberto Gonçalves Pereira, *op. cit.*, pág. 192.

<sup>222</sup> Carlota Simões, Pedro Casaleiro, *op. cit.*, pp. 323-324.

ficaria conhecido pela contribuição de conhecimentos da fauna portuguesa<sup>223</sup>. Sobre o museu e a fauna portuguesa escrevia Paulino de Oliveira (1837-1899), diretor do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra durante os anos de 1888 e 1898<sup>224</sup>:

«O que nos cumpre primeiro estudar e conhecer a nós portugueses é o que é nosso, o que temos no proprio paiz. O que póde elevar o Museu zoologico é o desempenhar-se elle do encargo que naturalmente lhe incumbe de estudar e representar nas suas collecções a fauna portugueza. Oxalá se tivesse pensado assim desde ha muito, e o Museu Zoologico da Universidade teria prestado muito melhor serviço á sciencia em geral e a Portugal em especial. N'este sentido se encaminham hoje os esforços da direcção do Museu e dos seus collaboradores; e tambem os poderes superiormente dirigentes no nosso paiz se mostram empenhados no mesmo fim, votando ha poucos annos uma verba especialmente destinada para explorações zoológicas»<sup>225</sup>.

Em 1911, na sequência da implantação da I República, surge uma nova alteração na organização da Universidade de Coimbra, com a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Matemática a agregarem-se e a darem lugar à Faculdade de Ciências. Com esta reforma, os vários espaços museológicos e gabinetes, dedicados à prática das ciências, são alargados e as várias secções, com os respetivos laboratórios, vão tornar-se mais autónomos em relação à Faculdade<sup>226</sup>.

A tendência de divisão dos espaços museológicos em diversas secções verificava-se noutras instituições de ensino superior. No mesmo ano, foi criado, em Lisboa, o Museu Nacional de História Natural, herdeiro do antigo Museu de História Natural da Ajuda, mais tarde, em 1861, Museu Nacional de Lisboa, e que pertencera à Escola Politécnica. A criação deste museu nacional pretendia ser uma instituição unificada e sob uma única tutela, porém acabou por se organizar em várias secções, à semelhança do que acontecia na Universidade de Coimbra. No caso deste museu, ficaria subdividido em três secções, sem qualquer ligação administrativa entre si, formando três unidades independentes: 1) o Museu e Laboratório

---

<sup>223</sup> Luís Miguel Pires Ceríaco, *op. cit.*, pág. 441.

<sup>224</sup> Universidade de Coimbra, «OLIVEIRA, Manuel Paulino de (1837-?)». Disponível em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/autores/OLIVEIRA\\_manuelpaulinode](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/OLIVEIRA_manuelpaulinode) [consultado a: 15 de julho de 2019].

<sup>225</sup> Paulino de Oliveira *apud* Luís Miguel Pires Ceríaco, *op. cit.*, pág. 442.

<sup>226</sup> Catarina Pereira Pires, Gilberto Gonçalves Pereira, *op. cit.*, pág. 204.

Mineralógico e Geológico; 2) Museu, Laboratório e Jardim Botânico e, 3) Laboratório Zoológico e Antropológico (conhecido como Museu Bocage), cujos diretores eram os professores catedráticos mais antigos das respetivas áreas científicas na Universidade de Lisboa<sup>227</sup>.

No Porto, o museu foi dividido em quatro secções, à semelhança de Coimbra.

Era este o cenário que se vivia no panorama museológico dos museus universitários de ciência, cuja organização era fragmentada e com as suas próprias regras e formas de trabalhar. Não se sabe se, em 1912, estas coleções foram guardadas em armários, enquanto coleção proveniente de um determinado local e progressivamente incorporada em coleções pré-existentes, «depositadas», à semelhança do que aconteceu no herbário, ou se foram imediatamente organizadas e distribuídas taxonomicamente, em coleções pré-existentes, como se encontra atualmente grande parte da coleção de São Fiel no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

#### **4.1.3. A inversão de uma tendência – o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra**

No início do século XXI a Universidade de Coimbra decidiu inverter a tendência de autonomia das várias secções – pertencentes então à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra – para passar a incorporar, numa única entidade, as principais coleções científicas da Universidade. Desta vontade resultou o projeto do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), cuja tendência foi seguida, em 2011, pela Universidade de Lisboa, com a criação do Museu Nacional de História Natural e da Ciência<sup>228</sup>.

O Museu da Ciência foi oficialmente inaugurado, em 2006, após a requalificação do Laboratório Químico, com a exposição permanente «Segredos da Luz e da Matéria». Marcaria

---

<sup>227</sup> Fernando Bragança Gil, «2 – Museus Universitários: sua especificidade no âmbito da museologia», *Coleções de Ciências Físicas e Tecnológicas em Museus Universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil*, Coord. Alice Semedo e Armando Coelho Ferreira da Silva, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pág. 37.

<sup>228</sup>, Museu Nacional de História Natural e da Ciência, «História e Património». Disponível em: <https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/historia-e-patrimonio> [consultado a 02 de julho de 2019].

uma nova abordagem da Universidade ao seu património científico, até então caracterizado pela divisão em secções.

Este museu é constituído por coleções cuja tipologia se insere nos Museus de História Natural, mas também dos Museus da Ciência e da Técnica<sup>229</sup>, pois alberga «objetos representativos da evolução da ciência e da sua aplicação prática, a tecnologia<sup>230</sup>». Atualmente, integram o espólio do museu coleções de Antropologia, de Astronomia, de Botânica (mas não o Herbário), de Farmácia, de Física, de Medicina, de Mineralogia e de Geologia, Química e Zoologia.

Devido ao número elevado de coleções sob a alçada deste museu, existem muitos objetos que se encontram ainda em processo de inventariação. Só a coleção de Zoologia – a mais numerosa – estima-se possuir cerca de 500 000 exemplares. Foi necessário desenvolver um manual de normas comuns a todas as coleções. Por exemplo, o número de inventário passou a possuir um acrónimo relativo à origem de cada coleção, uma vez que cada secção usava as suas próprias regras de inventariação. Assim sendo, atualmente os exemplares são identificados através de um número, mas também pela utilização de um prefixo de acordo com a coleção que integra. Exemplificando: um objeto da coleção de Física é identificado como FIS.0000XX; de Zoologia com ZOO.0000XX; de Antropologia com ANT.0000XX, e assim sucessivamente.

O MCUC possui ainda o *Museu Digital*, o qual consiste numa base de dados acessível a todos, com os espécimes e objetos já inventariados, onde é possível consultar os principais campos da ficha de inventário de cada objeto, sendo alguns acompanhados de fotografia.

## **4.2. As coleções do Colégio de São Fiel no Museu da Ciência**

### **4.2.1. Coleção Zoológica**

A Coleção Zoológica do Colégio de São Fiel seguia, nos finais do século XIX e inícios do século XX, a tendência dos principais museus portugueses, nomeadamente o de Lisboa e Coimbra.

---

<sup>229</sup> Fernando Bragança Gil, *op. cit.*, pág. 39.

<sup>230</sup> Maria de Lurdes Correia Fernandes, *op. cit.*, pág. 52.

Se, por um lado, à semelhança do que acontecia na Universidade de Coimbra, os jesuítas portugueses vão dar primazia ao estudo da fauna portuguesa, principalmente das localidades onde tinham os seus colégios, por outro, a presença de missionários da Companhia de Jesus, no Ultramar português, vai fazer com que se encontre, no seu espólio, animais de regiões exóticas.

Os estudos publicados na revista *Brotéria* são dedicados, na sua maioria, à fauna portuguesa.

#### **4.2.1.1. Coleção de Aves**

A Coleção de Aves do Colégio de São Fiel consiste em peles preparadas em montagem taxidérmica e foi integrada em diversas secções do então Museu Zoológico. Está, com algumas exceções, completamente inventariada. Algumas aves integram a vasta coleção da Galeria de História Natural do museu, mas a maioria encontra-se em depósito, juntamente com outras aves da Coleção do Museu da Ciência, nos armários que se encontram na parte superior das salas de exposição da Galeria. Neste local estão organizadas taxonomicamente e por coleções. Nas reservas, as aves do Colégio de São Fiel que não estão inventariadas, estão depositadas num armário juntamente com outros exemplares provenientes da Beira Baixa.

Existem 13 exemplares de São Fiel, inventariados, na coleção de Aves da Região Afro Tropical; 1 exemplar na coleção de Aves da Região Australiana, 8 exemplares das Aves de Portugal, e 2 exemplares integram a Coleção Geral do Museu Zoológico.

Existem várias formas de se identificarem os exemplares de São Fiel, possuindo um número variado de etiquetas. Algumas possuem uma etiqueta identificando-a como «Colégio de S. Fiel» com o mês e o ano de incorporação; outras só é possível identificar porque não possuem o local de recolha, mas apenas o mês e ano de entrada no museu (i.e., abril de 1912)<sup>231</sup>. Finalmente, existem exemplares que conservam a etiqueta original «Museu de S. Fiel». Em alguns casos, na base, encontram-se escritos a esferográfica, a proveniência de S. Fiel.

Os exemplares não identificados na reserva de Zoologia perfazem um total de 13. Estes não se encontram inventariados, não possuem um número de inventário antigo, nem estão identificados taxonomicamente, mas existem alguns que conservam a etiqueta com o nome

---

<sup>231</sup> Cf. Anexo B12.

comum<sup>232</sup>. Alguns exemplares contabilizados foram identificados através de uma etiqueta rebordada a azul, comum aos exemplares de São Fiel do Museu da Ciência e da Escola Secundária Nuno Álvares. Existe uma segunda etiqueta azul comum<sup>233</sup> a outros exemplares de São Fiel e que conteria o nome científico, pregada na base. Exemplares com vestígios dos parafusos e com o mesmo tipo de base foram também contabilizados.

#### 4.2.1.2. Coleção de Mamíferos

A coleção de mamíferos consiste em peles preparadas em montagem taxidérmica e à semelhança do que acontece com as aves, existem exemplares inventariados e outros em reserva ainda por identificar. Os mamíferos identificados e inventariados integram a coleção «Mamíferos do Museu Zoológico» e é constituída por seis exemplares.

Foram ainda identificados nas reservas 4 exemplares de mamíferos, cujo ponto de referência é a etiqueta rebordada a azul. Estes exemplares, em reserva, possuem ainda uma outra etiqueta, relacionada com a casa onde foi encomendada estes espécimes. Esta casa foi mencionada por Cândido Mendes de Azevedo S.J., na *Brotéria*<sup>234</sup>, e trata-se da casa francesa *Les Fils d'Emile Deyrolle*. O Museu Zoológico da Universidade de Coimbra tinha, também ele, recorrido a esta casa para a compra e espécimes, na segunda metade do século XIX, nomeadamente mamíferos<sup>235</sup>. Contudo, a existência da etiqueta azul indica que a sua proveniência terá sido o Museu de São Fiel.

#### 4.2.1.3. Coleção de Peixes

No caso dos peixes foram contabilizados 31 exemplares de espécimes conservados em seco e encontram-se armazenados todos no mesmo local. Alguns estão inventariados, mas não estão ainda em formato digital. Estes exemplares, para além de possuírem a etiqueta rebordada

---

<sup>232</sup> Cf. Anexo B10.

<sup>233</sup> Cf. Anexo B13.

<sup>234</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Maneira practica de caçar, preparar e conservar as borboletas», *Brotéria. Revista de Ciências Naturaes do Collégio de S. Fiel*, Vol. 2º, Lisboa, La Bécarre, 1903, pág. III.

<sup>235</sup> Luís Miguell Pires Ceríaco, *op. cit.*, pág. 444.

a azul, são identificáveis pela forma entrelaçada do arame<sup>236</sup> que os liga à base de madeira, suporte que os diferencia dos outros exemplares do Museu Zoológico, cujo arame que eleva o peixe é liso.

Existem peixes em exposição, mas a maioria encontra-se em reserva.

#### **4.2.1.4. Coleção de Répteis**

São 7 os exemplares inventariados de répteis que integram a Coleção de Répteis e Batráquios das Colónias Portuguesas, sendo que 6 são exemplares da mesma espécie.

À semelhança do que acontece com outras coleções foram contabilizados mais 4 exemplares, cujas bases são semelhantes à de outros exemplares. Não estão identificados taxonomicamente, nem possuem o nome comum.

#### **4.2.1.5. Coleção Entomológica**

A coleção entomológica é a coleção mais extensa possuindo centenas de exemplares que estão, porém, por inventariar. Apesar disso, possuímos muita informação sobre ela uma vez que a maioria dos jesuítas do Colégio de São Fiel se dedicava ao estudo dos insetos, publicando na sua revista, inúmeros artigos sobre estas coleções e as suas descobertas. Existem assim coleções de lepidópteros (borboletas e traças) – na qual se inclui a coleção de Cândido Mendes de Azevedo<sup>237</sup> –, coleópteros (escaravelhos, joaninhas, etc.), ortópteros (gafanhotos, grilos, etc.), hemípteros (cigarras, percevejos, etc.). A análise destes insetos marca estudos pioneiros nestas áreas, em Portugal, estando entre eles muitos exemplares que constituem espécies «tipo», isto é, trata-se do exemplar utilizado para identificar taxonomicamente aquela espécie. Claro que, ao não estarem identificados como tipos, é complicado serem localizados na coleção. Em casos excecionais são referidos nas publicações o número de exemplares que o entomólogo possuía de cada espécie. Se o colecionador apenas possuía um único exemplar, e que serviu

---

<sup>236</sup> Cf. Anexo B14.

<sup>237</sup> Cf. Anexo B16.

para a identificação da nova espécie, então é possível identificar-se, mas o mesmo não acontece quando tinha na sua posse vários espécimes.

A coleção de Cândido Mendes de Azevedo S. J. é, sem dúvida, uma das mais importantes no museu. Apesar de não ter sido o primeiro naturalista a dedicar-se ao estudo de lepidópteros portugueses, foi o lepidopterólogo que identificou mais espécies, em Portugal, até hoje. Só na região da Beira Baixa identificou cerca de 700 espécies, sendo muitas delas novas para a ciência. É, sem dúvida, pela dimensão das suas identificações, uma coleção valiosa. Porém, perde algum do seu valor histórico-científico ao não estar devidamente identificada, tendo pouca documentação associada que permita perceber o significado da legendagem, principalmente da numeração presente em alguns exemplares, como refere Martin Corley, lepidopterólogo inglês que estuda, atualmente, a fauna lepidopterológica portuguesa e, nomeadamente, a coleção de Cândido Mendes de Azevedo S.J.

Para o facto de existirem números e abreviaturas que só os jesuítas podiam entender, já nos tinham alertado, tanto os membros da Companhia de Jesus, como outros naturalistas, sendo um dos principais argumentos utilizados para que as coleções científicas lhes fossem restituídas, pois só eles poderiam retirar das coleções todas as informações. Embora Mendes tenha publicado inúmeras listas de exemplares por ele identificado, nem sempre é possível estabelecer correlação entre a publicação e os espécimes.

Detenhamo-nos naquilo que sabemos sobre esta coleção. Esta está atualmente depositada em dois armários: um, mais antigo, em madeira, proveniente de São Fiel e que constituiu o armário original da coleção e, um outro armário, mais moderno, mas onde se armazenam caixas antigas, denominada de «Coleção Nacional». Esta última é resultante de várias proveniências, circunstância que se torna perceptível através de vários tipos de letras, tanto impressa como manuscrita, a qual tinha como objetivo reunir e ordenar taxonomicamente vários exemplares portugueses que existiam dentro do museu<sup>238</sup>. Foram introduzidas assim, nessa coleção, vários lepidópteros dos jesuítas de São Fiel, na Coleção Nacional.

No armário original de São Fiel não se concentra apenas a coleção primitiva, mas foram sendo acrescentados outros exemplares, sobrecarregando, nalguns casos, gavetas com demasiadas borboletas. Noutros as gavetas estão quase ou completamente vazias. É muito

---

<sup>238</sup> Martin F.V. Corley, «The Lepidoptera collections of deceased portuguese entomologists. II», *Entomologist's Gazette*, volume 66, 2015, pág. 27.

difícil, sem que se retire uma a uma, identificar quais as os exemplares da coleção do jesuíta e quais é que foram acrescentadas posteriormente. Sobre este assunto afirma Corley:

«Unfortunately very few specimens in the entire collection have any indication of their supposed identity. Although some have a locality label, much of the material in the collection is without data labels or bears only a label with a number or a label with only a month. No doubt he intended to label de specimens and arrange them under the names of the species he had identified them as, but having not done so, he never had the opportunity later<sup>239</sup>».

Na verdade, a organização das gavetas do armário de Mendes está longe de ser o ideal que o próprio aconselhou num artigo dedicado à captura, à preparação e à conservação de borboletas, na *Brotéria* de 1903:

«Nas caixas collocam-se as borboletas em linhas, de sorte que a disposição fique elegante. Junto de cada borboleta escreve-se o nome específico em rectangulosinhos de cartolina, que já se vendem feitos, ou então cortam-se dos catalogos já impressos os nomes das borboletas e prega-se nas caixas<sup>240</sup>».

Mas este é de longe o cenário que temos quando se abrem as gavetas da sua coleção. Raros são os exemplares com os pequenos «rectangulosinhos»<sup>241</sup>, a que se refere o jesuíta e muitos deles têm um tipo de letra que está presente noutras coleções de insetos, que em nada estão relacionados com São Fiel.

Apesar deste panorama um pouco desanimador, para quem pretende identificar os lepidópteros de Cândido Mendes de Azevedo S. J., Martin Corley logrou identificar muitos exemplares. Para este sucesso contribuiu, por um lado, o facto de possuir conhecimentos na mesma área do iniciano e, por outro, por ter estudado inúmeros exemplares das mais variadas coleções de lepidópteros portugueses, em vários museus nacionais e internacionais, conhecendo bem as suas características. Quanto à coleção de Cândido Mendes, Corley estudou em primeiro

---

<sup>239</sup> Idem, *ibidem*, pág. 27.

<sup>240</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1903, pág. VIII.

<sup>241</sup> Cf. Anexo B15.

lugar os exemplares presentes na coleção de J. de Joannis, no *Muséum National d'Histoire Naturelle* (Paris) e que conta com exemplares do português, uma vez que o francês J. de Joannis, também ele sacerdote, auxiliava o jesuíta nas classificações de lepidópteros, acabando por ficar com material duplicado. Só depois de investigar a coleção francesa é que Corley estudou a coleção do Museu da Ciência e a do Instituto Nun'Álvares, em Santo Tirso, onde se encontra a coleção posterior a 1910, que Cândido Mendes de Azevedo S. J. reuniu no exílio<sup>242</sup>.

Assim, este lepidopterólogo conseguiu identificar pontos de contacto com os exemplares das várias coleções de Mendes, os quais são os seguintes: 1) o alfinete utilizado é igual ao das outras coleções. Estes eram escolhidos com especial atenção, uma vez que certos materiais podiam oxidar e danificar o exemplar. O jesuíta aconselhava a utilização de alfinetes de níquel ou envernizados. Porém, os alfinetes pretos de Viena eram aqueles que considerava como sendo os melhores, pois não oxidavam, eram fortes, com a única vantagem de se dobrarem ou partirem na ponta<sup>243</sup>. Foi possível observar essa fragilidade quando a conservadora de zoologia, Dr. Cristina Rufino, retirou alguns exemplares, da Coleção Nacional, que Corley considerou integrarem a coleção do jesuíta. 2) têm um pequeno quadrado de papel que se encontra numerado e 3) existem microlepidópteros que, até hoje, apenas foram identificados pelo inaciano, não podendo, por isso pertencer a mais nenhuma coleção<sup>244</sup>. Com base nestes tópicos Corley terá conseguido inventariar cerca de 1000 exemplares.

As coleções de insetos são coleções que implicam grandes cuidados de manuseamento e de prevenção de danos. Um movimento mais brusco e o espécime pode, por exemplo, ficar sem uma asa. Implicam cuidados de armazenamento para que não sejam contaminados por pragas e, no seu interior, encontra-se veneno para que não danifiquem os exemplares, com as caixas bem fechadas. Portanto, com exceção do caso atrás descrito em que alguns exemplares foram manuseados pela conservadora, o resto da observação das coleções foi realizada sem a abertura e manuseamento dos objetos, mas apenas pela observação exterior das caixas. Algumas gavetas do armário de São Fiel encontram-se danificadas, por exemplo, com o vidro partido.

A investigação por mim feita permitiu ainda elencar alguns dos principais contributários das coleções, bem como os principais locais onde o jesuíta recebeu ou coletou espécimes, para

---

<sup>242</sup> Martin F.V. Corley, *op. cit.*, 2015, pág. 28

<sup>243</sup> Cândido Mendes de Azevedo, *op. cit.*, 1903, pág. V.

<sup>244</sup> Martin F.V. Corley, *op. cit.*, pp. 27-28.

que futuramente, caso a coleção seja organizada, se torne mais fácil identificar o maior número possível de exemplares.

A denominada «região de São Fiel» tem, aproximadamente, uma área de 1400 km<sup>2</sup>, foi o território mais percorrido por parte dos jesuítas daquele colégio. Contudo, esta região não se limitava aos espaços imediatamente adjacentes e que rodeavam o edifício. Era, na verdade, uma área consideravelmente extensa. Esta ia «(...) dos arredores de Castello Branco até Manteigas e Ceia, numa extensão de 70 quilómetros de comprimento sobre 15 e 20 de largura, compreendendo boa parte da serra da Estrela e toda a Gardunha (...)»<sup>245</sup>. Cândido Mendes de Azevedo no seu catálogo de lepidópteros da região de São Fiel indica também exemplares de Vila Velha de Rodão<sup>246</sup>. Atualmente, uma pequena parte, corresponde à região da Beira Baixa, onde se encontra o concelho de Vila Velha de Ródão e Castelo Branco, compreendendo seis das dezanove freguesias deste concelho: as freguesias de Louriçal do Campo (onde se localiza o Colégio), São Vicente da Beira, União de Freguesias de Sobral do Campo e Ninho do Açor, União de Freguesias de Escalos de Cima e Lousa, Lardosa e Tinalhas. As restantes localidades pertencem à região das Beiras e Serra da Estrela, onde estão inseridos o concelho do Fundão – com as freguesias de Castelo Novo, Castelejo, Vale de Prazeres, Capinha, Alpedrinha e Soalheira, a serem as freguesias mais percorridas –, Covilhã, Seia e Manteigas.

Em 1902, as expedições de maior destaque realizadas por Mendes tiveram como destino Castelo Branco, Lousa, Alpedrinha, Fundão, Castelejo, Sobral do Campo e Serra da Gardunha. Localidades dos concelhos de Castelo Branco e Fundão e que integram a referida «região de São Fiel». Foi na Mata do Fundão que o sacerdote capturou o maior número de insetos, uma vez que era a zona com maior abundância destes animais. Destas primeiras excursões, regista que coletou «umas 700 espécies entre as quaes há uma de genero novo que o R.P. J. de Joannis houve por bem dedicarme com o nome de *Mendesia echiella*»<sup>247</sup>.

Para além das expedições para a captura de exemplares, recebeu inúmeros espécimes de locais que nunca visitou, ou que exploraria mais tardiamente. José da Cruz Tavares S. J., na altura diretor do Colégio de São Fiel, demonstrava interesse pela coleção do jesuíta, capturando

---

<sup>245</sup> «Duas palavras de introdução», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 1º, Lisboa, La Bécarre, 1902, pág. VI.

<sup>246</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Lepidopteros de Portugal I. Lepidopteros da região de S. Fiel (Beira Baixa)», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pág. não numerada.

<sup>247</sup> Idem, «I Lepidópteros da Região de São Fiel (Beira Baixa)», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira, Série Zoológica*, Vol. X, Braga, Typ. A Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1912, pág. 161.

vários espécimes para lhe oferecer e aumentar a sua coleção. Luís M. Alves Correia S. J., então professor do Colégio de Campolide, também remeteu vários exemplares ao seu colega da Companhia de Jesus, durante os anos de 1901-1902. Ainda em 1902, em setembro, recebeu do seu irmão Manuel d'Azevedo Mendes, muitos exemplares de lepidópteros, que tinha caçado nas férias na Quinta da Cadriceira, próxima de Torres Vedras, na aldeia do Turcifal. Em 1907-1908 teve a oportunidade de explorar essa zona, de outubro a agosto, quando residiu no Colégio do Barro. Da mesma zona do Barro recebeu ainda exemplares de um amigo leigo Phillipe Goularte de Sousa e do colega Manuel Rebimbas S. J., que lhe enviava frequentemente remessas. Também legendagem com a indicação de Barro, Torres Vedras ou Cadriceira deve ser considerada, comparando-a sempre com exemplares já confirmados.

Outra das localidades percorridas pelo jesuíta foi a quinta do Val do Rosal, perto da Caparica do Monte, no concelho de Almada, apesar de ter sido de forma breve, durante dois dias.

Finalmente, lepidópteros com referência a «Gerez» devem ser considerados como sendo da Coleção de São Fiel. Apesar de Cândido Mendes de Azevedo S. J. nunca ter visitado aquele local, Joaquim da Silva Tavares S. J. explorou várias vezes essa região, para onde se refugiava de quando a quando, devido a problemas de saúde<sup>248</sup>. Nessas deslocações não se esquecia de recolher material de estudo, tanto para ele, como para os seus colegas, em particular, fauna entomológica, nomeadamente lepidópteros, do local. Sabemos que existe material recolhido no Gerês, depositado no Museu da Ciência, uma vez que o lepidopterólogo jesuíta afirma o seguinte: «os lepidópteros por elle [Joaquim da Silva Tavares S.J.] recolhidos estavam no Museu do Collegio de S. Fiel e de la foram levados para o da Universidade de Coimbra, depois da despótica espoliação de que fomos vítimas»<sup>249</sup>.

Para além da coleção de lepidópteros de Cândido Mendes de Azevedo existem outras, constituídas por espécimes da África Oriental, maioritariamente de Moçambique, como as regiões do Zumbo e Quelimane. Esta é uma coleção que, comparada à portuguesa, está bem organizada, apesar de existirem borboletas sobrepostas umas às outras e estarem várias coleções na mesma caixa, estão bem identificadas e conseguem distinguir-se facilmente umas das outras. Também foi possível contabilizar os exemplares. No total, são 699 exemplares, reunidos em

<sup>248</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., «As Cecidias do Gerez», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel – Serie Zoologica*, Volume VIII, S. Fiel 1909, S. Fiel, pág. 107.

<sup>249</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1914, pág. 204.

sete caixas/gavetas, com os números 57, 58, 59, 60, 61, 62 e 63. A maioria parece possuir etiquetas, pelo menos com a origem geográfica do exemplar.

Quanto à coleção de coleópteros<sup>250</sup>, esta é composta por 627 exemplares de Moçambique, 28 provenientes de Angola e 27 capturados no território português. Na coleção dos coleópteros é possível observar a etiqueta: «Legado de L. Lopes». Referem-se ao sacerdote jesuíta Luís Lopes, missionário na Zambézia, desde 1904. Este enviava remessas de material entomológico de Moçambique para o Museu de São Fiel<sup>251</sup>. Esta missão era particularmente difícil, tendo perecido vários missionários, devido às doenças existentes do continente africano<sup>252</sup>. Durante os trinta anos de missão, de 1880 a 1910, foram enviados 118 missionários jesuítas, dos quais 41 faleceram. Esta missão dividia-se em seis áreas de atuação: Quelimane (cidade portuária situada a aproximadamente 106 km do Rio Zambeze), Coalane a poucos quilómetros de Quelimane), Chupanga (no distrito de Marromeu), Boroma (a 30km da cidade de Tete), Miruru (a poucos quilómetros da Zâmbia, situada na parte mais ocidental de Moçambique) e Angónia (localizada a norte da província de Tete)<sup>253</sup>. Já se referiu que uma das caixas de lepidópteros provenientes da África Oriental está identificada como sendo proveniente de Quelimane. É, portanto, espectável que se encontrem mais exemplares, provenientes das localidades onde os jesuítas realizavam missões, até porque o missionário Luís Lopes S. J. esteve nas localidades de Chupanga e Boroma<sup>254</sup>.

De facto, na coleção de hemípteros (pulgões) observamos exemplares etiquetados como provenientes de «Chupanga» e «Quelimane». Esta coleção é composta por 96 exemplares oriundos de Moçambique, nomeadamente da região da Zambézia, e 80 exemplares são provenientes de Angola.

Finalmente, existe uma caixa que guarda 41 exemplares de ortópteros (gafanhotos) provenientes do Zumbo e ainda odonatas (libelinhas) angolanas com apenas 2 exemplares.

Estas são as coleções de insetos que se encontram, neste momento, bem localizadas dentro das reservas. Se for realizada uma pesquisa pelas centenas e centenas de caixas nas quais

---

<sup>250</sup> Cf. Anexo B20.

<sup>251</sup> Vide em nota de rodapé Camilo Torrend S.J., «Primeira Contribuição para o estudo da Flora Mycologica da Provincia de Moçambique», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 4º, Lisboa, La Bécarre, 1905, pp. 213-214.

<sup>252</sup> Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *op. cit.*, 1914, pág. 122.

<sup>253</sup> Nuno da Silva Gonçalves, «Jesuítas (Companhia de Jesus)», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia et al., Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2001, pág. 29.

<sup>254</sup> Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Lepidoptera Africana [...]», *op. cit.*, 1912, pp. 183-184.

se armazenam insetos, é provável que se encontrem muitos mais. A título de curiosidade, quando se pesquisaram outras coleções de insetos<sup>255</sup> do Museu da Ciência, observaram-se muitos exemplares cuja coleta tinha sido em «S. Fiel», portanto, proveniente do Colégio, em 1912, mas também da «Matta do Fundão», «Gerez», «Cardigos», terra natal de Joaquim da Silva Tavares S. J. Existiam também exemplares identificados como coletados no «Fundão», «Guimaraes» - cidade onde os jesuítas possuíam uma casa – e «Setúbal» e que tinham a particularidade de se encontrarem redigidos com a mesma caligrafia. Existem ainda exemplares identificados como «Ocreza», rio afluente do Tejo que nasce na Serra da Gardunha, «Rodao», área explorada, ainda que de passagem, pelos jesuítas de São Fiel. Foram encontradas ainda duas etiquetas com «Leg. [?] Tavares» a José da Cruz Tavares S. J., que foi provincial da Companhia de Jesus e reitor do Colégio de São Fiel ou a J. de Oliveira Tavares, mencionado por Silva Tavares, num dos seus estudos<sup>256</sup>, sendo seu amigo de Cardigos<sup>257</sup>; e outra «Leg. Silvano<sup>258</sup>» que continha exemplares de nevrópteros (insetos caracterizadas pelas nervuras das suas asas, onde se insere, por exemplo, a formiga-leão) que eram estudados pelo Atanásio Silvano teólogo, professor no Colégio de São Fiel<sup>259</sup>.

A região do Algarve foi também explorada, em 1909, por Joaquim da Silva Tavares S.J., tendo explorado locais como Monchique, Portimão, Faro e Vila Real de Santo António, tendo procurado, para além das cecídias, e como era hábito, outros insetos para serem estudados pelos seus colegas. Estes exemplares coletados no Algarve, à exceção dos dípteros (moscas, mosquitos), foram perdidos com a Implantação da República, porém é provável que existam dípteros da localidade de Pedras Salgadas<sup>260</sup>. Nos seus tempos livres, este jesuíta dedicava-se ao estudo de *Tenthredinidae* portuguesas, pertencente à ordem dos himenópteros (vespas, abelhas, formigas), e das quais possuía uma pequena coleção da qual também ficou privado, em 1910<sup>261</sup>.

---

<sup>255</sup> Cf. Anexo B22.

<sup>256</sup> Joaquim da Silva Tavares S.J., *op. cit.*, 1926, pág. 78.

<sup>257</sup> Idem, «Espécies novas de cecidomyas da Península Ibérica e descrição de algumas já conhecidas – II série», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume VI, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1918, pág. 130.

<sup>258</sup> Cf. Anexo B23.

<sup>259</sup> «Redacção da Brotéria», *Brotéria. Revista de Ciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel – Vulgarização Científica*, vol. VI, parte III, S. Fiel, 1907, pág. 10.

<sup>260</sup> Joaquim da Silva Tavares, «Dernières nouveautés cécidologiques du Portugal», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, volume XI, Braga, Typ. A Vapor de Augusto de Augusto Costa & Matos, 1913, pág. 199.

<sup>261</sup> Idem, *ibidem*, pág. 201.

A pesquisa não foi mais alargada pois, quando existem várias etiquetas no mesmo exemplar – formada muitas vezes por localidade de coleta, legado e a etiqueta do MCUC, geralmente de cor verde –, nem sempre é possível retirar toda a informação ali concentrada, a partir da observação exterior das caixas. Para isso era necessário retirar, caixa a caixa e, mais tarde, exemplar a exemplar, toda a informação ali contida. Isto tem as implicações das quais já mencionámos e ainda, a possibilidade de danificar as etiquetas, muitas vezes em papel, para além de muito antigas também frágeis. Contudo, através da simples observação externa da coleção de insetos já foi possível retirar inúmeras informações.

### **4.3.2. Coleção de Botânica**

#### **4.3.2.1. Herbário**

Como já referido, o Herbário da Universidade de Coimbra não integra o projeto do Museu da Ciência, permanecendo a sua coleção independente no Departamento de Ciências da Vida. Contudo, uma vez que integra espécimes originários do Colégio jesuíta de São Fiel, tecerei alguns comentários, apesar de não ter sido realizada qualquer observação direta sobre os exemplares.

Ao contrário do que aconteceu com as outras coleções jesuítas, que integraram a universidade, foi publicado um catálogo das espécies portuguesas do herbário de São Fiel, por Júlio A. Henriques, repartido por dois números do *Boletim da Sociedade Broteriana*, mais precisamente em 1920 e 1922.

Também foi referido que, pelo menos enquanto Júlio A. Henriques foi diretor do Herbário, as coleções estavam depositadas de maneira que, se fosse necessária a restituição «aos seus organizadores», aquelas poderiam ser facilmente reunidas e restituídas<sup>262</sup>.

Quando os jesuítas foram expulsos, em 1910, o Herbário era constituído por 93 espécies de líquenes portugueses, 627 espécies de musgos, tanto portugueses como estrangeiros, 521 espécies de fungos portugueses, cerca de 3000 diatomáceas, como as de Carlos Zimmernann, mas também de espécies compradas a Tempère e Peragallo e 855 espécies e 106 subespécies de fanerogâmicas portuguesas e 47 estrangeiras. O número de exemplares das fanerogâmicas

---

<sup>262</sup> Júlio Henriques, *op. cit.* pág. 137.

portuguesas chegava os 1311 exemplares, mas, quanto às outras espécies referidas, não é apresentado um número aproximado de exemplares. Porém, sabemos que se tratava de uma coleção extensa<sup>263</sup>.

Quanto às localidades da sua proveniência, foram, sobretudo, capturados nas proximidades dos locais onde estavam implantados os Colégios e as casas jesuítas, bem como localidades visitadas pelos membros da Companhia de Jesus, nomeadamente Setúbal, Torres Vedras, Praia de Santa Cruz, Guimarães, Gerês, Algarve e, claro, a «Região de S. Fiel».

Os seus coletores foram sobretudo os seus diretores Carlos Zimmermann S. J. e, Joaquim da Silva Tavares S. J., apesar de o primeiro ter dedicado muito mais tempo que o segundo, ao Herbário; Camilo Torrend S. J. enquanto lecionou no Colégio de Campolide, enviou para o colégio da Beira Baixa as duplicatas, principalmente de «myxomycetas» portuguesas. Também Afonso Luisier S. J. contribuiu para o aumento do Herbário de São Fiel, enviando muitas fanerogâmicas das zonas de Setúbal, da serra da Arrábida, de Guimarães e de Innsbruck (Áustria) e, mais tarde, exemplares de musgos (muscíneas). Em Setúbal coletaram ainda Valério Cordeiro S. J. e Manuel Pacheco S. J., líquenes e algas respetivamente. Foi incorporado no herbário do colégio um conjunto de plantas que tinham sido coletadas por Meniarth S.J., botânico e jesuíta húngaro, missionário na Zambézia e que viveu, apesar de pouco tempo, no Colégio do Barro, em Torres Vedras, constituindo uma pequena coleção. De salientar também a contribuição de Sebastião Antunes, um empregado do Herbário que se dedicou às herborizações de fanerogâmicas. Existiam ainda espécies distribuídas pela Sociedade Broteriana, da Universidade de Coimbra<sup>264</sup>.

O Herbário da Universidade de Coimbra, designado por COI, possui, à semelhança do Museu da Ciência, uma base de dados. A pesquisa nesta base de dados revelou cerca de 800 exemplares, inseridos *online*, de espécies botânicas provenientes de São Fiel, estando muitas delas acompanhadas de fotografia. Nessas imagens é possível observar as suas etiquetas e legendagem original. Os coletores com mais exemplares são Afonso Luisier S.J., Joaquim da Silva Tavares S.J., Meniarth S.J. e Carlos Zimmermann S.J.. Existem exemplares de «Antunes, Sel.», mas é provável que se refiram ao empregado Sebastião Antunes. Em menor números, existem também exemplares coletados por Camilo Torrend S. J..

---

<sup>263</sup> Joaquim da Silva Tavares, *op. cit.*, 1924, pág. 83.

<sup>264</sup> Idem, *ibidem*, pág. 83.

Este Herbário é das poucas coleções históricas da Península Ibérica a possuir exemplares de *myxocycenes*, reunidos por Camilo Torrend, o que lhe confere uma enorme importância tanto no campo das ciências naturais como da História da ciência<sup>265</sup>.

#### 4.3.3. Outras coleções na Universidade de Coimbra

Recentemente foram localizados no Museu da Ciência vários exemplares de Geologia provenientes de São Fiel e que se encontram em processo de inventariação e classificação. A Revista *Brotéria* não menciona qualquer professor jesuíta que se dedicasse ao estudo desta área e, bem assim, são escassos estudos geológicos publicados na revista. Não temos, ao contrário do que acontece com as coleções entomológicas, muitos dados em relação a esta coleção, nem pontos de referência. Muito possivelmente, estes exemplares eram utilizados em sala de aula e integrados no museu, mas não eram estudados sistematicamente pelos sacerdotes jesuítas.

Júlio A. Henriques, responsável pela escolha dos materiais a depositar na universidade, na sua publicação no *Boletim da Sociedade Broteriana* acerca do Herbário de São Fiel menciona a entrada de objetos de física, os quais, até à data, não estão identificados, bem como na ata da Faculdade de Ciências. O Dr. Ramos Preto pretendia aliás, que os objetos de física permanecessem em Castelo Branco, uma vez que a Universidade de Coimbra já era dotada de importantes instrumentos, ao contrário do que acontecia com o Liceu, que até então não possuía qualquer gabinete. Atualmente, num dos corredores da atual Escola Secundária Nuno Álvares, junto do Laboratório de Física, encontram-se vários objetos científicos expostos num armário de madeira e vidro, julgando-se ser, a sua maioria, proveniente de São Fiel, uma vez que ainda conservam a mesma etiqueta rebordada a azul e numerada, à semelhança dos exemplares do Museu da Ciência identificados como pertencentes ao colégio.

Finalmente, existe um pequeno conjunto de frascos, no Museu da Ciência, com exemplares de diversas espécies, conservados em álcool<sup>266</sup>. São 13 os frascos em reserva e ainda um molusco inventariado.

---

<sup>265</sup> Carlos Lado e Francisco Pando, «La Colección de myxomycetes preparada por C. Torrend para el Colegio de San Fiel (Portugal)», *Anales Jardín Botánico de Madrid*, 44 (1), 1989, pág. 173.

<sup>266</sup> Cf. Anexo B25.

### 4.3. Perspetivas futuras

Mais de cem anos depois, são estas as coleções que se encontram na Universidade de Coimbra. Apesar de muitos exemplares terem sido recentemente inventariados, alguma informação associada aos mesmos encontra-se perdida, nomeadamente data e local de coleta, bem como o seu coletor. A perda desta informação pode ter acontecido, no período entre 1910-1912, ou posteriormente, já depois de integradas no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra.

A coleção que apresenta o maior desafio é, sem dúvida, a coleção entomológica, que devido ao seu valor histórico e científico merece especial atenção. Em 1907, a revista *Brotéria* foi dividida em três séries: *Vulgarização Científica*, *Botânica* e *Zoológica*. Esta última era constituída, principalmente, por estudos da fauna entomológica, com especial destaque para a portuguesa. Muitos dos insetos que se encontram no Museu da Ciência são fruto de estudos pioneiros que deram a conhecer novas espécies ou a confirmação da existência de espécies já conhecidas em território português, à comunidade científica nacional e internacional.

Trabalhar as coleções entomológicas é um desafio para qualquer Museu de História Natural devido à fragilidade e quantidade de insetos que geralmente constituem estas coleções. São compostas, também, por exemplares muito pequenos, o que dificulta o manuseamento, como é o exemplo da coleção de microlepidópteros de Cândido Mendes de Azevedo S.J..

Para além disso, uma vez que existem insetos de São Fiel espalhados por toda a coleção, seria importante reunir os exemplares segundo a sua proveniência. Para isso, será necessário percorrer toda a coleção entomológica para agrupar o maior número de exemplares possível. Será também importante realizar a observação das etiquetas, que geralmente estão identificadas com o local de coleta. Existem localidades que não apresentam muitas dúvidas como «S. Fiel» ou «Matta do Fundão».

Reunida a coleção, ou durante o processo de recolha, é importante inventariar, catalogar e disponibilizar *online* os espécimes. Esta tarefa é também muito demorada, principalmente com a falta de pessoal que se dedique inteiramente à inventariação de insetos, que constitui

cerca de 60% da coleção Zoológica, estimada em meio milhão de exemplares<sup>267</sup>, o que corresponde a 300 000 exemplares entomológicos nas coleções do Museu da Ciência.

A disponibilização de coleções em *online* das coleções de História Natural tem sido o projeto de grande parte dos museus deste tipo. Como vimos, o Herbário tem disponível um número considerável de exemplares de São Fiel. Não basta, porém, disponibilizar a informação escrita, mas é necessário a digitalização (i.e., o processo de converter informação física num registo digital<sup>268</sup>) dos exemplares, isto é, fazer-se acompanhar de um registo fotográfico. O registo deve ser feito com equipamentos especializados, com uma câmara fotográfica que capte o mais fielmente o exemplar, fazendo-se acompanhar sempre que tenha da legendagem. Esta disponibilidade de exemplares à escala global permite que os exemplares históricos ganhem uma vez mais um papel relevante para a atividade científica e que ajudem a dar resposta aos grandes problemas do século XXI, associados às questões climáticas, à extinção de espécies ou a emergência de doenças tropicais noutros locais do globo<sup>269</sup>, uma vez que estas coleções constituem um verdadeiro repositório do mundo natural.

O projeto de digitalização está, à escala mundial, longe de estar completo. Para além do tempo associado à digitalização dos exemplares como a extração da informação nas etiquetas, é também um processo bastante caro, tanto a nível dos equipamentos como de recursos humanos especializados. Um estudo de 2012 apontava para os seguintes números:

«The cost of traditional imaging and databasing of every natural history object in all European museums was recently estimated as €73.44 per object (...). Thus, the complete digitalization of all natural history collections may cost as much as €150,000 million, and take as long as 1,5000 years»<sup>270</sup>

---

<sup>267</sup> Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, «Coleções – Descrição». Disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=collections&action=description> [consultado a 30 de agosto de 2019].

<sup>268</sup> Jennifer P. «Day in the life of a digitiser |Digital Collections Programme», *Natural History Museum. Blogs from the natural history museum*. 29 de agosto de 2019. Disponível em: <https://naturalhistorymuseum.blog/2019/08/29/day-in-the-life-of-a-digitiser-digital-collections-programme/> [consultado a 30 de agosto de 2019].

<sup>269</sup> Ben Price, Steen Dupont, Elizabeth Louise Allan, et. al., «ALICE – Angled Label Image Capture and Extraction for high throughput insect specimen digitisation», Preprint from the ALICE project. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328747526> [consultado a 30 de agosto de 2019].

<sup>270</sup> Vladimir Blagoderov, Ian J. Kitching, Laurence Livermore, et.al., «No specimen left behind: industrial scale digitization of natural history collections» *ZooKeys*, 209, 2012, pág. 134. Disponível em: <https://zookeys.pensoft.net/article/2916/> [consultado a: 30 de agosto de 2019].

E ainda:

«Approximately 90% of the time required for digitation is spent on capturing metadata and labelling specimens. While the latter involves physical handling of the specimens and must be performed by experienced staff, selection of specimens in the drawer images and annotation thereof can be undertaken in a virtual environment. In many cases, the basic informations to be collected can be seen in the drawer image»<sup>271</sup>.

Devido a estas dificuldades, os museus têm tentado contornar estas adversidades ao seleccionar exemplares que consideram mais relevantes nas suas coleções. O Natural History Museum, de Londres, atualmente possuiu quase 4,5 milhões de exemplares disponíveis online, onde cerca de 1,5 milhões são exemplares entomológicos (1 milhão digitalizados), 750 mil de botânica (250 mil digitalizados) e 1,4 milhões zoológicos (800 mil digitalizados). Apesar dos números elevados, principalmente depois de apresentarmos os números da coleção do Museu da Ciência, isto representa apenas uma pequena parte das suas coleções, pois é estimado que, no total, possuam cerca de 80 milhões de espécimes paleontológicos, mineralógicos, botânicos e entomológicos<sup>272</sup>. Segundo um estudo de 2018, levaria mais de 700 anos-pessoa, para se digitalizar toda a coleção de insetos, que se estima em 25 milhões de exemplares só dos insetos fixados por alfinetes (toda a coleção entomológica é estimada em 34 milhões de exemplares<sup>273</sup>). Devido a isto, o museu londrino procura de soluções para acelerar este processo, através da aquisição de novos equipamentos<sup>274</sup>.

A realidade financeira dos museus portugueses de carácter público não permite um investimento como o do *Natural History Museum*, mas num futuro (de preferência próximo) seria importante dar às coleções históricas, nomeadamente à coleção de São Fiel, a oportunidade de, tal como no passado, contribuírem, uma vez mais, para a ciência.

---

<sup>271</sup> Idem, *ibidem*, pág. 142.

<sup>272</sup> Natural History Museum, «Data Portal», <https://data.nhm.ac.uk> [consultado a: 30 de agosto de 2019].

<sup>273</sup> Natural History Museum, «Entomology Collections» <https://www.nhm.ac.uk/our-science/collections/entomology-collections.html> [consultado a: 30 de agosto de 2019].

<sup>274</sup> Ben Price, Steen Dupont, Elizabeth Louise Allan, et. al., *op. cit.*, pp. 1-14.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleção do Colégio de São Fiel é uma coleção riquíssima, fruto da aposta no ensino prático das ciências, por parte da Companhia de Jesus, bem como pela atividade científica dos seus sacerdotes e com o contacto que mantinham com os seus colegas missionários. Esta, encontra-se, atualmente, em dois locais: na Escola Secundária Nuno Álvares, em Castelo Branco, e na Universidade de Coimbra.

Se para a escola secundária, antigo Liceu de Castelo Branco, foram enviadas, principalmente, as coleções de carácter pedagógico, na Universidade de Coimbra foram, de maneira geral, depositadas as importantes coleções privadas dos jesuítas portugueses, constituídas principalmente por espécimes de botânica e zoologia. Foram localizados, recentemente, exemplares de geologia de São Fiel, sobre os quais não havia qualquer referência nas fontes utilizadas, ao contrário da coleção de física, mencionada em documentação, mas não localizada, até ao momento, no museu.

Estando presente há mais de cem anos na Universidade de Coimbra, esta coleção ainda não foi objeto de estudo. Dar a conhecer este acervo, desde a sua criação, à incorporação na Universidade e às coleções que se encontram, atualmente, no Museu da Ciência, foi o objetivo desta dissertação. A abordagem foi, principalmente, historicista, mas tratando-se de um trabalho na área de museologia algumas temáticas não foram propositadamente aprofundadas, servindo antes de auxiliar para a compreensão desta coleção e do período em que foi constituída – o século XIX e inícios do século XX.

O passado da Companhia de Jesus e da sua ação educativa é determinante para entendermos a aposta no ensino prático das ciências e, nomeadamente, na formação de coleções científicas com objetos e espécimes de grande qualidade, preparados e conservados, muitos deles, pelos próprios jesuítas. Assim, no Capítulo II, iniciámos a nossa exposição com a história da Companhia de Jesus desde a sua fundação, marcada deste sempre por polémicas, mas também apoios, nomeadamente da família real portuguesa. O século XVIII é marcado pela ação propagandística e pelo fim da proteção da monarquia aos inicianos, com o Marquês de Pombal a acusar a Companhia como sendo a responsável no atraso científico em Portugal. Estas acusações tiveram repercussões por toda a Europa católica e culminaram na sua supressão, por ordem Papal, no mesmo século. Porém, no início do século XIX esta foi restituída e um dos seus principais objetivos foi contrariar as acusações, que persistiam, de serem os causadores do

atraso do país. Vimos, portanto, que os jesuítas criaram novos colégios. Uns tinham como objetivo a formação de sacerdotes, de maneira a que a Companhia de Jesus voltasse a crescer, em número, em Portugal, e outros a formação de estudantes leigos, principalmente das famílias mais ricas e influentes, ganhando assim, uma vez mais, a notoriedade que caracterizava o seu ensino, em séculos anteriores. Inserido neste último, está o Colégio de São Fiel.

Assim, o Capítulo III é dedicado em exclusivo ao colégio localizado na Beira Baixa, onde identificámos os principais protagonistas tanto a nível da prática científica como do aumento das coleções. Destacam-se, assim, os fundadores da revista *Brotéria* e a rede de contactos que estes detinham tanto com naturalistas membros da Companhia de Jesus ou leigos. A Implantação da República e o exílio dos jesuítas para países estrangeiros é o acontecimento que leva à incorporação das coleções de São Fiel nos museus da Universidade, não sem antes os jesuítas tentarem que estas lhes fossem restituídas, existindo casos, dentro da Companhia, que foram bem-sucedidos.

O último capítulo foi dedicado ao Museu da Ciência e ao estudo da coleção com base na observação dos exemplares. Como vimos neste capítulo existe ainda um longo trabalho a ser realizado, pois falta identificar bastantes exemplares, principalmente da coleção entomológica, colocar *online* os exemplares que já se encontram identificados nos livros de inventário e ainda atualizar taxonomicamente os exemplares. Se alguns exemplares podem ser identificados sem conhecimentos nas áreas das ciências biológicas, com base nas etiquetas, outros, cuja informação escrita se perdeu, terão de ser observadas por um profissional da área que, com auxílio dos estudos publicados na *Brotéria*, poderão identificar mais espécimes. Terminámos o presente capítulo com algumas considerações do que poderá ser feito e praticado no museu, a curto e longo prazo, tendo presente que a inventariação e um estudo total desta coleção, com os recursos humanos atuais, levará anos até estar concluída.

## BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

### A. FONTES

#### A.1. MANUSCRITAS

- **BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL (BNP)**

**AZEVEDO, Luiz Gonzaga de, S.J.**, *Proscritos*. Primeira parte, Valladolid, Florencio de Lara, Editor, 1911. Disponível em: <http://purl.pt/12893>. [Consultado a: 27 de novembro de 2018].

**IDEM**, *Proscritos*, Segunda Parte, Bruxelas, E. DAEM, 1914. Disponível em: <http://purl.pt/12893>. [Consultado a: 27 de novembro de 2018].

- **ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (AUC)**

«Congregação de 20 de abril de 1912». *Actas da Faculdade de Ciências (1911-1927)*, I, fl. 8-8v.

- **BIBLIOTECA DIGITAL DE BOTÂNICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**MENDES, Cândido Mendes de Azevedo**, [Carta], 1912 jan. 26, Salamanca, [a] Dr. Júlio A. Henriques, [Coimbra]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/10338/globalItems.html?ln=pt> [Consultado a: 8 de outubro de 2018].

#### A.2. IMPRESSAS

- **BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO**

«O Colegio de S. Fiel e a «caveira de burro», *Notícias da Beira. Semanario Republicano*, anno 8º, nº 375, Castelo Branco, 21 de janeiro de 1912, pp. 1-2.

«O material de ensino de S. Fiel». *Notícias da Beira. Semanario Republicano*, ano 8º, nº383, Castelo Branco, 17 de março de 1912.

- **DISPONÍVEIS ONLINE**

Decreto nº3410 de 28 de setembro de 1917, *Diário do Governo* nº168/1917, Série I, Ministério de Instrução Pública, pp. 944-945. Disponível em: <https://bit.ly/2IKWdv2> [consultado a: 5 de abril de 2019].

Decreto de 9 de abril de 1912, *Diário do Governo*, nº83/1912, Série I, Ministério da Justiça – Direcção Geral dos Negócios de Justiça, Comissão Jurisdicional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas, pp. 1290-1291. Disponível em: <https://bit.ly/2kcLhG5> [consultado a: 5 de abril de 2019].

«Nomes e direcção dos naturalistas portugueses», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. 192-195. Disponível em: <http://shorturl.at/ctvE5> [Consultado a: 2 de fevereiro de 2019]

«Duas palavras de introdução», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 1º, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. V-VII. Disponível em: <http://shorturl.at/eqF45> [Consultado a. 2 de fevereiro de 2019].

«Instalações da Brotéria», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série de Vulgarização Científica, Volume VI, S. Fiel, 1907, pág. 11. Disponível em: <http://shorturl.at/cGMR5> [Consultado a: 4 de fevereiro de 2019].

«Vertebrados enviados da Zambézia (Africa Oriental) pelo missionario Rev. Luiz Lopes. Mammiferos classificados por A. F. de Seabra, Naturalista do Museu de Lisboa», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Zoológica, Volume VIII, S. Fiel, 1909. pp. 91-101. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177265#page/9/mode/1up> [consultado a: 15 de julho de 2019].

**AZEVEDO, Cândido Mendes de, S.J.**, «Lepidopteros de Portugal I. Lepidopteros da região de S. Fiel (Beira Baixa)», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. 155-171. Disponível em: <http://shorturl.at/pCDFY> [consultado a: 2 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Maneira practica de caçar, preparar e conservar as borboletas», *Brotéria. Revista de Ciências Naturaes do Collégio de S. Fiel*, Vol. 2º, Lisboa, La Bécarre, 1903, pp. I-VIII. Disponível em: <http://shorturl.at/fmzFQ> [consultado a: 3 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Lepidópteros de Portugal. I – Lepidópteros dos arredores de Torres Vedras». *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Zoológica, Volume IX, fasc. II, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1910, pp. 110-129. Disponível em: <https://bit.ly/2ZiVV1r> [consultado a: 4 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Lepidópteros de S. Fiel (Beira Baixa – Portugal), *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Vol. X, Braga, Typ. A Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1912, 161-182. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177278> [consultado a: 19 de junho de 2019].

**IDEM**, «Lepidoptera Africana. I – Ex Zambezia Lusitana», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Vol. X, Braga, Typ. A Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1912, 183-191. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177278> [consultado a: 15 de julho de 2019].

**IDEM**, «Olhar retrospectivo sobre a fauna lepidopterica da região de S. Fiel em relação com a sua flora e natureza geológica», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, volume XI, Braga, Typ. A Vapor de Augusto de Augusto Costa & Matos, 1913, pp. 32-44. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177261> [Consultado a. 15 de julho de 2019].

**IDEM**, «Contribuição para a fauna lepidopterica da Galliza e Minho. Lepidopteros de La Guardia», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume XII, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos 1914, pp. 61-75. Disponível em: <http://shorturl.at/beH46> [consultado a 7 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Lepidopteros de Salamanca», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume XIII, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos, 1915, pp. 55-61. Disponível em: <http://shorturl.at/stzE2> [consultado a 7 de fevereiro de 2019].

**COCKERELL, T.D.A.**, «The Exiled Naturalists of Portugal», *Science*, vol. XXXIV, no. 882, november 1911, pp. 714-715. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/34/882/714> [consultado a: 8 de abril de 2019].

**GRAINHA, Manuel Borges**, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus. Escrita em latim pelos padres do mesmo colégio onde foi encontrado o manuscrito*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1913. Disponível em: <https://archive.org/details/histriadecol00borg>. [consultado a: 1 de outubro de 2019].

**HENRIQUES, Júlio A.**, «As colecções botânicas do Colégio de S. Fiel», *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. 1, fasc. 1º, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, abril de 1922, pág. 137. Disponível em: <https://bit.ly/2IMc1xL> [consultado a: 23 de junho de 2019]

**LAGES, António Mendes**, *O Sr. Marianno de Carvalho e o Collegio de S. Fiel. Collecção de artigos publicados nos n.ºs 144, 145 e 146 da Cruz do Operario*, Lisboa, Typographia da Cruz do Operario, 1883. Disponível em: [https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~fmromeiras/Broteria/Downloads\\_files/Marianno%20Carvalho\\_Sa%CC%83o%20Fiel.pdf](https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~fmromeiras/Broteria/Downloads_files/Marianno%20Carvalho_Sa%CC%83o%20Fiel.pdf) [consultado a: 4 de dezembro de 2018].

**NAVÁS FERRER, Longinos, S.J.**, «Neurópteros do Zumbo (Africa Oriental Mozambique). Colecionados por el P. Lopes», *Broteria. Revista de Ciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Zoológica, volume VII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1908, pág. 106. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/32834> [consultado a 15 de julho de 2019].

**REFOIOS, Joaquim Augusto de Sousa**, *O Collegio de S. Fiel no Lourical do Campo e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã. Apontamentos sobre o Jesuitismo no Districto de Castello-Branco*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1883. Disponível em: [https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~fmromeiras/Broteria/Downloads\\_files/Refoios\\_S.Fiel%20e%20Covilha%CC%83\\_parte1.pdf](https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~fmromeiras/Broteria/Downloads_files/Refoios_S.Fiel%20e%20Covilha%CC%83_parte1.pdf) [consultado a: 4 de dezembro de 2018].

**SILVA, Ferreira da**, «Director e redactores da *Brotéria*. Um apelo aos homens de boa vontade», *Revista de Chimica Pura e Applicada*, série I, VI anno, nº11, 1910, pp. 362-363. Disponível em: <https://www.spq.pt/magazines/RCPApplicada/395> [consultado a 5 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Os redactores da *Brotéria* exilados: as suas collecoes scientificas confiscadas e perdidas», *Revista de Chimica Pura e Applicada*, Série I, anno 7, nº8, pp. 229-231. Disponível em: <https://www.spq.pt/magazines/RCPApplicada/404> [consultado a 5 de fevereiro de 2019].

**TAVARES, Joaquim da Silva, S.J.**, «Revista Annual de Cecidologia», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 2º, Lisboa, La Bécarre, 1903, pp. 81-86. Disponível em: <https://bit.ly/30HAIvK>. [Consultado a 2 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Contributio prima ad cognitionem cecidologiae Regionis Zambezie», *Broteria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Zoológica, volume VII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1908, pp. 133-171. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/32834> [consultado a 15 de julho de 2019].

**IDEM**, «As Cecidias do Gerez», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel – Serie Zoologica*, Volume VIII, S. Fiel 1909, S. Fiel, pág. 107-120. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177265> [consultado a 15 de julho de 2019].

**IDEM**, «Dernières nouveautés cécidologiques du Portugal», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, volume XI, Braga, Typ. A Vapor de Augusto de Augusto Costa & Matos, 1913, pp. 199-215. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177261> [Consultado a. 15 de julho de 2019].

**IDEM**, «Espécies novas de Cynípedes cecidomyas da Península Ibérica e descrição de algumas já conhecidas», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, Volume XVI, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos, 1918, pp. 130-141. Disponível em: <http://shorturl.at/ftD35> [consultado a 17 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Cecidologia Brazileira. Cecídias que se criam em plantas das famílias das Leguminosae, Sapotaceae, Lauraceae, Myrtaceae, Punicaceae, Aurantiaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae, Umbellifereae, Loranthaceae, Apocynaceae, Urticaceae, Salicaceae e Gramineae», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Zoológica, volume XVIII, Braga, Typ. a Electricidade de Augusto Costa & Mattos, 1920, pp. 82-125. Disponível em: <http://shorturl.at/jkmtY> [consultado a 17 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «O Herbário do Collégio de São Fiel», *Brotéria. Revista Luso-Brazileira*, Série Botânica, Volume XXI, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1924, pp. 83-87. Disponível em: <https://bit.ly/30FSL4x> [consultado a 18 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Os Cynípedes da Península Ibérica», *Brotéria*, Série Zoológica. Volume XXIII, Vila Nova de Famalicão, Tipografia «Minerva», 1926, pp. 16-20. Disponível em: <http://shorturl.at/FJP57> [consultado a: 10 de março de 2019].

**TORREND, Camilo, S.J.**, «Primeira Contribuição para o estudo da Flora Mycologica da Provincia de Moçambique», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 4º, Lisboa, La Bécarre, 1905, pp. 212-214. Disponível em: <http://shorturl.at/tDO58> [Consultado a 12 de março de 2019].

**ZIMMERMANN, Carlos, S. J.**, «Microscopia Vegetal», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. 49-75. Disponível em: <http://shorturl.at/pCDFY> [consultado a: 2 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Observatorio meteorologico do Collegio de S. Fiel», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Volume 1, Lisboa, La Bécarre, 1902, pp. 185-188. Disponível em: <http://shorturl.at/pCDFY> [consultado a: 2 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Catalogo das Diatomaceas portuguesas», *Brotéria. Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel*, Série Botânica, Volume VIII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1909, pp. 89-102. Disponível em: <https://bit.ly/2ZlOpmj> [consultado a 3 de fevereiro de 2019].

**IDEM**, «Catalogo das Diatomaceas portuguesas», *Broteria. Revista Luso-Brazileira*, Série Botânica, Volume XII, Braga, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, 1914, pp. 115-124. Disponível em: <http://shorturl.at/jo023> [consultado a: 17 de fevereiro de 2019].

## B. BIBLIOGRAFIA

**ARAÚJO, Ana Cristina**, «O Governo da Natureza no Pensamento da Geração Universitária dos Finais do Século XVIII: os estatutos literários e económicos da Sociedade deos Mancebos Patriotas de Coimbra», *A Universidade Pombalina. Ciência, Território e Coleções Científicas*, Coord. Ana Cristina Araújo e Fernando Taveira da Fonseca, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pp. 87-138. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6> [Consultado a 30 de maio de 2019].

**BARBOSA, David Sampaio Dias Barbosa**, «Concílhos Ecuménicos», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direção de Carlos Moreira Azevedo, A-C, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 405-413.

**BENNETT, Jim**, «Museums and the History of Science. Practitioner's Proscript», *Focus – Isis*, vol. 96, nº4, december, 2005, pp. 602-608. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/498596> [Consultado a 27 de julho de 2019]

**BLAGODEROV, Vladimir; KITCHING, Ian J.; LIVERMORE, Laurene; et. al.**, «No specimen left behind: industrial scale digitization of natural history collections» *ZooKeys*, 209, 2012, pp. 133-146. Disponível em: <https://zookeys.pensoft.net/article/2916/> [consultado a 30 de agosto de 2019].

**CABRAL, João Paulo**. «La Revista *Brotéria*, los jesuítas naturalistas y Gonçalo Sampaio. Intercambio de plantas e ideas y el desarrollo de la botánica en Portugal», *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, vol. LXII, nº1, 2010, pp. 61-92.

**IDEM**, «A fundação da Botânica moderna em Portugal – Júlio Henriques, A. X. Pereira Coutinho e Gonçalo Sampaio, *Memórias da Sociedade Broteriana*, Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra, vol. XXXIII, Maia, SerSilio, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/25322620>. [Consultado a: 15 de agosto de 2019].

**CAMARÃO, Lígia Andreia Rocha**, *Os confessores de D. Pedro II (1668-1706): os directores de consciência régia*. Dissertação de mestrado em História (especialidade em História Moderna), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/28736>. [Consultado a: 20 de agosto de 2019].

**CERÍACO, Luís Miguel Pires**, *A Evolução da Zoologia e dos Museus de História Natural em Portugal*, Tese de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência (especialização em Museologia), apresentada à Universidade de Évora, Évora, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/20827>. [Consultado a 25 de março de 2019].

**CORLEY, Martin F.V.**, «The Lepidoptera collections of deceased Portuguese entomologists», *Entomologist's Gazzete*, volume 59, 2008, pp. 145-171.

**IDEM**, «The Lepidoptera collections of deceased Portuguese entomologists. II», *Entomologist's Gazette*, volume 66, 2015, pp. 25-49.

**CORREIA, Luís Grosso**, «Problemáticas do Ensino Liceal Oficial nos Alvores do Liberalismo», *Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães. Do Absolutismo ao Liberalismo*, 26 a 28 de outubro de 2006, 6ª secção Instrução, Direito, Assistência, Braga, 2009, pp. 29-55. Disponível em: <https://ch.guimaraes.pt/uploads/actas/4CH/6sec/4ch-6sec-002.pdf> [consultado a 29 de março de 2019].

**COSTA, A. M. da**, «As ciências naturais na Reforma Pombalina da Universidade ‘Estudo de Rapazes, não ostentação de príncipe’». *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coord., Ana Cristina Araújo, 2ª edição, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 179-208. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0753-5\\_6](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0753-5_6) [consultado a: 8 de fevereiro de 2019].

**COSTA, Luís R. Dias da**, «O Colégio de S. Fiel (1863-1910). Contexto social e político». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Associação Hisculteduca (org.), Castelo Branco, RVJ – Editores, 2016, pp. 113-266.

**DELICADO, ANA**, «For scientists, for students or for the public?». *Journal of History of Science and Technology*, Vol. 4, Outono 2010, pp. 9-34. Disponível em: [http://johost.eu/vol4\\_fall\\_2010/1\\_Vol\\_4.pdf](http://johost.eu/vol4_fall_2010/1_Vol_4.pdf) [Consultado a: 29 de março de 2019].

**DUARTE, Adelaide Manuela da Costa**, *O Museu Nacional de Ciência e Técnica (1971-1976)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0375-9> [consultado a 6 de março de 2019].

**FERNANDES, Maria de Lurdes Correia**, «Da Reforma da Igreja à Reforma dos Cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade», *História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Azevedo, Coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Volume 2, Humanismos e Reformas, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 15-47.

**FIGUEIREDO, Fernando B.; LEAL-DUARTE, António**, «A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra e a institucionalização das ciências matemáticas e astronómicas em Portugal», *A Universidade Pombalina. Ciência, Território e Coleções Científicas*, Coord. Ana Cristina Araújo e Fernando Taveira da Fonseca, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pp. 191-244. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6\\_6](https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6_6) [Consultado a: 3 de junho de 2019].

**FIOLHAIS, Carlos**, «História da Ciência em Portugal», Lisboa, Arranha-céus, Âmbito Cultural do El Corte Inglés, 2013.

**GIL, Fernando Bragança**, «2 – Museus Universitários: suas especificidades no âmbito da museologia», *Coleções de Ciências Físicas e Tecnológicas em Museus Universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil*, Coord. Alice Semedo e Armando Coelho Ferreira da Silva, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 33-51. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/21193> [Consultado a 9 de junho de 2019].

**GOMES, Inês**, «Os gabinetes de história natural dos antigos liceus – um estudo exploratório a partir dos textos legislativos», *Actas do Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 2011, pp. 1185-1202. Disponível em: [https://www.uc.pt/congressos/clbhc/livro\\_de\\_actas/](https://www.uc.pt/congressos/clbhc/livro_de_actas/)

**GOMES, Inês Duarte Aleixo Lourenço de Oliveira**. *Os Museus Escolares de História Natural – Análise histórica e perspectivas de futuro (1836-1975)*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia das Ciências, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/18222> [consultado a 29 de março de 2019].

**GOMES, J. Pinharanda**, «Nas Origens da revista *Brotéria* (Louriçal do Campo, 1902-1910)», *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*, Coord. Hermínio Rico S.J., José Eduardo Franco, Lisboa, Gradiva, 2003, pp. 193-210.

**IDEM**, «Escolástica», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia, et. al., C-I. Rio de Mouro, Círculo de Leitores. 2000, pp. 158-160.

**IDEM**, «Conimbricenses», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia, et. al., C-I. Rio de Mouro, Círculo de Leitores. 2000, pp. 5-6.

**GONÇALVES, Nuno da Silva**, «Jesuítas (Companhia de Jesus)», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia et. al., Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2001, pp. 21-31.

**LADO, Carlos; PANDO, Francisco**, «La Colección de myxomycetes preparada por C. Torrend para el Colegio de San Fiel (Portugal)», *Anales Jardín Botánico de Madrid*, 44 (1), 1989, pp. 173-180.

**LEITÃO, Henrique**, *A Ciência na «Aula da Esfera» no Colégio de Santo Antão (1590-1759)*, Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de São Francisco Xavier, Lisboa, 2007.

**IDEM**, «Azulejos que testemunham uma tradição de ensino científico», *Azulejos que ensinam*, [s.l.], Europam, 2007, pp. 16-33. Disponível em:

[http://www.museumachadocastro.gov.pt/Data/Documents/cat%C3%A1logo\\_azulejos.pdf](http://www.museumachadocastro.gov.pt/Data/Documents/cat%C3%A1logo_azulejos.pdf)

[consultado a 8 de abril de 2019].

**LEITÃO, Henrique; ROMEIRAS, Francisco Malta**, «Jesuítas e Ciência em Portugal. II – Carlos Zimmemann S. J. e o ensino da Microscopia Vegetal», *Brotéria. Cristianismo e Cultura*, 174, 2, 2012, pp. 113-125.

**IDEM**, «Jesuítas e Ciência em Portugal. III – As expedições científicas e a observação dos eclipses solares de 1900-1905», *Brotéria. Cristianismo e Cultura*, 174, 3, 2012, pp. 213-227.

**IDEM**, «The Role of Science in the History of Portuguese Anti-Jesuitism». *Journal of Jesuit Studies*, 2, 2015, pp. 77-99. Disponível em: <https://www.academia.edu/11083236> [consultado a: 19 de novembro de 2018].

**LOPES, José Manuel Martins, S. J.**, «*Ratio Studiorum*. Um modelo pedagógico». *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]. Regime Escolar e Curriculum de Estudos*. Lisboa, Esfera do Caos, 2009 pp. 37-51.

**IDEM**, «*O Modus Parisiensis*: uma fonte incontornável na educação da Companhia de Jesus». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Associação Hisculteduca (org.), RVJ – Editores, Castelo Branco, 2016, pp. 17-40.

**MAGALHÃES, Raquel Maria Guilherme Guedes Pinheiro de**, *A Reforma de Jaime Moniz (1894/95). Notas Dissonantes. Um Estudo à Luz do Jornal Educação Nacional*. Dissertação de Mestrado em História da Educação, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/57068> [consultado a 27 de março de 2019].

**MARTINS, Ernesto Candeias**, «Do Colégio de S. Fiel a Reformatório (séculos XIX-XX). Contributos à Re(educação) em Portugal». *Anais do VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*, 2006, pp. 826-851.

**MATOS, Alexandre**, «Primeiro passo: documentar as coleções», *Atas do Seminário Internacional «O futuro dos museus universitários em perspetiva»*, Coord. Alice Semedo, Elisa Noronha Nascimento e Rui Centeno, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014, pp. 27-35.

**MIRANDA, Margarida**, «Humanismo jesuítico e identidade da Europa. Uma «comunidade pedagógica europeia»». *HVMANITAS*, vol. LIII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2001, pp. 83-109.

**IDEM**, «*Sequendus Aristoteles*. Da Ciência e da Natureza na *Ratio Studiorum* (1599)», *HVMANITAS*, vol. LXI, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 179-190. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_61\\_10](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_61_10) [consultado a 17 de junho de 2019].

**MONTEIRO, Miguel Corrêa**, *Os Jesuítas e o Ensino Médio*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2011.

**NETO, Vítor**, «Igreja Católica e anticlericalismo, 1858-1910», *Progresso e religião. A República no Brasil e em Portugal (1889-1910)*, Coord. Amadeu Carvalho Homem, Armando Malheira da Silva, Artur César Isaía, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 165-191. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38992> [consultado a 2 de julho de 2019].

**Ó, Jorge Ramos do**, *O Ensino Liceal (1836-1975)*, [s.l.], Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/6296> [consultado a 25 de março de 2019].

**PAIVA, José Pedro**, «A Igreja e o Poder», *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Volume 2, Humanismos e Reformas, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 135-185.

**PATACA, Ermelinda Moutinho**, «Coletar, preparar, remeter, transportar – práticas de História Natural nas Viagens Filosóficas portuguesas (1777-1808)», *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, vol. 4, nº2, dezembro, 2011, pp. 125-138. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327546566> [consultado a: 29 de maio de 2019]

**PIRES, Catarina Pereira; PEREIRA, Gilberto Gonçalves**, «Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: valorização de um patrimônio científico secular», *Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto*, org. Marcus Granato e Marta C. Lourenço, Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, 2010, pp. 185-210. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/296849600> [Consultado a: 5 de junho de 2019].

**PRICE, Bem; DUPONT, Steen, ALLAN, Elizabeth Louise; et. al.**, «ALICE – Angled Label Image Capture and Extraction for high throughput insect specimen digitisation»,

*Preprint from the ALICE project*, pp.1-14. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328747526> [consultado a 30 de agosto de 2019].

**ROMEIRAS, Francisco Malta**, «A Ciência da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal». *Brotéria*, 179, 2014, pp. 429-454.

**IDEM**, *Das ciências naturais à genética: a divulgação científica na revista Brotéria (1902-2002) e o ensino científico da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal*. Tese de doutoramento em História e Filosofia das Ciências, apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/10954> [consultado a 1 de outubro de 2018].

**IDEM**, *Ciência, prestígio e devoção. Os Jesuítas e a ciência em Portugal (Séculos XIX e XX)*, 1ª edição, Cascais, Lucerna, 2015.

**IDEM**, «Constituição e percurso das coleções científicas dos jesuítas exilados pela 1ª República: o caso de Carlos Zimmermann SJ (1871-1950)», *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXXXVI (168), 2015, pp. 287-327.

**ROSA, Teresa da Fonseca** «O Ensino Religioso em Portugal e a Companhia de Jesus». *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Associação Hisculdeduca (org.), Castelo Branco, RVJ – Editores, 2016, pp. 41-67.

**SALVADO, Maria Adelaide Neto**, «O Colégio de S. Fiel: centro difusor da Ciência no interior da Beira», *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*, Coord. Hermínio Rico S. J., José Eduardo Franco, Lisboa, Gradiva, 2003, pp. 211-231.

**SANTOS, Eugénio Francisco**, «Oratorianos», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira Azevedo, Coord. Ana Maria Jorge, Ana Maria Rodrigues, António Camões Gouveia, et. al., J-P. Rio de Mouro, Círculo de Leitores. 2001, pp. 328-334.

**SIMÕES, Carlota; CASALEIRO, Pedro**, «Coleções Científicas do Iluminismo na Universidade de Coimbra», *A Universidade Pombalina. Ciência, Território e Coleções Científicas*, Coord. Ana Cristina Araújo e Fernando Taveira da Fonseca, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pp. 313-334. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6\\_8](https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6_8) [Consultado a: 5 de junho de 2019].

**TORGAL, Luís Reis; VARGUES, Isabel Nobre**, «O liberalismo e a instrução pública em Portugal», *Encontros Ibéricos de História da Educação*, vol. 2, [s.l], [s.n.], 1995, pp. 69-

98. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15150.pdf> [consultado a: 24 de março de 2019].

**UDÍAS VALLINA, Agustín**, «Las universidades jesuítas y la ciencia despues de la restauración de la Compañia de Jesús (1814-2014), *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, vol. 192 (782), noviembre-diciembre 2016, a361, pp. 1-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2016.782n6006> [Consultado a 02 de abril de 2019].

### C. WEBSITES

**ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO**, «Arquivo das Congregações», 13 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1217649> [consultado a 8 de abril de 2019].

**FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES**, «Cronologia. É inaugurado o Museu da Revolução», Disponível em: <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=00772> [consultado a 8 de abril de 2019].

**MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**, «Coleções – Descrição». Disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=collections&action=description> [consultado a 30 de agosto de 2019]

**MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA**, «História e Património». Disponível em: <https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/historia-e-patrimonio> [consultado a 25 de julho de 2019].

**NATIONAL HISTORY MUSEUM**, «Data Portal», <https://data.nhm.ac.uk> [consultado a: 30 de agosto de 2019].

**IDEM**, «Entomology Collections» <https://www.nhm.ac.uk/our-science/collections/entomology-collections.html> [consultado a: 30 de agosto de 2019].

**P., JENNIFER**, «Day in the life of a digitiser |Digital Collections Programme», *Natural History Museum. Blogs from the natural history museum*. 29 de agosto de 2019. Disponível em: <https://naturalhistorymuseum.blog/2019/08/29/day-in-the-life-of-a-digitiser-digital-collections-programme> [consultado a 30 de agosto de 2019].

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**, «OLIVEIRA, Manuel Paulino de (1837-?)». Disponível em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/autores/OLIVEIRA\\_manuelpaulinode](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/OLIVEIRA_manuelpaulinode) [consultado a: 15 de julho de 2019].

# ANEXOS

## A - Documentais

### **Anexo A1 – Responsabilidades da direcção do colégio de São Fiel para com as famílias de seus alunos**

Exmo. Sr.

E bem conhecido de V. Exa. o decreto do governo provisório, publicado a 10 correndo, que arbitrariamente poz fim a todos os collegios das congregações religiosas, confiscando-lhes os bens e expulsando de Portugal os membros da Associação Fé e Pátria, que dirigiam o Collegio de S. Fiel. Em consequencia deste violento atentado, feito á liberdade individual e á propriedade particular, por mero capricho, sem prova alguma de crimes, viram-se os professores do Collegio forçados a expatriar-se, sem ao menos levarem muitos d'elles o indispensavel de roupa e o fructo mais estimado dos seus estudos particulares, os manuscriptos, para não se exporem a prisões vexatórias, como succedeu a uitos dos seus collegas d'outros collegios.

Mas para salvaguardar os interesses dos alumnos que lhes estavam confiados, ficou uma comissão de tres padres e alguns auxiliares trabalhado continuamente na separação e expedição dos objectos dos alumnos, e resolvidos a não abandonar o Collegio senão violentados pelas auctoridades. E assim foi que os tres padres só se deixaram d'esse trabalho no dia 12, em que prenderam nos seus quartos com sentineilas á vista, e só saíram do Collegio no dia 13, quando a autoridade os levou debaixo de prisão para a Esquadra de Castello Branco, e de lá os poz na fronteira. Só então, ao saírem do Collegio á força armada, declinaram perante o representante da autoridade toda a responsabilidade que lhes podia caber na guarda da propriedade alheia, que lhes estava confiada.

As famílias que não receberam os enxovais de seus filhos, só ao Governador Civil de Castello Branco os podem e devem agora reclamar. Lá os deixámos no Collégio, devidamente numerados e promptos para a expedição. Consta-nos porem que nos poucos dias, que mediaram entre a nossa saída e a aposição dos sellos, houve vários desvios, mesmo nos objectos dos alumnos, feitos por pessoas extranhas ao Collegio: mas d'isso já nos não cabe a responsabilidade.

Talvez alguém tenha extranhado a falta de resposta ás suas cartas. Cumpre-nos por isso declarar, que desde o dia 12 até esta data, não nos foi entregue correspondencia alguma dirigida para S. Fiel, apesar das nossas reclamações; nos últimos quatro dias em que se recebeu a correspondência, foi ella tanta e tantas as occupações dos tres padres, que só puderam responder aos telegramas.

Por fim a direcção despedindo-se de V. Exa., agradece a confiança que nella depositou confiando-lhe a educação de seu filho, e pede desculpa se em alguma coisa lhe não correspondeu.

Escrevemos esta de passagem em Salamanca, para onde se póde dirigir toda a correspondencia ao Sr. Padre Felipe Echeverria, Calle Melendez, o qual se encarregará de a remeter para onde estivermos.

27 de outubro de 1910

A DIRECÇÃO

Fonte: Luíz Gonzaga de Azevedo S.J., *Proscritos*, Segunda Parte, Bruxelas, E. DAEM, 1914, pp. 36-37.

## **Anexo A2 – Relatório da Comissão de inventariar os bens do Colégio de S. Fiel – 22 de fevereiro de 1911**

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Justiça*

LISBOA

A V. Ex.<sup>a</sup> vimos dar conta do desempenho da comissão com que nos honrou.

Ao material escolar existente no extinto colégio de S. Fiel, entendeu a comissão que deve dar uma aplicação imediata e por unanimidade acordou em que esse material escolar fosse distribuído pela seguinte fôrma:

1.º

Os gabinetes de física, geologia, zoologia e botânica e respectivas coleções serem enviados para o liceu de Castelo Branco, devendo continuar como guarda, conservador e preparador desses gabinetes Sebastião Antunes, de 32 anos, que pelos seus conhecimentos práticos e aptiões naturais póde prestar optimo serviço, mediante a remuneração de 800 réis por dia.

2.º

Os aparelhos de radiografia e outros que possam ser utilizados no tratamento de doentes pobres, devem ser entregues ao Hospital da Misericórdia de Castelo Branco.

3.º

Os aparelhos de observação meteorologica devem ser dados á Camara Municipal de Castélo Branco, para que na cidade – e no sitio do Castélo – monte um posto de observação, que será de grande vantagem para o distrito.

4.º

Os livros d'ensino devem ser transferidos para a biblioteca do liceu nacional de Castélo Branco, os livros de sciencia e literatura para a biblioteac municipal de Castélo Branco, os livros de sciencias teológicas para o Seminario de Sernache do Bomjardim.

5.º

O material da aula de desenho, depois de pelo professor desta cadeira no liceu de Castélo Branco ser escolhido o que lhe convier, deve ser dado todo á Escóla de Habilitação para o Magisterio Primario.

6.º

O restante material escolar, como mesas, cadeiras, carteiras, quadros pretos, mapas, etc., devem ser distribuído pelas escolas do concelho de Castélo Branco e d'outros e ainda para as escólas a criar, mediante a reclamação dos respectivos professores, vista e aprovada pelo sr. inspector do circulo e apresentada ao Governo e á comissão que de melhor grado se prestará a fazer essa distribuição, se o Governo a autorisar e quizer honrá-la com mais essa missão de confiança.

(...)

*Castélo Branco, 22 de fevereiro de 1911.*

*(a) José Ramos Preto.*

*Alfredo Alves da Mota.*

*Francisco Xavier Pereira.*

*Artur Marques de Carvalho*

Fonte: «O Colegio de S. Fiel e a 'caveira de burro'», *Noticias da Beira. Samanario Republicano*, Ano 8º, nº375, Castelo Branco, 21 de janeiro de 1912, pp. 1-2.

### **Anexo A3– Destino das coleções do Colégio de São Fiel – *A Capital*, 15 de janeiro de 1912**

Como medida conservatória e administrativa, a comissão jurisdicional dos bens das extinctas congregações religiosas deliberou promover o imediato encerramento d'algumas propriedades congreganistas, entre ellas os collegios de S. Fiel e de Jesus Maria José em Castello Branco, e confiar á guarda temporária da Universidade de Coimbra as colleções de historia natural e os aparelhos que lhes pertencem, que se acham archivados em S. Fiel e que carecem de tratamento e vigilancia especiaes. A mesma commissão tem já aprecido e julgado muitas das reclamações apresentadas nos termos do decreto de 31 de dezembro de 1910 e cujo praso expirou em 31 de dezembro findo.

Fonte: «Notas diversas», *A Capital. Diario Republicano da Noite*, 2º anno, Lisboa, 15 de janeiro de 1912, pág. 2.

#### **Anexo A4 – Descontentamento por parte da Comissão responsável por dar destino às Coleções de São Fiel**

Pêlo nosso amigo sr. dr. Ramos Preto foi enviado o seguinte officio, que dispensa outro comentário senão o elogio a que o ilustre advogado tem jus pêla sua nobre e patriótica attitude:

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente e mais dignos membros da comissão jurisdiccional administradora dos bens das extintas congregações religiosas:*

Tendo feito parte da comissão que por alvará de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Justiça, Dr. Afonso Augusto da Costa, foi encarregada de dar parecer sobre a applicação e destino do mobiliario escolar existente no extinto colégio de S. Fiel, tomo a liberdade de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> uma cópia do parecer dessa comissão.

No jornal *A Capital*, de ontem, vi que V. Ex.<sup>as</sup> haviam resolvido que á guarda temporária da Universidade de Coimbra fôsses confiadas as coleções de história natural e aparelhos que lhes pertencem, que se acham arquivados em S. Fiel, e que carecem de vigilancia e tratamento especiais.

Evidentemente que a superior competência de V. Ex.<sup>as</sup> melhor sabe providenciar sobre assuntos de tanta ponderação, mas, no entanto, permitam-me que a titulo de explicação lhes exponha o seguinte:

1.º - Que a tranferencia para a Universidade de Coimbra das coleções e aparêlhos de física é dispendiosa, sem que traga qualquer vantagem para ninguem, visto que em Coimbra existem já bem melhores e notáveis coleções de zoologia e aparêlhos de física.

2.º - Que o tratamento e guarda dessas coleções e aparelhos estão perfeitamente confiados á guarda do empregado Sebastião Antunes.

3.º - Que havendo em Castelo Branco um liceu central absolutamente desprovido de gabinete de física e de história natural, a este liceu deviam ser confiados os aparêlhos de física e coleções de história natural.

4.º - que á biblioteca do mêsmo liceu devem ser confiados os livros existentes na biblioteca do extinto colégio de S. Fiel.

Compreendem V. Ex.<sup>as</sup> os pedidos que por diversos professores, párocos, comissões paroquiais administrativas e Misericórdias foram enviados á comissão encarregada de dar parecer sobre a aplicação e destino do mobiliário e material existente no extinto colégio de S. Fiel. Muito agradecerei a V. Ex.<sup>as</sup> o favor de acusarem a recepção deste e dos documentos que o acompanham.

Saudade e fraternidade.

Castélo Branco – Louriçal do Campo, 16 de janeiro de 1912

(a) *José Ramos Preto.*

Fonte: «O Colegio de S. Fiel e a ‘caveira de burro’», *Noticias da Beira. Samanario Republicano*, Ano 8º, nº375, Castelo Branco, 21 de janeiro de 1912, pág. 1.

### **Anexo A5 – Descontentamento por parte do jornal *Notícias da Beira* acerca do destino dado às coleções de São Fiel – 3 de março de 1912**

Dizem os jornais de Lisboa:

#### **Foi apresentado o relatoria da vistoria á propriedade de S. Fiel, em Castélo Branco.**

O juiz de direito sr. de. Afonso Melo, que pela comissão jurisdicional dos bens das extintas congregações religiosas, fõra encarregado de vistoriar a propriedade de S. Fiel, em Castélllo Branco, estudar as condições da sua administração e propor medidas tendentes ao melhor aproveitamento do edifício e do seu recheio, acaba de regressar da sua missão, apresentando um valioso e documentado relatório, propondo importantes medidas, que vão, sem demora, ser postas em pratica.

Segundo nos consta, além do arrendamento de alguns dos predios rústicos de S. Fiel, vae dar se destino ás valiosas colecções botânicas e zoológicas que se encontram no colégio, e cujo tratamento tem estado confiando a um empregado. Parece que uma grande parte das colecções será confianda á Universidade de Coimbra, para fazer parte dos seus museus de estudos superiores.

E então cá para o districto?!!

E então cá para o districto?!!

Fonte: «O antigo colégio de S. Fiel», *Noticias da Beira. Samanario Republicano*, Ano 8º, nº381, Castelo Branco, 3 de março de 1912, pág. 2.

### **Anexo A6 – Destino dado às colecções do Colégio de São Fiel – 17 de março de 1912**

Vai ser publicado um decreto, confiando á faculdade de sciencias da Universidade de Coimbra a guarda e conservação das colecções scientificas e aparelhos que existiam no extinto colegio de S. Fiel e que pelo seu character sejam proprios para o estudos superiores.

Quaisquer exemplares das colecções zoológicas ou botânicas ou ainda aparelhos de física e química que sejam próprias para estudos secundários, serão pela mesma faculdade e nas mesmas condições, confiadas ao liceu de Castélo Branco.

Neste sentido haviam intervindo, por suar ordem, a comissão composta dos srs. drs. Ramos Preto, Alves da Mota, Marques de Carvalho e Xavier Pereira, em seu nome e por sua própria iniciativa o primeiro, a Camara Municipal e o corpo docente do Liceu desta cidade.

Não foram baldados estes esforços. O destino indicado era justo e devido. Devemos, porém, regozijar-nos por ser emfim feita justiça.

Fonte: «O material de ensino de S. Fiel», *Noticias da Beira. Samanario Republicano*, Ano 8º, nº383, Castelo Branco, 17 de março de de 1912, pág. 1.

### **Anexo A7– Decreto – Colecções de São Fiel ficam à guarda provisória da Universidade de Coimbra e do Liceu de Castelo Branco**

Direcção Geral dos Negócios de Justiça

Comissão Jurisdicional dos bens das extintas congregações religiosas

Sob proposta do Ministro da Justiça e nos termos do n.º 7, do artigo 1.º do decreto de 6 de Abril de 1911: hei por bem decretar que sejam confiados, a título precário e mera guarda, à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra as colecções científicas, zoológicas e botânicas, que se encontram no Colégio de S. Fiel, bem como o arsenal de física e química, colecção e arsenal que pelo seu carácter sejam próprios para o ensino superior das sciências a que se respeitam.

Nos mesmos termos, será entregue por um representante da Comissão Jurisdicional dos bens das extintas congregações religiosas, ao Liceu de Castelo Branco, tudo o mais que pelas suas condições seja utilizável ao ensino liceal secundário.

As entregas são feitas por meio de inventário pormenorizado, ficando as despesas de acondicionamento, transporte e quaisquer outros inerentes ao cargo dos estabelecimentos a quem são feitas as cedências.

Os autos serão assinados, respectivamente, por um representante da Comissão Jurisdicional dos bens das extintas congregações religiosas, um delegado da Faculdade de Ciências, e um comissionado do Liceu.

Paços do Governo da República, a 5 de abril de 1912. = *Manuel de Arriaga* = *António Macieira*.

Secretaria Geral da Justiça, em 8 de abril de 1912 = O Secretário Geral, *Germano Martins*.

Fonte: Decreto - *Diário do Governo* n.º 83/1912

### **Anexo A8 – Acta da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra**

Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Director Dr. Luís da Costa, Vogais presentes: Drs. J. Henriques, Souto Rodrigues, J. Bruno, T. Bastos, Costa Lobo, Luciano, A. Basto, B. Aires, E. Tamagnini e eu secretário Egas Pinto Basto.

Os professores de Botânica, Zoologia e Física falam das colecções e instrumentos científicos recebidos da Comissão das Congregações Religiosas e pertencentes ao extinto Colégio de S. Fiel declarando serem algumas das colecções de extraordinário valor.

O Dr. Luís da Costa propõe para ficar na acta um voto de agradecimento ao Dr. J. Henriques por, por sua iniciativa, ter conseguido tão importante oferta.

O Dr. J. Henriques propões que a faculdade dirija os seguintes ofício de agradecimento:

- 1) ao Senhor Ministro da Justiça;
- 2) ao Dr. Afonso de Melo Pinto Veloso;
- 3) À Comissão das Congregações Religiosas especializando o vogal encarregado de fazer a entrega dos objectos – pela boa vontade que mostraram em satisfazer o pedido das referidas colecções e instrumentos. A faculdade aprovou.

O Dr. Tamagnini mostrou os inconvenientes que podem trazer para a faculdade certas disposições das novas reformas de ensino no que dizem respeito aos alunos, que se dedicam ao magistério secundário. A faculdade concordou com o Dr. Tamagnini mas foi de parecer que este assunto juntamente com muitos outros devem ser tratados mais tarde.

E de nada mais se tratou nesta congregação de que eu secretário lavrei a presente acta.

*Luís da Costa e Almeida*

*Júlio A. Henriques*

*José Bruno de Cabedo*

Fonte: «Congregação de 20 de abril de 1912». *Actas da Faculdade de Ciências (1911-1927)*, I, pp. 8-8v.

**Anexo A9– Carta de Cândido de Azevedo Mendes S.J. ao Dr. Júlio Henriques, diretor do Herbário da Universidade de Coimbra, sobre as coleções do Colégio de São Fiel [manuscrita] – 18 de Outubro de 1912**

(...) Salamanca 18 X 1912

Exmo. Dr. Julio A. Henriques

Vi num jornal que as colleções de historia natural do Collegio de S. Fiel iam ser confiadas á guarda temporária da Universidade de Coimbra. Não sei se o governo pensa em restitui-las em algum tempo aos seus auctores e únicos donos ou não.

Em qualquer das hypotheses, por ellas nos interessamos, como V. Ex<sup>a</sup>. bem compreende, e não tiramos dellas os olhos e as esperanças como quem tinha nellas o fruto de tantos trabalhos e despesas e a base indispensável para os estudos da sua especialidade.

Se em alguma ocasião a voz e o parecer auctorizado de V. Ex<sup>a</sup>. poder concorrer para essa restituição, espero que não faltará em nos fazer mais esse favor.

Ainda que a minha especialidade não é de Botanica mas sim de Lepidopteros, igualmente me interesse por todas as colleções de S. Fiel, pois disso me encarregaram os seus auctores ao dispersarem para paizes mais remotos.

As colleções de Botanica são de facil transporte já pela sua natureza, ká pelo acondicionamento em que estavam. Não succede o mesmo ás de entomologia e sobre todas á minha de lepidópteros. Receio muito que o seu transporte inutilize muitos exemplares.

Aqui me conservo a cuidar da rimpessão da Brotéria, que este anno já se publica regularmente.

Desde já agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. todos os favores que neste assumpto nos posso fazer.

(...)

P. Cândido Mendes de Azevedo

Fonte: [Carta], 1912 jan. 26, Salamanca, [a] Dr. Júlio A. Henriques, [Coimbra]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/html/10316.2/10338/globalItems.html?ln=pt> [Consultado a: 8 de outubro de 2018].

## B – Imagens

### Anexo B1 – Colégio de São Fiel



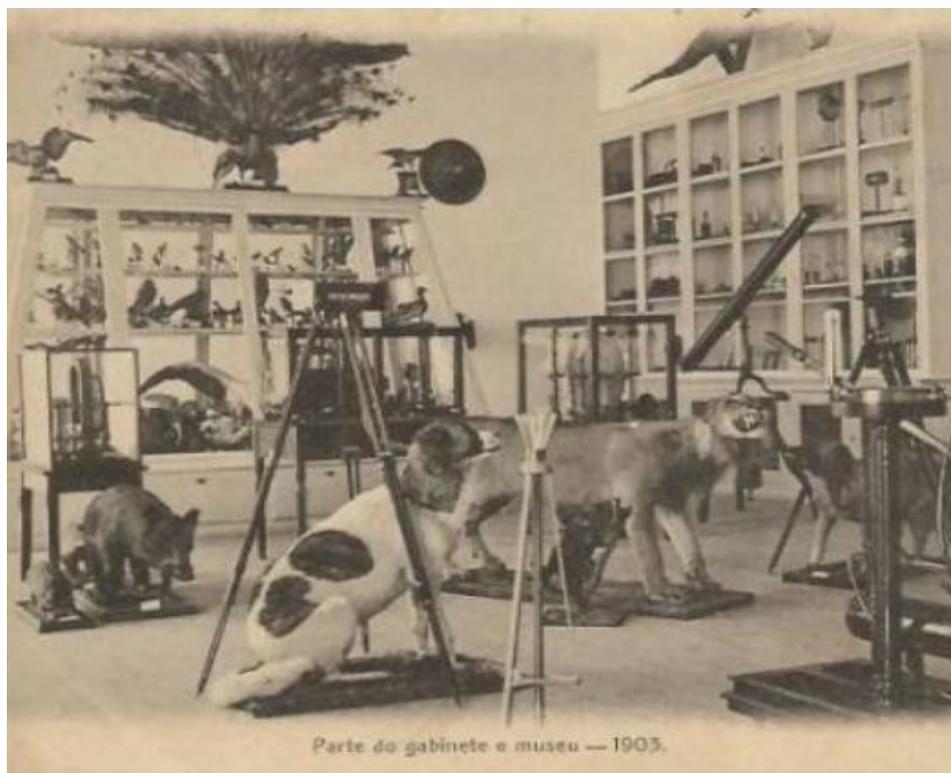
**Fonte:** Luíz Gonzaga de Azevedo S.J., *Proscritos*, Segunda Parte, Bruxelas, E. DAEM, 1914.

Disponível em: <http://purl.pt/12893>. [Consultado a: 27 de novembro de 2018], pág. 14.

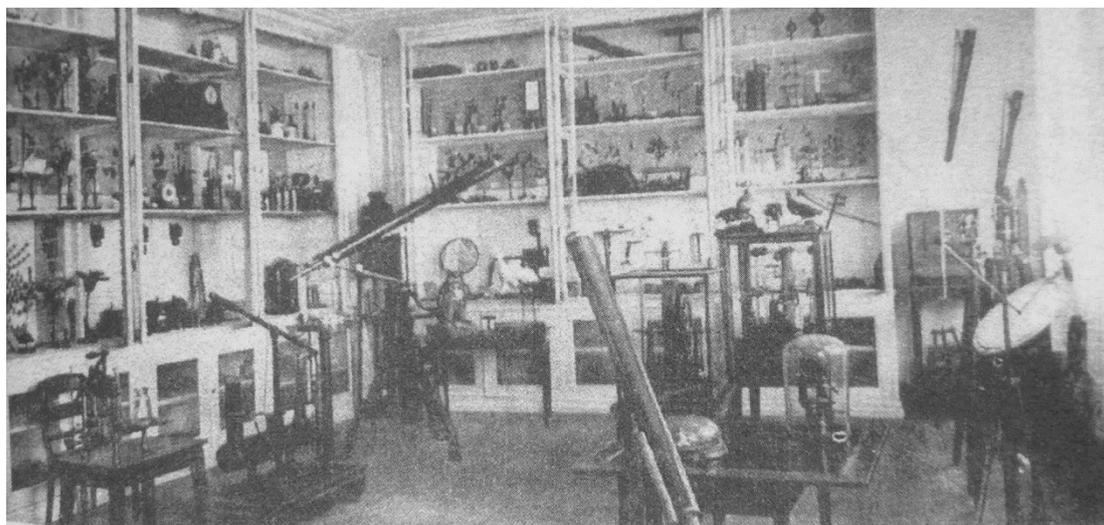
### Anexo B2 – Visita dos alunos do Colégio de Campolide ao Colégio de São Fiel



**Fonte:** <https://louricaldocampo.com/galeria.htm> [consultado a 31 de agosto de 2019]

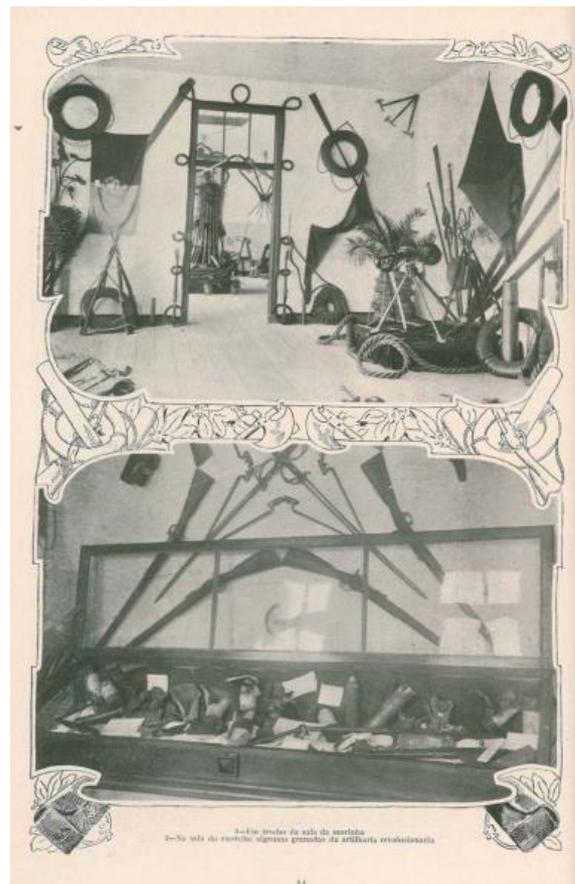
**Anexo B3 – Museu de História Natural de São Fiel**

Fonte: <https://louricaldocampo.com/galeria.htm> [consultado a 31 de agosto de 2019]

**Anexo B4 – Gabinete de Física do Colégio de São Fiel**

Fonte: Associação Hisculteduca (org.), *O Ensino dos Jesuítas e o Colégio de São Fiel (1863-1910)*, Castelo Branco, RVJ editores, 2016, pp. 113-266.

**Anexo B5 – Museu da Revolução na *Ilustração Portuguesa* – janeiro de 1911**





Fonte: «O Museu da Revolução», *Ilustração Portuguesa*, nº255, Lisboa, 9 de janeiro de 1911.

Disponível em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1911/N255/N255\\_master/N255.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1911/N255/N255_master/N255.pdf)

[consultado a 1 de março de 2019]

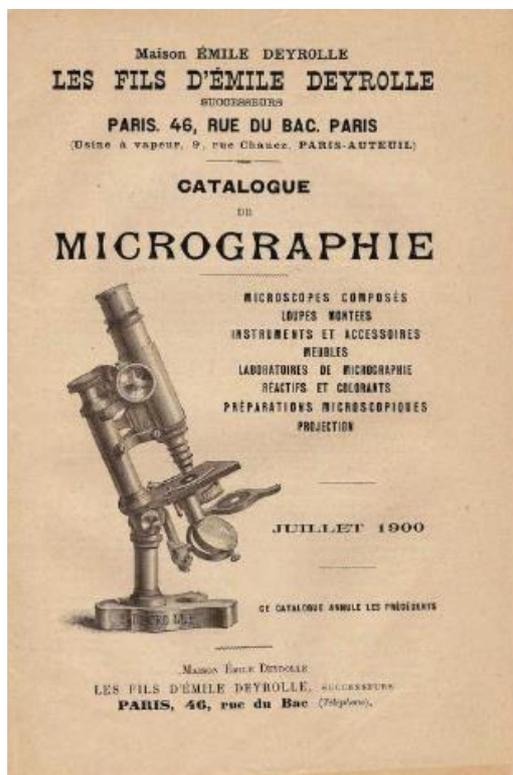
## Anexo B6– O Museu das Congregações, em 1921



Fonte: «Um Museu Curiosíssimo», *Ilustração Portuguesa*, II série, nº 807, Lisboa, 6 de agosto de 1921, pág. 91. Disponível em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1921/N807/N807\\_master/N807.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1921/N807/N807_master/N807.pdf) [consultado a 1 de março de 2019].

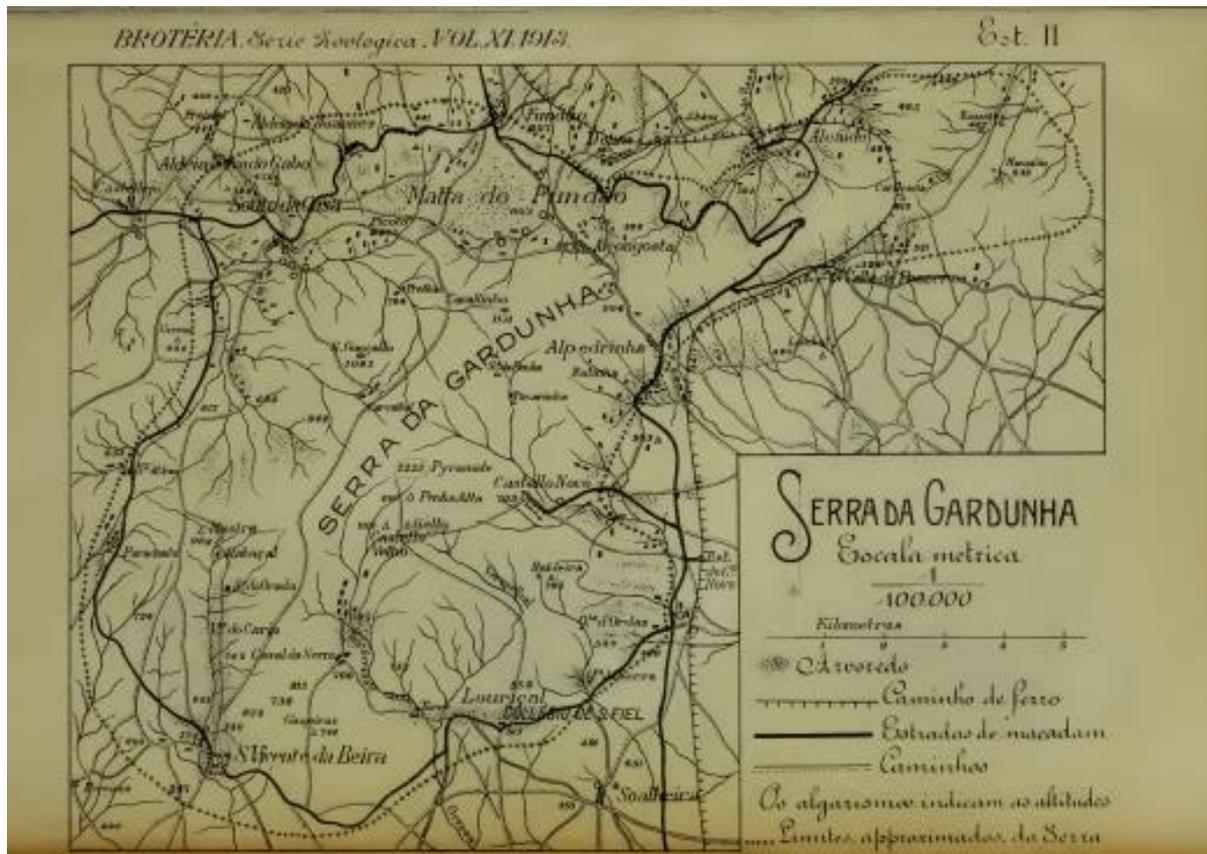
**Anexo B7 – Cecídias de Joaquim da Silva Tavares (Brotéria 1905)**

Fonte: *Brotéria. Revista de Ciências Naturaes do Collegio de S. Fiel*, volume 4º, Lisboa, La Bécarre, 1905, estampa II. Disponível em: <https://bit.ly/2jSVJIU> [consultado a 20 de julho de 2019].

Anexo B8 – Catálogos de *Les Fils D'Emile Deyrolle* – Julho de 1900 e maio de 1910

Fonte: <http://www.museocabrerapinto.es/blascabrera/fondos-documentales/catalogos/> [consultado a 20 de maio de 2019]

## Anexo B9 – Serra da Gardunha



Fonte: *Broteria. Revista Luso-Brazileira, Série Zoológica*, volume XI, Braga, Typ. A Vapor de Augusto de Augusto Costa & Matos, 1913, estampa II. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/177261> [Consultado a. 15 de julho de 2019].

**Anexo B10 – Ave do Colégio de São Fiel nas reservas de Zoologia**



**Anexo B11 – Etiqueta original do Museu de S. Fiel**



**Anexo B12 – Etiqueta colocada posteriormente no Museu Zoológico, datada de abril de 1912**



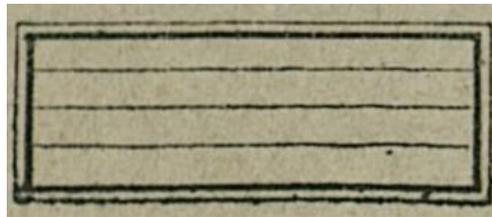
**Anexo B13 – Etiqueta rebordada a azul**



**Anexo B14 – Peixe-cofre, originário da coleção de São Fiel, em exposição**



**Anexo B15 – Rectângulo a que se refere Cândido Mendes de Azevedo S.J que servia para se identificarem os exemplares**



Fonte: Cândido Mendes de Azevedo S.J., «Maneira practica de caçar, preparar e conservar as borboletas», Brotéria. Revista de Ciências Naturaes do Collégio de S. Fiel, Vol. 2º, Lisboa, La Bécarre, 1903, pág. VIII.

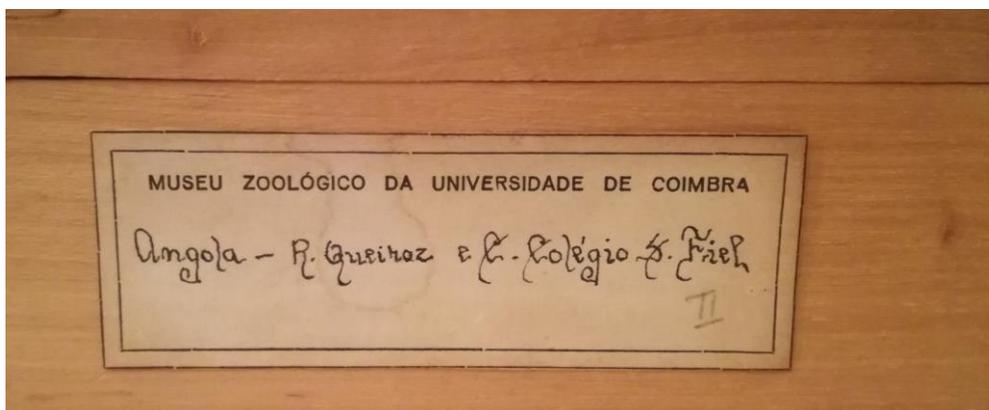
**Anexo B16 – Armário originário de São Fiel que alberga parte da coleção de Cândido Mendes de Azevedo S.J.**



### Anexo B17 – Gaveta da coleção de lepidópteros



### Anexo B18 – Exemplo de identificação das Coleções Entomológicas de África



**Anexo B19 – Coleção de Coleópteros – pormenor da etiqueta «Leg. L. Lopes»**



**Anexo B20 – Alguns coleópteros de São Fiel no Museu da Ciência**



### Anexo B21 – Lepidópteros africanos de São Fiel



Anexo B22 – Uma das coleções de São Fiel não identificadas (parte exterior) encontrada enquanto se realizava a contagem de exemplares



**Anexo B23 – Pormenor de etiqueta: «Leg. Silvano»**



**Anexo B24 – Exemplares não identificados de São Fiel juntamente com outros espécimes de outras coleções: pormenor etiqueta «Leg. [?] Tavares»**



### Anexo B25 – Exemplos conservados em frascos



## C – Tabelas

<b>Anexo C1 – Lista de exemplares inventariados no MCUC</b>				
<b>Nº na tabela</b>	<b>Número Exemplar</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Coleção onde foi integrada</b>
1	ZOO.0004912	<i>Psittacus erithacus erithacus</i> Linnaeus, 1758	Papagaio-cinzento	Aves da Região Afrotropical
2	ZOO.0005183	<i>Corvus albicollis</i> Latham, 1790	Corvo-das-montanhas	Aves da Região Afrotropical
3	ZOO.0005207	<i>Procellaria aequinoctialis aequinoctialis</i> Linnaeus, 1758	Galinha-do-cabo	Aves da Região Afrotropical
4	ZOO.0005189	<i>Egretta alba melanorhynchus</i> (Wagler, 1827)	Egreta-grande	Aves da Região Afrotropical
5	ZOO.0005190	<i>Ciconia abdimii</i> Lichtenstein, 1823	Cegonha-de-barriga-branca	Aves da Região Afrotropical
6	ZOO.0005180	<i>Ephippiorhynchus senegalensis</i> (Shaw, 1800)	Jaribu	Aves da Região Afrotropical
7	ZOO.0005184	<i>Treron calva delalandii</i> (Bonaparte, 1854)	Pombo-verde	Aves da Região Afrotropical
8	ZOO.0005185	<i>Poicephalus robustus suahelicus</i> Reichenow, 1898	Piriquito-de-bico-grosso	Aves da Região Afrotropical
9	ZOO.0005186	<i>Poicephalus meyeri transvaalensis</i> Neumann, 1899	Piriquito de Meyers	Aves da Região Afrotropical

10	ZOO.0005173	<i>Corythaixoides concolor concolor</i> (A. Smith, 1833)	Galo-do-mato	Aves da Região Afrotropical
11	ZOO.0005181	<i>Musophaga porphyreolopha chlorochlamys</i> (Shelley, 1881)	Turaco-de-crista-vermelha	Aves da Região Afrotropical
12	ZOO.0005182	<i>Musophaga porphyreolopha chlorochlamys</i> (Shelley, 1881)	Turaco-de-crista-vermelha	Aves da Região Afrotropical
13	ZOO.0005176	<i>Bycanistes bucinator</i> (Temminck, 1824)	Calau-trombeteiro	Aves da Região Afrotropical
14	ZOO.0005171	<i>Terpsiphone viridis granti</i> (Roberts, 1948)	Tutu-da-Índia, Papa-moscas-do-Paraíso	Aves da Região Afrotropical
15	ZOO.0002149	<i>Apteryx australis australis</i> Shaw, 1813	Kiwi	Aves da Região Afrotropical
16	ZOO.0002749	<i>Ciconia ciconia ciconia</i> Linnaeus, 1758	Cegonha-branca	Aves de Portugal
17	ZOO.0002750	<i>Ciconia ciconia ciconia</i> Linnaeus, 1758	Cegonha-branca	Aves de Portugal
18	ZOO.0002226	<i>Ciconia ciconia ciconia</i> Linnaeus, 1758	Cegonha-branca	Aves de Portugal
19	ZOO.0002789	<i>Porphyrio porphyrio porphyrio</i> (Linnaeus, 1758)	Camão, Caimão-Comum	Aves de Portugal

20	ZOO.0002238	<i>Ardea purpurea purpurea</i> Linnaeus, 1766	Garça-Vermelha	Aves de Portugal
21	ZOO.0002679	<i>Gallinula chloropus chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	Galinha-d'água	Aves de Portugal
22	ZOO.0005626	<i>Aepyceros melampus petersi</i> Bocage	Impala, Cabra-saltadora	Mamíferos do Museu Zoológico
23	ZOO.0005342	<i>Mungos mungo mungo</i> (Gmelin, 1788)	Mangusto-pequeno	Mamíferos do Museu Zoológico
24	ZOO.0005177	<i>Galerella ratlamuchi ignitoides</i> (Roberts, 1930)	Manguço, Mangusto	Mamíferos do Museu Zoológico
25	ZOO.0003463	<i>Eliomys quercinus lusitanicus</i> (Reuvens, 1890)	Rato-dos-pomares	Mamíferos do Museu Zoológico
26	ZOO.0004909	<i>Canis adustus adustus</i> Sundevall, 1846	Chacal-de-flancos-raiados	Mamíferos do Museu Zoológico
27	ZOO.0002880	<i>Genetta genetta genetta</i> (Linnaeus, 1758)	Geneta	Mamíferos do Museu Zoológico, Anomalias e monstrosidades
28	ZOO.0005565	<i>Sepia officinalis</i> Linnaeus, 1758	Choco	Moluscos de Portugal (CP)

<b>Anexo C2 – Lepidópteros de Cândido Mendes presentes no MCUC identificadas por Corley<sup>275</sup> (não inventariadas)</b>			
<b>Identificação Mendes ou identificação da Coleção</b>	<b>Identificação atualizada por Corley</b>	<b>Coleção</b>	<b>Notas</b>
<i>Micropterix aureatella</i> (Scopoli, 1763)	<i>Micropterix ibericella</i> Caradja, 1920	Coleção Nacional	1 exemplar; fêmea
<i>Stigmella viscerella</i> (Stainton, 1853)	X	Coleção Nacional	Exemplar sem abdómen e por isso não identificável; provavelmente pertence a outra espécie
<i>Eudarcia pagensteherella</i> (Hübner, 1825)	<i>Eudarcia alberti</i> (Amsel, 1957)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	2 exemplares, provenientes do Barro.
<i>Bucculatrix myricae</i> Ragonot, 1879	<i>Bucculatrix demaryella</i> (Duponchel, 1840)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Phyllonorycter spinicolella</i> (Zeller, 1846)	<i>Phyllonorycter cerasicolella</i> Herrich-Schäffer, 1855	Coleção Nacional	Vários exemplares, não específica número.
<i>Ethmia pusiella</i> (Linnaeus, 1758)	<i>Ethmia bipunctella</i> (Fabricius, 1775)	Coleção Nacional	2 exemplares
<i>Elachista argentella</i> (Clerck, 1759)	<i>Opostega salaciella</i> (Treitschke, 1833)	Coleção Nacional	1 exemplar, traça branca
<i>Elachista argentella</i> (Clerck, 1759)	X	Coleção Nacional	1 exemplar, traça branca, bastante

<sup>275</sup> Martin Corley, «The Lepidoptera collections of deceased Portuguese entomologists. II», *Entomologist's Gazette*, volume 66, 2015, pp. 25-49.

			danificada (sem cabeça)
<i>Elachista argentella</i> (Clerck, 1759)	X	Coleção Nacional	4 exemplares, castanho acinzentadas, não estão identificadas
<i>Ekachista pollinariella</i> Zeller, 1839	<i>Eucalybites auroguttella</i> (Stephens, 1835)	Coleção Nacional	2 exemplares sem identificação, provavelmente coletados por Mendes
<i>Eulachista obliquella</i> ( <i>megerlella</i> auct. Nec. Hübner, 1810)	<i>Eucalybites auroguttella</i> (Stephens, 1835)	Coleção Nacional	2 exemplares, identificados como <i>Eulachista megerlella</i> .
<i>Pleurota nobiella</i> Rebel, 1900	<i>Pleurota honorella</i> (Hübner, 1813)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Pleurota protasella</i> Staudinger, 1883	<i>Pleurota ericella</i> (Duponchel, 1839)	Coleção Nacional	2 exemplares
<i>Lecithocera nigrana</i> (Duponchel, 1836)	<i>Eurodachtha canigella</i> (Caradja, 1920)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Lecithocera nigrana</i> (Duponchel, 1836)	<i>Eurodachtha pallicornella</i> (Staudinger, 1859)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Megacraspedus dejectella</i> (Staudinger, 1859)	Provavelmente: <i>Ptocheuusa paupella</i> (Zeller, 1847)	Coleção Nacional	1 exemplar, sem abdómen
<i>Caryocolum junctella</i> (Douglas, 1851)	<i>Caryocolum marmórea</i> (Haworth, 1828)	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Corley; Gen. Prep. 3834
<i>Brachodes diakona</i> (Lederer, 1858)	<i>Brachodes gaditana</i> (Rambur, 1866)	Coleção Nacional	1 exemplar

<i>Diceratura roseofasciana</i> (Mann, 1855)	<i>Diceratura amaranthica</i> Razowski, 1963	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar
<i>Acleris permutana</i> (Duponchel, 1836)	<i>Acleris variegana</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Cnephasia wahlbomiana</i> (Linnaeus, 1758)	<i>Cnephasia stephensiana</i> (Doubleday, 1849)	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Corley, gen. Prep. 3832
<i>Hedya ochroleucana</i> (Frölich, 1828)	<i>Celypha lacunana</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção Nacional	1 exemplar,
<i>Hedya ochroleucana</i> (Frölich, 1828)	<i>Hedya nubiferana</i> (Haworth, 1811)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Celypha rurestrana</i> (Duponchel, 1843)	Provavelmente: <i>Celypha lacunana</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção Nacional	1 exemplar, danificado
<i>Pempeliella sororiella</i> (Zeller, 1839)	<i>Pempeliella ardotiella</i> (Ragonot, 1887)	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Corley, gen. Prep. 3876
<i>Psorosa nucleolella</i> (Möschler, 1866)	<i>Psorosa mediterranea</i> Amsel, 1953	Coleção Nacional	1 exemplar
-	<i>Dioryctria mendacella</i> (Staudinger, 1859)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários, não especifica
<i>Mesocrambus candiellus</i> (Herrich-Schäffer, 1848)	<i>Mesocrambus tamsi</i> Bleszynski, 1960	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Corley. Gen. Prep. 3892.
<i>Metaxmeste sericatalis</i> (Herrich-Schäffer, 1848)	<i>Metaxmeste scharankiana</i> (Hochenwarth, 1786)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Ennomos quercianaria</i> (Hufnagel, 1767)	<i>Ennomosalniaria</i> (Linnaeus, 1758)	Coleção Nacional	1 exemplar

<i>Charissa onustaria</i> (Herrich-Schäffer, 1852)	<i>Charissa predotae</i> (Schawerda, 1929)	Coleção Nacional	Vários, não específica
-	<i>Charissa mucidaria</i> (Hübner, 1799)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	6 exemplares, etiqueta “Barro”
<i>Coenotephria salicata</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	<i>Nebula ibericata</i>	Coleção Nacional	Vários, não específica
<i>Eilithis populata</i> (Linnaeus, 1578) ( <i>dotota</i> Linnaeus, 1758)	<i>Gandaritis pyraliata</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção de Cândido Mendes de Azevedo	2 exemplares, identificados com «Matta do Fundão»
<i>Eupithecia pimpinellata</i> (Hübner, 1813)	<i>Eupithecia millefoliata</i> Rössler, 1866	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Etiqueta «Cadr. 28.vii.», det. Corley, gen. Prep. 3865
<i>Abrostola asclepiadis</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	<i>Abrostola triplasia</i> (Linnaeus, 1758)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários, não específica
<i>Cucullia santolinae</i> Rambur, 1834	<i>Cucullia calendulae</i> Treitschke, 1835	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários exemplares, não específica
<i>Caradrina kadenii</i> (Freyer, 1836)	<i>Caradrina próxima</i> (Rambur, 1837)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários exemplares, não específica
<i>Agrochola litura</i> (Linnaeus, 1758)	<i>Agrochola lychnidis</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção Nacional	2 exemplares, presumivelmente da Coleção de Cândido Mendes
<i>Eremohadena halimi</i> (Millière, 1877)	<i>Rhycia simulans</i> (Hufnagel, 1766)	Coleção Nacional	2 exemplares.
<i>Tholera cespitis</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	<i>Aporophyla chioleuca</i> (Herrich-Schäffer, 1850)	Coleção Nacional	1 exemplar

<i>Phyllonorycter blancardella</i> (Fabricius, 1781)	-	Coleção Nacional	3 exemplares. 1 exemplar foi dissecado (gen. Prep. 3977), e revelou ser uma fêmea <i>Phyllonorycter mespilella</i> (Hübner, 1805)
<i>Depressaria ululana</i> Rössler, 1866	<i>Depressaria badiella</i> (Hübner, 1796)	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Croley; Gen. Prep. 3847.
<i>Scrobipalpa salinella</i> (Zeller, 1847)	<i>Bryotropha</i>	Coleção Nacional	1 exemplar, sem abdómen. Só conseguiu identificar o género
<i>Cochylis nana</i> (Haworth, 1811)	<i>Cochylis pallidana</i> Zeller, 1847	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Croley. Gen. Prep. 3844
<i>Prochoreutis myllerana</i> (Fabricius, 1794)	<i>Tebenna micalis</i> (Mann, 1857)	Coleção Nacional	1 exemplar, más condições de conservação
<i>Merrifieldia baliodactylus</i> (Zeller, 1841)	<i>Merrifieldia tridactyla</i> (Linnaeus, 1758)	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Corley, Gen. Prep. 3887
<i>Aphomia zelleria</i> Joannis, 1932	<i>Lamoria anella</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção Nacional	1 exemplar. Fêmea.
<i>Delplanqueia dilutella</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775) (Mendes identificou como <i>subornatella</i> Duponchel, 1836.	<i>Moitrelia hispanella</i> (Staudinger, 1859)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Phycita roborella</i> ([Denis & Schiffermüller, 1775],	<i>Phycita torrenti</i> Agenjo, 1962	Coleção Nacional	1 exemplar. Det. Corley, Gen. Prep. 3868.

-	<i>Chloroclysta siterata</i> (Hufnagel, 1767)	Coleção Nacional	Vários exemplares, não específica
<i>Tephroclystia roederaria</i> Standfuss, 1885	<i>Eupithecia pantellata</i> Millière, 1875	Coleção Nacional	2 exemplares
<i>Cyclophora linearia</i> (Hübner, 1799)	<i>Cyclophora suppunctaria</i> (Zeller, 1847)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Scopula submututa</i> (Treitschke, 1828)	<i>Scopula rufimixtaria</i> (Graslin, 1863)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Furcula fúrcula</i> (Clerck, 1759)	<i>Furcula bífida</i> (Brahm, 1787)	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Catocala sponsa</i> (Linnaeus, 1767)	<i>Catocala oberthueri</i> Austaut, 1879	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Hydrilulla pallustris</i> (Hübner, 1808)	<i>Nodaria nodosalis</i> (Herrich-Schäffer, 1851)	Coleção Nacional	1 exemplar
-	<i>Atethmia algerica</i> (Culot, 1917)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários exemplares, não específica
<i>Oligia strigilis</i> (Linnaeus, 1758)	<i>Mesoligia furuncula</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários exemplares, não específica
<i>Unchelea myodea</i> (Rambur, 1858)	<i>Denticucullus</i>	Coleção Nacional	1 exemplar. Sem abdómen, logo não se pode identificar a espécie.
<i>Hadena bicruris</i> (Hufnagel, 1766)	<i>Hadena sancta</i> (Staudinger, 1859)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar
-	<i>Hadena confusa</i> (Hufnagel, 1766)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários exemplares, não específica

<i>Orthosia gracilis</i> ([Denis & Schiffermüller], 1775)	<i>Orthosia cerasi</i> (Fabricius, 1775)	Coleção Nacional	Vários, não específica. Provavelmente coletados por Mendes.
-	<i>Phiaris predotai</i> (Hartig, 1938)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar. Det. Corley, gen. Prep. 3866
-	<i>Idaea dromikos</i> Hausmann, 2004	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	2 exemplares. Corley gen. Prep. 3869 e 3871. Um exemplar identificado como <i>Acidalia emarginata</i>
<i>Adela croesella</i> (Scopoli, 1763)	-	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar, em más condições de preservação
<i>Coleophora juncicolella</i> Stainton, 1851	-	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Coleophora phlomidella</i> Christoph, 1862	<i>Coleophora inusitatella</i> Caradja, 1920	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar, sem abdómen
<i>Mompha divisella</i> Herrich-Schäffer, 1854	-	Coleção Nacional	1 exemplar, Gen Prep. 3883
<i>Eugnosta lathoniana</i> (Hübner, 1800)	-	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar
<i>Rhyacionia duplana</i> (Hübner, 1813)	-	Coleção Nacional	2 exemplares. Gen. Prep. 3831
<i>Autophila dilucida</i> (Hübner, 1808)	-	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	Vários exemplares, não específica
<i>Panchrysia deaurata</i> (Esper, 1787)	-	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Eublemma arcuinna</i> Hübner 1793, var. <i>blandula</i>	<i>Odice blandula</i> (Rambur, 1858)	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar

<i>Metachrostis dardouini</i> (Boisduval, 1840)	-	Coleção Nacional	1 exemplar
<i>Euxoa conspicua</i> (Hübner, 1824)	-	Coleção Cândido Mendes de Azevedo	1 exemplar
<i>Choreutis pariana</i> (Clerck, 1759)	<i>Choreutis nemorana</i> (Hübner, 1799)	Coleção Nacional	2 exemplares

**Anexo C3 – Nº de exemplares da Coleção Entomológica proveniente de São Fiel**

<b>Ordem de Insetos</b>	<b>Número de exemplares</b>
Coleópteros	675
Lepidópteros (de África)	699
Hemípteros	176
Ortópteros	41
Odonata	2
<b>Total:</b>	<b>1593</b>